



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE PAULA FRASSINETTI

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Os portefólios das crianças como um instrumento potenciador da aprendizagem

Elaborado por Ana Isabel Pinto da Silva

Orientado pela Doutora Brigitte Silva

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-
Escolar

Porto, 2019

Agradecimentos

A todos os que me acompanharam neste percurso da minha vida, é como enorme gratidão que expresso o meu agradecimento pelo que são e fizeram por mim, para que este sonho se realizasse.

À minha orientadora, Doutora Brigitte Silva, pela enorme partilha de saberes, pela dedicação, pela disponibilidade ao longo desta etapa e pelo constante rigor na construção e evolução do presente relatório.

À minha família, por me apoiarem, por acreditarem em mim e por serem um suporte constante ao longo desta caminhada.

Ao meu namorado, Carlos Santos, pelo amor, amizade e dedicação em todos os momentos e por acreditar que sou capaz.

À Ana Maia e Manuela Santos, pelo constante incentivo ao longo deste percurso, por todos os momentos/alegrias partilhados/as e por definirem tão bem as palavras amizade e companheirismo.

À Catarina Morais e Márcia Vidal, pela amizade e por todo o apoio ao longo deste caminho.

À instituição de estágio, em especial, à educadora cooperante D., pela sua amabilidade e confiança depositada em mim e por se mostrar sempre disponível em ajudar.

A todas estas pessoas dedico este trabalho.

Resumo

O presente relatório de estágio integra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar. A sua principal intencionalidade é compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover às crianças.

Desta forma, ao longo deste percurso procurou-se dar resposta à seguinte pergunta de partida: “Que aprendizagens a construção dos portefólios pode proporcionar às crianças?”. Os principais objetivos deste trabalho incidiram, assim, em entender o que é um portefólio, em especificar as características do processo de construção de um portefólio, em compreender o papel da criança e do educador no processo de elaboração de um portefólio, e, por fim, em perceber quais as aprendizagens que podem ser promovidas no processo de elaboração dos portefólios.

Assim sendo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, entrevistas a três educadoras de infância e a vinte e seis crianças da sala dos cinco anos e, por fim, um inquérito por questionário a educadoras de infância e a estagiárias finalistas desta área.

Palavras-Chave: portefólios; promoção; crianças; educador de infância; participação; aprendizagem; educação pré-escolar.

Abstract

This internship report is part of the Supervised Teaching Practice of the MSc in Pre-School Education. Its main intention is to understand how learning the construction of portfolios can develop children.

Thus, along this route, the goal was to answer the following question: "What type of learning does the construction of portfolios give to children?". The main objectives of this work were therefore to understand what a portfolio is, to specify the characteristics of the process of building a portfolio, to understand the role of the child and the educator in the process of drawing up a portfolio, and finally, in understanding which skills can be promoted in the process of elaborating portfolios.

In this context, a bibliographic survey was conducted, as well as interviews with three kindergarten teachers and twenty-six children of the five-year-old classroom, and, finally a questionnaire survey of pre-school educators and finalist interns in this field.

Keywords: portfolios; promotion; children; childhood educator; participation; learning; pre-school education.

Índice

INTRODUÇÃO	6
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	8
1.1. AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA.....	8
1.1.1. AVALIAÇÃO COMO ELEMENTO REGULADOR DA PRÁTICA EDUCATIVA	12
1.1.2. PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS NA AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS.....	13
1.1.3. A AVALIAÇÃO COMO APRENDIZAGEM	14
1.1.4. ESTRATÉGIAS E INSTRUMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS.....	17
1.2. PORTEFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA, PARA E COMO APRENDIZAGEM	18
1.2.1. VANTAGENS E DIFICULDADES DA UTILIZAÇÃO DO PORTEFÓLIO	21
1.2.2. PORTEFÓLIO COMO INSTRUMENTO POTENCIADOR DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA.....	22
2. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	29
2.1. TIPO DE ESTUDO	29
2.2. SUJEITOS PARTICIPANTES.....	30
2.3. CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO	32
2.4. PROCEDIMENTOS, TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS	33
2.5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
2.4.1. ENTREVISTAS ÀS EDUCADORAS DE INFÂNCIA	38
2.4.1.1. DADOS PESSOAIS	38
2.4.1.2. FORMAÇÃO PROFISSIONAL	38
2.4.1.3. CONTEÚDOS DO PORTEFÓLIO	39
2.4.1.4. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DOS PORTEFÓLIOS.....	39
2.4.1.5. PAPEL DO EDUCADOR DE INFÂNCIA	40
2.4.1.6. PAPEL DA CRIANÇA	40
2.4.1.7. APRENDIZAGENS PROMOVIDAS COM A CONSTRUÇÃO DOS PORTEFÓLIOS.....	41
2.4.1.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE AS ENTREVISTAS.....	43
2.4.2. ENTREVISTAS ÀS CRIANÇAS	43
2.4.2.1. FUNCIONALIDADE/ OBJETIVOS DOS PORTEFÓLIOS	43
2.4.2.2. OPINIÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DOS PORTEFÓLIOS	44
2.4.2.3. APRENDIZAGENS PROMOVIDAS COM A CONSTRUÇÃO DOS PORTEFÓLIOS	45
2.4.3. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIOS.....	46
2.4.3.1. TEMPO DE SERVIÇO	46
2.4.3.2. ELABORAÇÃO DE PORTEFÓLIOS.....	47
2.4.3.3. FORMAÇÃO SOBRE OS PORTEFÓLIOS DE CRIANÇAS	47
2.4.3.4. VANTAGENS E DESVANTAGENS DA UTILIZAÇÃO DOS PORTEFÓLIOS	48
2.4.3.5. PAPEL DAS CRIANÇAS.....	49
2.4.3.6. APRENDIZAGENS PROMOVIDAS COM A CONSTRUÇÃO DOS PORTEFÓLIOS	50
2. ANÁLISE E DISCUSSÃO FINAL DOS RESULTADOS	54
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
4. BIBLIOGRAFIA	66
ANEXOS	72

Introdução

O presente relatório de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré- Escolar, na Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, incide sobre a temática: os portefólios das crianças como uma estratégia para a aprendizagem. Deste modo, este trabalho tem como objetivo geral a compreensão das potencialidades dos portefólios na Educação Pré-Escolar como uma estratégia de aprendizagem. Já os objetivos específicos são: entender o que é um portefólio; especificar as características do processo de construção de um portefólio; compreender o papel da criança e do educador de infância no processo de elaboração de um portefólio; perceber quais as aprendizagens que podem ser promovidas no processo de elaboração dos portefólios.

Esta temática tornou-se bastante interessante para a estagiária, uma vez que teve a possibilidade de observar as diferentes competências que as crianças adquirem, ao longo do processo de elaboração do seu portefólio.

Assim sendo, o presente relatório de estágio encontra-se dividido em três partes: enquadramento teórico, metodologias de investigação, e, por fim, a análise e discussão dos dados.

Relativamente à primeira parte, esta caracteriza-se pela revisão da literatura acerca da avaliação e os portefólios de crianças. Ao longo do enquadramento teórico serão apresentadas as diferentes perspetivas dos autores em relação aos conceitos de avaliação (a avaliação como um elemento regulamentador da prática educativa, o papel das crianças na avaliação da sua aprendizagem, a avaliação como aprendizagem e os instrumentos/técnicas para a avaliação das aprendizagens) e de portefólios (portefólios como instrumentos de avaliação da, para e como aprendizagem, vantagens e desvantagens da utilização do portefólio e portefólio como instrumento potenciador da aprendizagem da criança), relacionando os portefólios com as suas possíveis aprendizagens.

No que diz respeito à segunda parte, esta refere-se às opções metodológicas, na qual são caracterizados o contexto de investigação, os participantes, os procedimentos,

os instrumentos e as técnicas de recolha e análise de dados, como a entrevista e o questionário.

Na terceira parte podemos verificar a discussão dos dados recolhidos, fazendo uma interligação entre a teoria recolhida e os dados recolhidos.

Por fim, serão feitas as considerações finais, onde será realizada uma reflexão sobre todo o processo de investigação e os seus resultados.

1. Enquadramento teórico

1.1. Avaliação na Educação de Infância

Em Portugal, a partir de 1996, com as mudanças que ocorreram ao nível das políticas educativas para a Educação de Infância, a avaliação como uma dimensão pedagógica assume uma maior importância. Esta mudança registou-se ao nível dos documentos oficiais, uma vez que, inicialmente, os documentos não faziam referência à avaliação. Posteriormente, começaram a referir-se à avaliação mas sem explicitar o conceito, e, por fim, os documentos mais recentes do Ministério da Educação, mais concretamente as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997 e 2016), a Circular nº 4 DGIDC/DSDC/2011 e a Circular nº17 DSDC/DEPEB/2007 apresentam a especificidade da avaliação na Educação Pré-Escolar, a sua dimensão formativa, as finalidades, os princípios de avaliação e os possíveis intervenientes na avaliação no contexto de Educação Pré-Escolar (Parente, 2014). Até 1996, as preocupações da avaliação expressavam-se de uma forma muito pouco sistematizada. Os contactos com as situações do quotidiano escolar permitiam atualizar, mas esse saber era muito genérico e “com pouco impacto sobre a gestão do currículo, isto é, como se concebe e desenvolve a atividade educativa através da qual a criança desenvolve as suas competências e constrói os seus saberes” (Bondoso & Pinto, 2009, p.2).

Zabalza (2000) refere algumas razões que podem ter contribuído para a emergência de um interesse mais detalhado acerca da avaliação. Assim, esse interesse surge devido a uma nova forma de conceber a educação das crianças e de conceber a avaliação como um elemento fulcral para a tomada de decisões e o aperfeiçoamento das práticas educativas.

Desta forma, a avaliação tem vindo, cada vez mais, a tornar-se complexa ao nível dos métodos, das finalidades e dos instrumentos (Gonçalves, 2008) e, por isso, como referem as autoras Craveiro & Silva (2014), verifica-se uma maior preocupação, em Portugal, em auxiliar os educadores de infância a compreenderem melhor as especificidades.

Na perspetiva de Pinto & Santos (2006), a avaliação centra-se agora numa relação privilegiada entre as crianças e o saber, cabendo ao educador de infância auxiliar neste processo.

Para além do mais, Zabalza (2000, p. 30) caracteriza a avaliação como sendo “uma peça fundamental do trabalho dos bons profissionais da educação: é em todos os níveis do sistema educativo, e é também, como não podia deixar de ser, no caso da educação de infância”. E nesse sentido, ela possibilita uma recolha sistemática de informações e implica uma tomada de consciência da ação, sendo baseada num processo contínuo de análise que sustenta a adequação do processo educativo às necessidades de cada criança e do grupo, tendo em conta a sua evolução.

Desta forma, “a avaliação tem uma importância na análise da qualidade da oferta educativa e na forma como vamos ao encontro das necessidades das crianças, em prol do seu bem-estar e com vista numa melhoria em todo o processo”, ou seja, a avaliação vai mais além do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças (Cardona & Guimarães, 2012, p.236).

Segundo Oliveira-Formosinho (2015), é importante “(...) refletir nas oportunidades de aprendizagem que o ambiente educativo apresenta para nos dedicarmos à avaliação das aprendizagens podendo assim compreendê-las em interatividade com o contexto e a riqueza das oportunidades que o contexto oferece” e, por isso, a avaliação deve ser constante, observando o desenvolvimento e as aprendizagens adquiridas pela criança (Oliveira- Formosinho, 2015, p.33).

A avaliação na educação pré-escolar é vista como um elemento fundamental de todo o processo educativo que abrange o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças, tendo em conta os seus interesses, progressos e dificuldades, em que o educador de infância planeia a sua intervenção futura e a sua avaliação, verificando as repercussões nas crianças, tal como defendem os autores Cardona & Guimarães (2012).

De facto, “ (...) é importante compreender que a avaliação só poderá ser um processo credível, rigoroso, ético e útil para todos os envolvidos se as ações de recolha,

análise e registo da informação forem tão diversificadas quanto possível” (Fernandes, 2011, p.86).

Quanto às principais finalidades referentes à avaliação em Educação Pré-escolar, recorrendo à Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, estas baseiam-se em:

“contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação que permita ao educador regular a atividade educativa, tomar decisões, planear a acção; refletir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo de modo a estabelecer a progressão das aprendizagens; recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas definidas no Programa Educativo Individual (PEI); promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança, favorecendo o desenvolvimento das suas competências e desempenhos, de modo a contribuir para o desenvolvimento de todas e de cada uma; envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta, que lhe permita, enquanto protagonista da sua aprendizagem, tomar consciência dos progressos e das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando; conhecer a criança e o seu contexto, numa perspetiva holística, o que implica desenvolver processos de reflexão, partilha de informação e aferição entre os vários intervenientes – pais, equipa e outros profissionais – tendo em vista a adequação do processo educativo.”

A avaliação da criança não pode fazer-se de forma descontextualizada, a nível das finalidades, por essa razão, salienta-se para a necessidade de avaliar também o ambiente educativo, pois ele é, a par do ambiente familiar e da comunidade, o contexto de aprendizagem da criança onde as oportunidades educativas (ou não) acontecem.

Assim sendo, tal como é referido na Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011, o ambiente educativo é um impulsionador para a aprendizagem das crianças, e por essa razão, dentro deste conceito, o educador de infância deve avaliar “a organização do espaço, dos materiais e dos recursos educativos, a diversidade e qualidade dos materiais e recursos educativos, a organização do tempo, as interações do adulto com a criança e entre crianças, o envolvimento parental e as condições de segurança, de acompanhamento e bem-estar das crianças” (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011, p.5).

Na Educação de Infância, a avaliação das aprendizagens podem acontecer em diferentes modalidades. No que diz respeito à avaliação diagnóstica, esta é realizada pelo educador de infância, tendo em conta a caracterização do grupo e a criança em si. Através desta avaliação, o educador de infância pretende entender aquilo que o grupo

e a criança, na sua individualidade, já é capaz de fazer, conhecer as suas necessidades, os seus interesses e os seus contextos familiares para, futuramente, na sua intervenção ter em conta estes aspetos. Em relação à avaliação formativa, esta ajuda o educador de infância na adoção de estratégias mais adequadas para o grupo ou para criança em si, no sentido de implementar a diferenciação pedagógica na sua prática. Esta avaliação contribuiu para a elaboração/reformulação do projeto curricular do grupo e para o reajustamento das planificações e, assim, proporcionar às crianças novas aprendizagens significativas (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011).

Nesta perspetiva de avaliação formativa, “não tem sentido situar o nível de desenvolvimento da criança, ou em que medida foram atingidos objetivos ou metas de aprendizagem previamente estabelecidos”, isto é, a construção de objetivos desejáveis será apenas utilizado para que o educador de infância entenda aquilo que a criança já adquiriu e qual a sua evolução, e, também, para o alertar de eventuais reformulações na sua intervenção, como já foi referido anteriormente (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016, p. 18).

Como refere Gonçalves (2008), tem-se caminhado para uma avaliação alternativa, pelo facto da importância dada ao “estudo da coerência entre as práticas educativas e a continuidade das práticas de socialização nos diversos sistemas que compõe o ambiente ecológico” (Gonçalves, 2008, p.74). Esta metodologia é um tipo de avaliação que tem em conta o ambiente ecológico em que a criança está inserida. Assim, a observação da criança, na sua individualidade, deixa de ser tão importante, passando o educador de infância a interessar-se em observar a criança em diferentes contextos, nomeadamente, no jardim de infância, em contextos multiculturais, entre outros. Desta forma, torna-se fundamental que o educador de infância olhe para as crianças como indivíduos com histórias próprias, influenciadas pela sua cultura, ou, pelo seu ambiente ecológico, no sentido de reajustar a sua prática educativa (Gonçalves, 2008).

Para além do mais, Zollitsch & Dean (2010) salientam para o conceito de avaliação autêntica, sendo que este atribui um grande significado à observação. Desta forma, este tipo de avaliação procura “ (...) perceber como é que a criança se move em

seu redor, como interage com o ambiente, como se relaciona com os outros, como manipula objetos e como resolve problemas que surjam” (Zollitsch & Dean, 2010, p.1).

1.1.1. Avaliação como elemento regulador da prática educativa

A avaliação na Educação de Infância, considerada como um elemento integrante e regulador da prática educativa, assenta numa dimensão mais formativa e desenvolve-se num processo contínuo, ou seja, numa observação constante dos progressos das crianças.

Silva, Marques & Mata (2016) defendem que a avaliação tem de ser algo planeado, visto que avaliar as aprendizagens/progressos das crianças ajuda o educador de infância a refletir e a ter consciência da intervenção pedagógica. Assim, temos “uma avaliação autêntica na medida em que é uma avaliação para a aprendizagem e não da aprendizagem fundamentada pela observação e recolha de documentos” (Silva, Marques & Mata, 2016, p.16).

No Decreto- Lei nº241/2001 de 30 de Agosto, que define o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1ºciclo do ensino básico, refere que o educador de infância “avalia, numa perspetiva formativa, a sua intervenção, o ambiente e os processos educativos adotados, bem como, o desenvolvimento e as aprendizagens de cada criança e do grupo” (ME/DGIDC, 2001, p.4, capítulo II, nº3, alínea e- anexo nº1).

Desta forma, Gonçalves (2008) refere que a avaliação deve envolver o educador de infância na tomada de consciência da sua ação, no sentido de recolher observações pertinentes, para, posteriormente, entender se a sua intervenção está a ajudar de forma positiva as crianças a atingirem os objetivos estipulados.

Na mesma linha de pensamento, as autoras Lacerda e Souza (2013), evidenciam a importância da avaliação para o processo educativo, visto que a avaliação é um instrumento que auxilia o educador de infância a refletir sobre as estratégias e os recursos didáticos a adotar, no sentido de promover aprendizagens significativas e, também, de encontrar formas de superação das dificuldades sentidas pelas crianças.

De igual modo, a participação de outros profissionais e dos pais/famílias neste processo de avaliação é importante, uma vez que possibilita a contribuição de outras sugestões face às aprendizagens das crianças, alarga as interações e enriquece todo o processo educativo (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016).

1.1.2. Participação das crianças na avaliação das aprendizagens

Segundo Silva, Marques & Mata (2016), é importante que “a criança tome consciência dos seus progressos e dificuldades, envolvendo-se na avaliação” (p.16).

Assim, Marchão e Fitas (2014) defendem que na Educação Pré-Escolar, a avaliação das aprendizagens das crianças deve ser feita individualmente e coletivamente, uma vez que ambas completam-se. Por assumirem uma dimensão formativa devem desenvolver-se através de um processo contínuo e interpretativo, em que a criança é a protagonista no desenvolvimento da sua aprendizagem, o que lhe permite tomar consciência daquilo que já consegue fazer, das dificuldades que ainda tem e de como as vai ultrapassar.

Assim sendo, os processos de avaliação devem dar voz às crianças para que estas tornem-se protagonistas, nomeadamente em situações que a criança possa autoavaliar-se, ou seja, em que consiga ter consciência daquilo que já conseguiu fazer/alcançar e das dificuldades que vão surgindo ao longo do tempo, como acontece numa das etapas de construção dos portefólios, designada por conferências, a abordar num dos capítulos posteriores. Numa fase inicial, é importante que o educador de infância auxilie a criança neste processo, para que esta, de uma forma progressiva, comece a entender esta dinâmica (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011; Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016).

Na mesma linha de pensamento, Isabel (2008), refere que a avaliação passa a ser uma reflexão contínua por parte da criança, uma vez que esta deve ser reguladora do seu próprio percurso, enquanto sujeito das suas próprias aprendizagens. Esta autora também salienta que a ação da criança é o foco central da função reguladora da avaliação.

Também a autoavaliação assume um papel importante neste processo. Assim, tal como defendem Silva & Lopes (2012), através da autoavaliação as crianças avaliam as suas competências, o que têm de melhor, o que já conseguem fazer, as dificuldades sentidas e como podem ultrapassar essas dificuldades. Para isso, “o educador deve apoiar a criança, ajudando-a na partilha de opiniões, tornando o processo mais rico e reflexivo” (Silva, Marques & Mata, 2016, p.16).

Para além disso, a autora Vickery (2016) salienta que para que haja sucesso no processo de autoavaliação é necessário ser muito claro em relação à intenção das aprendizagens, para que as crianças sejam capazes de avaliar se conseguiram ou não perseguir o objetivo pretendido.

1.1.3 A avaliação *como* aprendizagem

Como afirmam as autoras Flottman & Stewart & Tayler (2011), a avaliação pode ser perspectivada segundo três conceções: avaliação *das* aprendizagens, avaliação *para* a aprendizagem, e, por fim, avaliação *como* aprendizagem.

Assim sendo, Flottman & Stewart & Tayler (2011) referem que a avaliação *das* aprendizagens é a forma mais comum de avaliação. Esta é considerada como a avaliação da aprendizagem de uma criança, num determinado momento.

Na perspetiva de Fernandes (2005), a avaliação *das* aprendizagens é entendida “como todo e qualquer processo deliberado e sistemático de recolha de informação, mais ou menos participado e interativo, mais ou menos negociado, mais ou menos contextualizado, acerca de que os alunos sabem e são capazes de fazer numa diversidade de situações” (Fernandes, 2005, p.16).

Segundo Barnes (2012), a avaliação *das* aprendizagens é uma avaliação que ocorre depois de uma determinada atividade que a criança participa. Esta mesma autora dá um exemplo desta avaliação: quando a criança termina de jogar um determinado jogo de correspondência, o educador de infância tira as suas conclusões acerca das capacidades que essa criança tem ao combinar objetos de acordo com um critério (cor, forma, tamanho, entre outros). Além disso, a autora refere que a avaliação *das*

aprendizagens pode também ocorrer no final de um determinado período de tempo, onde o educador de infância procura descrever o que a criança aprendeu, no sentido de informar às famílias o progresso da criança.

Para além disso, Flottman & Stewart & Tayler (2011) mencionam que a avaliação *das* aprendizagens ajuda os educadores de infância a tomarem decisões acerca das aprendizagens de cada criança.

No que diz respeito à avaliação *para* a aprendizagem, esta ocorre num processo contínuo, ao longo de todo o processo de aprendizagem tendo em vista ser como uma ferramenta de investigação, em que os educadores de infância conseguem descobrir ao máximo aquilo que as crianças já sabem e aquilo que ainda podem saber, no sentido de criar estratégias de ensino diferenciado. Assim, esta avaliação surge com a intenção de melhorar a aprendizagem das crianças e de desenvolver competências de reflexão nas mesmas. Desta forma, para que os educadores de infância consigam registar todos os momentos de avaliação, estes podem utilizar instrumentos diversificados, como é o caso de registos de observação, avaliação entre pares, portefólios de crianças, entre outros (Earl & Katz, 2006).

Também a autora Barnes (2012) faz referência à avaliação *para* a aprendizagem, salientando que esta avaliação assenta num processo de recolha e de análise das competências das crianças, no sentido de melhorar a sua aprendizagem.

No que diz respeito à avaliação *como* aprendizagem, Earl (2003) refere que esta acontece quando a criança está envolvida no processo de avaliação. Através deste processo, a criança tem a oportunidade de entender o que estão a aprender e usam o feedback do educador de infância para ajustar à sua aprendizagem. Desta forma, a avaliação *como* aprendizagem ajuda a tornar as aprendizagens das crianças mais evidentes para elas, tal como defendem as autoras Flottman & Stewart & Tayler (2011).

A avaliação *como* aprendizagem é vista como um processo de metacognição, ou seja, é o conhecimento dos próprios processos do pensamento. Esta avaliação parte do princípio de que a aprendizagem não é considerada um processo, em que alguém com

mais experiência transmite ideias a um com menos experiência, mas sim de um processo ativo de troca de ideias entre indivíduos (Earl & Katz, 2006).

No ponto de vista de Barnes (2012), a avaliação *como* aprendizagem refere-se aos processos que os educadores de infância adotam, para que as crianças consigam entender aquilo que já aprenderam, como aprenderam e o que gostariam de aprender futuramente. Esta mesma autora indica um exemplo desta avaliação: quando o educador de infância leva uma fotografia de uma criança envolvida numa determinada tarefa e fala com ela acerca do que aconteceu nesse momento.

Educadores de infância que procuram estratégias para utilizar a avaliação *como* aprendizagem reconhecem que a avaliação e a aprendizagem das crianças são dois processos que estão interligados. Para além disso, também respeitam o direito das crianças em terem voz ativa nestes processos (Barnes, 2012).

Na mesma linha de pensamento, as autoras Flottman & Stewart & Tayler (2011) defendem que uma avaliação eficaz deve englobar as opiniões das crianças sobre as suas aprendizagens. Por essa razão, torna-se importante que as crianças tenham a oportunidade de contribuir, de forma ativa, nas avaliações das suas aprendizagens e devem receber o feedback das mesmas (Seitz & Bartholomew, 2008).

Para além do mais, a avaliação para ser eficaz deve também ter em conta as perspetivas das famílias, tal como é referido pelas autoras Flottman & Stewart & Tayler (2011).

Como forma de conclusão, os educadores de infância quando avaliam as crianças devem ter em consideração determinados aspetos, como: as crianças têm ritmos diferentes, as crianças devem ter voz ativa na avaliação, as abordagens narrativas devem constatar na prática educativa do educador de infância para evidenciar as aprendizagens das crianças; o envolvimento da comunidade educativo e das famílias (Carr, 2001).

1.1.4 Estratégias e instrumentos para a avaliação das aprendizagens

O educador de infância para compreender aquilo que a criança já sabe, como pensa/aprende deve adotar estratégias e instrumentos diversificados. Assim, para registar aquilo que vai observando, o educador de infância pode, por exemplo, “recolher episódios considerados significativos, que podem ser anotados durante o processo ou num momento imediatamente posterior; utilizar instrumentos pedagógicos de observação sistemática”(Marques, Mata, Rosa & Silva, p.14, 2016). Para além das observações realizadas pelo educador de infância, este também consegue encontrar respostas ao que foi referido anteriormente através de produções individuais e coletivas das crianças, ou até mesmo, através de registos audiovisuais que documentam momentos significativos do grupo, nomeadamente as fotografias e as gravações áudio ou vídeo (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016).

No seguimento da mesma linha de pensamento, podemos ainda salientar a construção de portefólios como um instrumento para a avaliação, onde a criança é considerada, uma vez mais, a protagonista deste processo. Esta é envolvida na seleção dos trabalhos, das fotografias e das imagens, permitindo-lhe a avaliação da sua aprendizagem e a tomada de consciência dos seus progressos (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016).

Como já foi referido num dos pontos anteriores, a participação de outros profissionais e dos pais/famílias no processo de avaliação é muito importante, uma vez que nos fornece outras opiniões relevantes sobre a aprendizagem das crianças. Assim, o educador de infância pode obter estas informações através de anotações de conversas informais ou recorrer a outros instrumentos mais estruturados, tais como, as entrevistas e os questionários (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016).

Para além disso, na Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011 estão enumeradas técnicas e instrumentos de observação e registos que o educador de infância pode adotar, como: “observação, entrevistas, abordagens narrativas, fotografias, narrações de áudio e vídeo, registos de auto avaliação, portefólios construídos com as crianças, questionários

a crianças, pais e outros parceiros, outros” (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011, p.5). É de salientar que os instrumentos de avaliação adotados pelo educador de infância devem ser adaptados, no sentido de responder às necessidades individuais de cada criança (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011).

Em suma, “(...) qualquer tarefa realizada pode permitir ao educador a recolha de informação sobre a criança e o grupo, tendo como finalidade registar evidências das aprendizagens realizadas pelas crianças que permitam documentar os seus progressos, acompanhar a sua evolução e simultaneamente recolher elementos concretos para a reflexão e adequação da sua intervenção educativa” (Circular nº4 DGIDC/DSDC/2011, p.5).

1.2. Portefólio como instrumento de avaliação *da, para e como* aprendizagem

O termo portefólio tem vindo a ser cada vez mais utilizado no domínio da Educação como um instrumento significativo no processo formativo.

Importa sublinhar, antes de mais, que no passado o conceito de portefólio não existia, os trabalhos das crianças eram apenas arquivados num dossier, onde ficavam guardados e acabavam por cair no esquecimento, constituindo-se como um instrumento meramente informativo (Craveiro & Silva, 2014).

Desta forma, o portefólio e o dossier diferenciam-se, uma vez que o portefólio é considerado um conjunto de produções importantes para as crianças e registos de observação recolhidos intencionalmente, para que o adulto, e até mesmo a própria criança, permitindo entender as aprendizagens e os progressos da criança ao longo de um determinado tempo (Craveiro & Silva, 2014). Para além disto, o portefólio procura dar voz à criança, uma vez que “conta a história das experiências, dos esforços, progressos e realizações da criança e revela as suas características únicas.” (Formosinho & Parente, 2005, p.31).

Sá-Chaves (2005) afirma que este documento “(...) não pode ser apenas um instrumento organizador de evidências de aprendizagem, útil como instrumento de

avaliação, (...), mas sim, ser simultaneamente uma estratégia que facilita a aprendizagem e permite a avaliação da mesma.” (p. 151). A mesma autora reforça a ideia e considera ainda que este “não só promove o desenvolvimento a partir das suas próprias experiências, motivações e necessidades como contribui para a sua autoavaliação e o seu conhecimento” (2005, p. 31).

Para além disso, Marchão & Fitas (2014) defendem que o portefólio é um instrumento que realça a importância da participação ativa da criança, ao nível da escolha, da decisão, da construção e da afirmação do seu pensamento crítico. Estas autoras referem também que este instrumento permite à criança selecionar trabalhos e atividades significativas para ela, cria-lhe oportunidades para justificar e valorizar as suas escolhas/produções e permite-lhe momentos de reflexão e tomada de consciência acerca das suas conquistas e dos seus progressos.

Como refere o autor Carvalho (2007),

“Para compor cada tipo de portefólio, o professor poderá lançar mão da sua criatividade e da necessidade do seu grupo, e é importante que cada portefólio contenha material suficiente para representar uma amostra do desenvolvimento do aluno, possibilitar a avaliação formativa e assim atingir o objetivo a que se destina” (p. 65).

Assim sendo, refletindo sobre a afirmação acima referida, podemos afirmar que não é só a criança que tem um papel ativo na construção dos portefólios. Durante todo este processo, a intervenção do educador de infância é crucial, para que os objetivos inerentes a este instrumento sejam alcançados com êxito por todos os intervenientes.

Desta forma, antes de se iniciar o processo de construção de um portefólio, é importante definir e entender os objetivos profissionais, os da sala e os da instituição a que pertence. Importa referir que este processo de definição dos objetivos não é arbitrário, visto que é influenciado pelas perspetivas pedagógicas na educação de infância, pelos documentos legais e oficiais e pelos saberes, crenças e valores culturais e cívicos das educadoras de infância e da instituição (Oliveira-Formosinho, 2001).

Desenvolver uma estrutura para o portefólio pode implicar deparar-se com algumas complexidades e dificuldades, sobretudo numa fase inicial. Assim, ainda numa

primeira fase, e antes de iniciar o processo de recolha de materiais e informações, a educadora deve pensar na estrutura concetual e na estrutura física do portefólio (Formosinho & Parente, 2005). De acordo com Silva & Craveiro (2014), o conteúdo do portefólio deve ser organizado por categorias e de forma cronológica. Quanto à organização do conteúdo do portefólio, esta pode ser feita, por exemplo, de acordo com as áreas de conteúdo, ordem cronológica, ou segundo uma outra categorização que o educador de infância juntamente com o seu grupo de crianças entenda como sendo a mais adequada.

Na mesma linha de pensamento, as autoras Marchão & Fitas (2014) defendem também que a estrutura e a aparência de um portefólio podem ser muito variadas e resulta dos objetivos e das metas que contemplam. É importante que o educador de infância adote uma forma de recolher, organizar e armazenar as informações para as diferentes partes do portefólio, no sentido de conseguir reunir as diversas informações que representem os conhecimentos, as competências e as realizações de cada criança, adequadamente documentados em todas as áreas de conteúdo (área de formação pessoal e social, área de expressão e comunicação e os respetivos domínios, e, por fim, a área do conhecimento do mundo). Para além disso, é importante que o educador de infância dê à criança o direito de tomar decisões e de se envolver no processo de construção e de manutenção do portefólio.

Deste modo, é importante envolvermos as crianças neste processo, dando-lhe, por exemplo, a oportunidade de escolha de alguns trabalhos e a escrita de um breve comentário sobre os mesmos, para que esta entenda este processo de construção de um portefólio e, mais tarde, consiga entender o seu próprio desenvolvimento. É importante que, neste momento, o educador de infância incentive a criança a explicar o porquê de querer colocar aquele trabalho no seu portefólio com algumas perguntas, nomeadamente “o que gostaste mais nesse trabalho?”, “porque achas que esse trabalho deve estar incluído no teu portefólio?”, entre outras. No início deste processo, é natural que as crianças, principalmente as mais pequenas, respondam de uma forma mais curta, como por exemplo “porque gosto”, “porque sim”, mas com a prática e com o auxílio do adulto a criança começa a dar respostas mais detalhadas (Shores & Grace, 2001).

Neste mesmo contexto, o facto de tirarmos fotografias sempre que algo de importante acontece e realizar o respetivo comentário, para posteriormente mostrar à criança, pode ser visto como uma outra forma de envolvê-la neste processo, visto que, ao mostrar a fotografia à criança, podemos pedir-lhe que se lembre do que estava a acontecer naquele momento em que a fotografia foi tirada, ou até mesmo perguntar à criança se a fotografia seria boa para colocar no portefólio e porquê (Shores & Grace, 2001).

Como referem Formosinho & Parente (2005), as conferências são uma componente essencial neste processo de elaboração do portefólio. Desta forma, estas pequenas reuniões devem proporcionar às crianças momentos em que estas possam avaliar e recordar os seus trabalhos e, assim, refletir sobre os seus progressos. Numa fase inicial, torna-se importante que o educador de infância ajude as crianças neste processo, colocando, por exemplo, questões que, de uma alguma forma, possam facilitar este processo. É de salientar que as conferências podem ser de diferentes tipos, nomeadamente criança-criança, criança-adulto, criança-família (Craveiro & Silva, 2014).

No entanto, não é só a participação das crianças e educadores que é importante, a dos pais/familiares pode ser fundamental neste processo. Estes poderão “ser convidados a mandar fotografias da família, a enviar descrições das responsabilidades da criança em casa, amostras de trabalhos realizados em casa, outras observações que considerem mais relevantes, etc.” (Gelfer e Perkins, 1996, citado por Parente, 2004, p. 75).

É importante entender que o processo de construção de um portefólio de crianças “oferece um grande desafio, na medida em que é feito pela criança e não para a criança” (Marchão & Fitas, 2014, p.32).

1.2.1. Vantagens e dificuldades da utilização do portefólio

As vantagens do recurso ao portefólio como instrumento de trabalho e de avaliação são enumeradas por vários autores. É de salientar que, através deste instrumento, o acesso à informação relativamente a cada criança torna-se mais fácil.

Na mesma linha de pensamento, é importante referir que quem recorre a este instrumento contribui de uma forma direta para o desenvolvimento de várias vantagens, como afirmam os autores Melo & Freitas (2006):

“A adequação do currículo às metodologias utilizadas e à avaliação, através de uma maior coincidência das atividades de avaliação com as aprendizagens desenvolvidas e adquiridas;

Uma maior diversificação dos processos e objetivos de avaliação, através da contextualização, ou seja, desenvolver-se-á uma maior relação da avaliação com o local/contexto onde se desenvolvem as diferentes aprendizagens;

A reflexão das crianças, em relação ao seu próprio trabalho, é mais ativa e participativa;

A participação das crianças no processo de avaliação deixa de ser uma participação passiva e passa a ser uma participação mais ativa;

As crianças conseguirão mostrar mais facilmente o que sabem e o que já conseguem fazer, logo, o processo de avaliação será menos constrangedor.” (p.66 -67)

Para além do que já foi referido anteriormente, Mota (2003, p.1) defende que as vantagens da construção dos portefólios centram-se no desenvolvimento da “criatividade e interesse pela pesquisa, e se multiplica o acesso a novas formas de comunicação.”

No entanto, também existem algumas dificuldades na construção dos portefólios. Assim sendo, para Veiga Simão (2005, p.286), “o fator tempo constitui uma das dificuldades mais apontadas pelos professores para a implementação do portefólio.” Desta forma, tendo em conta a opinião deste autor, a maior dificuldade da utilização deste instrumento, prende-se com a falta de tempo, por parte dos educadores de infância, para o inúmero tempo e dedicação que são necessários para a realização e organização de um portefólio.

1.2.2. Portefólio como instrumento potenciador da aprendizagem da criança

Formosinho & Parente (2005) e Silva & Craveiro (2014) enumeram possíveis aprendizagens propiciadas às crianças através da participação na construção dos seus portefólios.

Assim, Formosinho & Parente (2005) afirmam que as crianças ao participarem na seleção de evidências significativas para os seus portefólios, estão a aprender o valor do seu próprio trabalho, a desenvolver competências de participação na sua própria aprendizagem, a encorajar a auto análise, quando, por exemplo, refletem sobre o seu próprio trabalho, a envolver-se na sua história pessoal de aprendizagens, bem como na dos seus colegas e, por fim, a desenvolver e a encorajar a auto avaliação, conseguindo, assim, entender as suas próprias aprendizagens e o seu desenvolvimento.

No mesmo sentido, também as autoras Silva & Craveiro (2014) enumeram algumas aprendizagens que o processo de construção de portefólios pode promover à criança, nomeadamente o desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, de responsabilidade e de persistência na concretização dos seus objetivos. Estas mesmas autoras, afirmam também que o portefólio é um instrumento impulsionador do desenvolvimento de processos metacognitivos, de um autoconceito positivo, da autoconfiança e de iniciativa própria, quando, por exemplo, a criança revê e comenta os registos dos seus trabalhos e das suas aprendizagens e, também, enquanto partilha aquilo que fez às outras crianças. É de salientar que o educador de infância deve assumir um papel de guia e de mediador neste processo.

Assim sendo, no que diz respeito à participação na sua própria aprendizagem, a sociedade atual exige aos cidadãos que nela estão inseridos que participem, de forma ativa, na tomada de decisões e na resolução de problemas, tendo em vista uma sociedade democrática. Deste modo, cabe aos educadores de infância desenvolver, desde cedo, nas crianças, as competências que visam estes objetivos.

Desta forma, segundo Freire (2011), a promoção de espaços e de momentos que visam a participação das crianças, bem como a inclusão, nesses momentos, quer da escola, quer da comunidade e quer da família, são aspetos privilegiados para o fomento das competências da participação nas crianças. Desta forma, seguindo a linha de pensamento desta mesma autora, a participação das crianças atenta no envolvimento participativo entre os intervenientes, sendo que as crianças são escutadas pelos adultos e é-lhes dado espaço para expressarem-se, com vista à tomada de decisões (Freire, 2011). Assim sendo, a participação das crianças não se rege apenas ao facto de as

crianças participarem nas atividades propostas pelos adultos, mas também pelos seus contributos para a construção dessas mesmas propostas.

Tomás & Gama (2011, p.3) defendem que “quando se refere que a criança deve ser ouvida e participar, implica que o processo deva ser considerado no contexto escolar e na relação com os restantes atores do espaço educativo”, ou seja, deve-se promover as condições necessárias, para que todas as crianças vejam concretizado o seu direito à participação. Deste modo, a escola, local onde as crianças passam a maior parte do seu tempo deverá ser o espaço onde as crianças concretizem esses direitos à participação.

Com tudo isto, importa referir ainda que a promoção do envolvimento e da participação das crianças na sociedade, faz parte dos objetivos pedagógicos das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (2016).

Relativamente à reflexão sobre o seu próprio trabalho, segundo Silva & Lopes (2012), através da autoavaliação, as crianças avaliam as suas competências, o que têm de melhor, o que já conseguem fazer, as dificuldades sentidas e como podem ultrapassar essas dificuldades. Para isso, “o educador deve apoiar a criança, ajudando-a na partilha de opiniões, tornando o processo mais rico e reflexivo” (Silva, Marques & Mata, 2016, p.16).

Na mesma linha de pensamento, as autoras Cardona & Vieira & Uva & Tavares (2009) defendem que a forma como processa-se e trabalha-se a avaliação pode ser uma estratégia fundamental para o incentivo da reflexão, por parte das crianças, acerca dos seus comportamentos, atitudes e aprendizagens que vão realizando. Estas mesmas autoras referem também que a auto avaliação pode surgir através de situações não planificadas previamente, mas exploradas de forma a proporcionar essa auto avaliação ou resultar de situações previamente planificadas.

No que diz respeito ao envolvimento na aprendizagem das restantes crianças do grupo, é de salientar que o conceito de aprendizagem cooperativa surgiu nos Estados Unidos da América, pelo autor John Dewey, filósofo e pedagogo norte-americano, que acreditava que a escola devia “ser um ambiente de vida e trabalho onde tanto os

professores como os alunos, numa atividade partilhada, aprendem e ensinam ao mesmo tempo” (Lopes & Silva, 2009, p. 9).

Também o Kurt Lewin aprofundou o conceito de aprendizagem cooperativa, defendendo que a verdadeira essência de um grupo encontra-se na interdependência dos seus elementos, isto é, “através da partilha dos mesmos propósitos, os membros do grupo influenciam-se mutuamente” (Lopes & Silva, 2009, p. 10). Assim sendo, Lopes & Silva (2009), reforçam a ideia de que as crianças sujeitas ao método tradicional, contrariamente ao que se sucede com a aprendizagem cooperativa, não vivenciam experiências de trabalho de cooperação e de partilha de responsabilidades, o que as impede de estabelecer relações positivas entre os elementos do grupo.

Quanto ao desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, os autores Portugal & Marchão (2014) referem que “(...) a construção e desenvolvimento do pensamento crítico são, em si, processos que influenciam na forma como o sujeito, no caso a criança, constrói e organiza o conhecimento” (Portugal & Marchão, 2014, p. 98). Por outro lado, Gonçalves & Azevedo (2006) referem que o ser humano já traz em si as potencialidades de reflexão crítica e aplicação prática das virtudes morais, bastando desenvolvê-las à luz de uma orientação pedagógica adequada (Gonçalves & Azevedo, 2006, p.103).

Assim sendo e, segundo as mesmas autoras,

“(...) cabe à Educação, oferecer os instrumentos necessários para que, a partir do que já foi construído, os educandos possam “encontrar” novos conhecimentos, desenvolver as suas potencialidades criativas, enfrentar novos desafios, articular as informações e retirar as suas próprias conclusões” (Gonçalves & Azevedo, 2006, p.104).

Desta forma, o educador deve ser uma pessoa que age com consciência, sabendo exatamente o que pretende fazer para alcançar os seus objetivos, visto que, de acordo com o Decreto-Lei n.º 241/2001 de 30 de Agosto, “o educador concebe e desenvolve o respetivo currículo, através da planificação, organização e avaliação do ambiente educativo, bem como das atividades e projetos curriculares, com vista à construção de aprendizagens integradas” (ME, 2001).

Em relação ao desenvolvimento da autonomia nas crianças, com a ajuda do educador de infância, é um dos objetivos enunciados nas Orientações Curriculares para

a Educação Pré-Escolar (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016). Assim, “a construção da autonomia envolve uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidade pelo seu bem-estar (...)” (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016, p.36).

Na mesma linha de pensamento e, de acordo com o Perfil Específico de Desempenho Profissional do Educador de Infância, o adulto deve ter um papel decisivo no desenvolvimento da autonomia na criança. Por essa mesma razão, deve “relacionar-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afetiva e a promover a sua autonomia” (alínea a, art.º 3º, Decreto-Lei 241/2001, 30 de agosto, p.5537).

Segundo Pacheco (2012), o desenvolvimento da autonomia deve basear-se na relação “Eu-Tu”, uma vez que deve existir um diálogo saudável entre o adulto e a criança, criando um vínculo autêntico e sem exigência, tendo como objetivo engradecer, neste caso, a criança.

Para além disso, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016), o ambiente educativo também desenvolve a autonomia na criança, uma vez que “o conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia da criança e do grupo, o que implica que as crianças compreendam como está organizado e pode ser utilizado, participando nessa organização e nas suas decisões sobre as mudanças a realizar” (Marques, Mata, Rosa & Silva, 2016, p.26).

Para que as crianças aprendam a desenvolver comportamentos de autonomia, é preciso ter em conta outros conceitos, ainda não mencionados anteriormente, como é o caso da autoestima, do autocontrole e da autodisciplina (Pacheco, 2012). Este mesmo autor refere também que os conceitos mencionados podem ser descobertos pelas crianças, através de oportunidades de liberdade e de descoberta.

No que concerne ao desenvolvimento de processos metacognitivos, Ribeiro (2003) refere que a metacognição “diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos” (Ribeiro, 2003, p.110).

No mesmo seguimento, Ribeiro (2003) salienta que tem vindo a ser observada a contribuição da metacognição para a potencialização da aprendizagem. No sentido de estimular a metacognição, esta mesma autora menciona algumas estratégias que o adulto pode adotar como, por exemplo, quando a criança tem de resolver um determinado problema complexo que a leva a escolher várias alternativas e a antecipar as consequências dessas escolhas.

Desta forma, é necessário que a escola não se limite a ser, apenas, um espaço de difusão de saberes, mas defina-se “como um contexto que estimule os seus alunos a apropriar-se e a construir, de uma forma progressiva, o seu património pessoal de metaconhecimentos, ou seja, de conhecimentos sobre o modo como se adquire, gere, utiliza e alarga o seu campo de saberes (Cosme & Trindade, 2001, p.13).

No que diz respeito ao desenvolvimento de autoconceito positivo, Harter (1999) refere que a imagem que a criança forma de si própria (autoconceito) desenvolve-se através da sua própria experiência num contexto social e nas interações com os outros. Este autor salienta também que este processo inicia-se na família e alarga-se à medida que a criança vai crescendo, começando a incluir outras pessoas com significado na sua vida, como é o caso dos seus colegas e dos educadores de infância. Estes intervenientes através das interações em situações de aprendizagem vão influenciar na sua formação do autoconceito. Para além disso, os autores Crocker e Cheeseman (1988) referem que o desenvolvimento de um autoconceito positivo está dependente de a criança ser e ter a perceção de que é bem sucedida.

De acordo com Huitt (1998), o autoconceito desenvolve-se através de processos de tomada de ação e posterior reflexão acerca do que fizemos e do que podemos fazer, em comparação com os outros e com as suas características ou realizações. Assim sendo, este mesmo autor refere que o desempenho da criança e os julgamentos dos seus colegas e do seu educador sobre ela irão influenciar a formação do seu autoconceito.

No mesmo seguimento, Craven (2000) defende que o autoconceito facilita o bom desempenho em várias áreas de desenvolvimento, e, por essa razão, a formação de um autoconceito positivo deve ser um objetivo educacional fundamental.

E, por fim, relativamente ao desenvolvimento da linguagem oral, Rigolet (2000) defende que a aquisição da linguagem é uma das aquisições mais importantes durante a infância, sendo tão importante quanto o gatinhar e o caminhar. A linguagem assenta numa capacidade natural e é adquirida pela criança ao longo da sua infância e da sua adolescência, durante um processo que implica a passagem por várias etapas, já que as crianças começam por chorar, depois palreia, repetem sílabas, dizem palavras e por último constroem frases (Sim-Sim, 1998).

Para Hohmann & Weikart (2011), “a linguagem é constituída por um processo interativo, e não por uma capacidade inata” (p.526). As crianças não nascem a falar nem aprendem a falar porque lhes ensinam, mas sim por sentirem a necessidade de comunicarem com as outras pessoas, daí estes autores nomearem a linguagem como um processo interativo, no qual tem de existir uma troca de ideias entre as crianças e a/o criança/adulto.

Na mesma linha de pensamento, Sim-Sim, Silva, & Nunes (2008) mencionam que a aquisição da linguagem não se restringe às aprendizagens de palavras novas ou à capacidade para produzir todos os sons da língua. Assim sendo, é considerado como um processo gradual, no qual a criança, ao interagir com o outro, vai-se apropriando da sua língua materna, utilizando-a para comunicar. Durante este processo, a criança aprende as regras da comunidade em que está inserida.

A linguagem é, pois, uma capacidade natural que vai evoluindo ao longo do tempo, envolvendo diversas fases de aquisição, nomeadamente o conhecimento dos sons da língua materna, a produção das primeiras palavras e posteriormente a construção de frases. Nestas fases, a compreensão da criança antecede a sua produção, ou seja, a criança compreende primeiro e produz posteriormente (Freitas, Alves, & Costa, 2007).

2. Metodologia de investigação

2.1. Tipo de estudo

Antes de mais, é importante entender que a investigação “é, por definição, algo que se procura, é um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica (Campenhoudt & Quivy, 1998, p.16). Desta forma, com a investigação do presente relatório de estágio, pretende-se responder à seguinte pergunta de partida: *Que aprendizagens o processo de construção dos portefólios proporciona às crianças?*

No sentido de se compreender melhor o presente estudo, realizado na instituição de prática de ensino supervisionada, é necessário explicitar o objetivo geral e os respetivos objetivos específicos. Deste modo, o objetivo geral prende-se com compreender as potencialidades dos portefólios na Educação Pré-Escolar como uma estratégia de aprendizagem. Já os objetivos específicos são: entender o que é um portefólio; especificar as características do processo de construção de um portefólio; compreender o papel da criança e do educador no processo de elaboração de um portefólio; perceber quais as aprendizagens que podem ser promovidas no processo de elaboração dos portefólios.

A metodologia de investigação utilizada para perseguir os objetivos definidos é de cariz predominantemente qualitativo, com o objetivo de compreender melhor as perspetivas de algumas educadoras de infância e de algumas crianças, mais concretamente da instituição de estágio, acerca da temática em estudo. Os instrumentos de recolha de dados utilizados serão as entrevistas às educadoras de infância e às crianças, nomeadamente a três educadoras de infância e a vinte e seis crianças, mais concretamente da sala dos cinco anos.

Para além disso, foi realizado um inquérito por questionário a educadoras de infância e as estagiárias finalistas desta mesma área com o objetivo de apurar opiniões mais genéricas acerca das aprendizagens que o processo de realização dos portefólios

pode potencial e, assim, confrontar com as respostas obtidas no contexto de prática de ensino supervisionada de modo a ampliar a interpretação dos resultados.

E, por fim, a análise dos portfólios das crianças também faz parte das técnicas de investigação utilizadas no presente estudo, uma vez que, com esta análise espera-se compreender, um pouco mais, quais as aprendizagens que a construção dos portfólios pode promover às crianças.

2.2. Sujeitos Participantes

O grupo da sala dos 5 anos B de um colégio em Vila do Conde, era constituído por 26 crianças, sendo que 15 são do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

Neste grupo, 11 crianças iniciaram este ano letivo com 5 anos de idade e as restantes completaram até ao final do ano. É de salientar que a maturidade e o respetivo desenvolvimento, não estão relacionados com a faixa etária, mas sim com a personalidade, histórias que trazem e estímulos anteriores.

Em geral, este era um grupo bastante interessado e empenhado nas diversas atividades propostas.

No que diz respeito ao desenvolvimento social, este está relacionado com a “maneira pela qual um indivíduo se relaciona com seu ambiente” (Faw, 1981, p.212). Erik Erikson, psicanalista predominante na literatura da Psicologia da Criança, descreve duas tarefas no desenvolvimento da personalidade, tais como, a necessidade da criança em desenvolver um sentimento de autonomia como indivíduo em oposição com o sentimento de dependência em relação aos outros, e a necessidade de iniciativa na realização de ações em oposição com sentimentos de culpa a respeito do seu comportamento e preocupação com a capacidade para expor as suas habilidades. Segundo o psicanalista referido anteriormente, as crianças com cinco anos de idade encontram-se no segundo estágio, iniciativa versus culpa, em que elas “começam cada vez mais a agir por conta própria” (Faw, 1981, p.214). Neste caso, o grupo já possuía algumas responsabilidades, nomeadamente, a marcação das presenças, a arrumação das áreas, a atribuição de responsabilidades do dia, como, o chefe do dia, o último do

comboio, os responsáveis pela distribuição das águas, os responsáveis pelo balde dos chapéus, a entrega de recados aos pais ou a docentes da Instituição, entre outros.

Quanto à socialização, o grupo encontrava-se na recreação cooperativa, ou seja, as atividades realizadas exigem ações coordenadas por duas ou mais crianças. Neste caso, o grupo era bastante comunicativo entre si, sendo fácil de observar esta interação entre eles. No entanto, em grande grupo era visível a dificuldade que sentiam em aguardar pela sua vez enquanto escutavam o colega.

Assim, este grupo era composto por crianças muito curiosas e com vontade de aprender sempre um pouco mais, sendo notório na forma como se empenhavam nas atividades propostas.

Nesta faixa etária, as crianças encontravam-se no estágio pré-operatório, que se caracteriza por cinco propriedades, tais como, a concreção, o egocentrismo, a centração, a atenção a estados e a não a transformação, e por fim, a irreversibilidade. (Faw, 1981, p.161). Assim, neste grupo era visível a dificuldade que sentiam em olharem para uma situação do ponto de vista do colega ou de um adulto. Outra característica notória neste grupo, era o facto de pensar nas coisas como são agora, e não no processo que ocorre de um estado para o outro.

“Com cinco ou seis anos a criança começa a demonstrar o uso de classificação sistemática em que os objetos são definidos por um atributo que partilham em comum e os atributos irrelevantes são desconsiderados” (Faw, 1981, p.166), como era possível de observar neste grupo quando, por exemplo, lhes era pedido que agrupassem todos os objetos existentes na sala, de cor preta. Quanto ao conceito de número, este grupo aplicava sem dificuldade o princípio da cardinalidade na contagem, com a exceção da criança M. que ainda apresentava algumas dificuldades na contagem.

Aos cinco anos de idade, “uma criança normalmente tem um vocabulário expressivo de 2600 palavras e entende mais de 20 mil palavras” (Owens, 1996). Em relação à construção de frases, estas tinham em média quatro a cinco palavras e podiam ser declarativas, negativas, interrogativas ou imperativas. No entanto, neste grupo, era bastante perceptível as dificuldades que algumas crianças possuíam, nomeadamente o

M. (alguma dificuldade em compreender o que ele dizia), o MF (apresentava algumas evoluções, mas ainda apresentava dificuldade de dicção); o T. (alguma dificuldade em compreender o que ele dizia). Estas crianças estavam a ser acompanhadas por um terapeuta da fala.

O grupo de criança apresentava bastante destreza quanto ao desenvolvimento motor, sendo visível quando corriam, desciam as escadas autonomamente, saltavam, pulavam, caminhavam por obstáculos, entre outros. No entanto, o M. ainda apresentava algumas dificuldades de coordenação. Em conversa informal com a educadora percebi que esta criança apresentava um pequeno desfasamento no desenvolvimento motor (iniciou a marcha mais tarde), o que se acabava por refletir na sua dificuldade de coordenação.

As crianças com cinco anos de idade, encontravam-se no estágio das representações pictóricas, ou seja, começavam a aparecer as representações de objetos nos desenhos das crianças. Geralmente as primeiras representações artísticas de objetos eram pessoas. Este grupo desenhava a figura humana com alguns pormenores e outros elementos do mundo real, como o sol, a relva, o céu, a casa, entre outros. Quando observávamos os trabalhos realizados no domínio da educação artística, era visível a criatividade presente neles, a diversidade nas cores e os pormenores representados.

Em conversa informal com a educadora, percebi que apenas uma criança, no ano anterior, ainda não tinha a sua lateralidade definida, pegando na tesoura com uma mão e depois com a outra, consoante as suas necessidades, no entanto, este ano, esta criança já definiu a sua lateralidade, tendo assim uma tesoura específica para ela.

2.3. Contexto de Investigação

Após a descrição dos sujeitos que fazem parte da investigação, será apresentada a caracterização da instituição onde decorreu a investigação.

Assim, a Instituição A onde decorreu o estágio em Educação Pré- Escolar situa-se em Vila do Conde, sendo considerada uma instituição de cariz religioso e é composta por três valências, nomeadamente, a creche, o pré-escolar e o CATL. No que diz respeito à creche, esta é constituída por três salas: a sala do berçário com crianças dos quatro aos dozes meses, a sala 1 com crianças dos doze aos vinte e quatro meses e a sala 2 com crianças dos vinte e quatro aos trinta e seis meses. Relativamente ao jardim de infância, este é composto por cinco salas: duas salas com crianças de três anos, uma sala com crianças de quatro anos e duas salas com crianças de cinco anos. Por fim, o CATL é constituído por quatro salas que contém alunos do 1º, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico. (Projeto Curricular da Escola, 2016-2019).

Para além disso, é possível afirmar que esta Instituição é constituída por dois edifícios: o primeiro é o mais antigo com quatro pisos, e, o segundo é o novo edifício da creche. Relativamente ao espaço exterior, este é composto por: um amplo espaço da creche, jardim de infância e CATL, subdividido em quatro partes: campo de futebol, campo de basquetebol, área com equipamento de diversão e alpendre. Existe também uma grande área de relvado destinada a uma quinta pedagógica e a alguns espaços ajardinados. (Projeto Educativo, 2014-2017).

No que diz respeito à equipa pedagógica do jardim de infância, esta é composta por uma Diretora Pedagógica, cinco Educadoras de Infância, cinco Auxiliares de Ação Educativa e dois Professores de atividades extracurriculares, nomeadamente um Professor de Expressão Motora e uma Professora de Expressão Musical. (Projeto Educativo, 2014-2017).

2.4. Procedimentos, técnicas e instrumentos de recolha e análise de dados

Um dos aspetos mais importantes e imprescindível de um trabalho de investigação é a recolha de informação. Esta recolha é, sem dúvida, fundamental para

encontrar respostas para a pergunta de partida definida no início deste processo e para posteriores conclusões relativas aos objetivos do trabalho de investigação.

Tal como referem os autores Bodgan & Biklen (1994), a entrevista é “uma conversa informal” (Bodgan & Biklen, 1994, p.134). Quando esta acontece já está mais ou menos estruturada e delineada pelo investigador e, na maioria das vezes, esta é orientada pelo ele. É de salientar que a entrevista tem como principal finalidade a recolha de informação sobre um determinado tema ou conceito, tal como afirmam os autores Ketele & Roegieers (1999).

No caso desta investigação, tal como já foi referido anteriormente, pretende-se obter informações acerca das aprendizagens proporcionadas pela dinâmica da construção dos portefólios das crianças.

Desta forma, considera-se que uma entrevista a um pequeno grupo de educadoras de infância, nomeadamente a três, e a um grupo de vinte e seis crianças da sala dos cinco anos B, da instituição de estágio onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, seja o método mais adequado para a recolha de informação relevante desta temática.

A entrevista adotada para ambos os casos será uma entrevista semi-estruturada, uma vez que se procura “obter os dados comparáveis entre vários sujeitos” (Bodgan & Biklen, 1994, p.135). Assim, o investigador, inicialmente, elaborou um guião da entrevista, mas ao longo da mesma, terá a liberdade de a encaminhar na direção que, na altura, considere como sendo a mais adequada.

Ao longo da entrevista será importante que o entrevistador esteja atento às diferentes variáveis externas, como a inibição, a timidez, entre outras, de forma a que isto não interfira na forma de estar do entrevistado.

Em relação à ordem das questões do guião da entrevista, esta pode ou não ser seguida da forma que está estipulada, dependendo de vários fatores, uma vez que segundo os autores Quivy & Campenhoudt (1992), devemos dar a liberdade de expressão ao entrevistado, para que ele possa falar livremente, com as palavras que achar mais adequadas e na ordem que achar mais correta.

Como já foi referido anteriormente, o método adotado para a recolha de dados foi a entrevista semi-estruturada.

Por esta mesma razão, antecipadamente, foi elaborado um guião da entrevista, tendo em conta os objetivos definidos no âmbito da presente investigação, bem como a informação que se pretende recolher dos entrevistados no momento da entrevista.

Ao longo da entrevista, o entrevistador tem a liberdade de fazer outras perguntas que considere importante no momento. O entrevistado pode exprimir as suas ideias, opiniões e sentimentos sobre o tema em questão.

Para a elaboração do guião, começou-se por definir os blocos/dimensões que se considerou importantes para a presente investigação. Assim, os blocos/dimensões do estudo em questão são:

No caso da entrevista às educadoras de infância:

- Legitimação da entrevista;
- Dados pessoais;
- Formação profissional;
- Opinião sobre a construção dos portefólios;
- Aprendizagens promovidas pelas crianças com a construção dos portefólios.

No caso da entrevista às crianças:

- Finalidades/Objetivos;
- Opinião sobre a construção dos portefólios;
- Aprendizagens adquiridas com a construção dos portefólios.

Posteriormente, foram definidos os objetivos relativos a cada uma destas dimensões referidas anteriormente. E, por fim, foi formulado um conjunto de questões para atingir os objetivos iniciais.

Para além de tudo o que já foi referido até ao momento, no caso das entrevistas às crianças, o entrevistador deixará ao critério das crianças a escolha do grupo em que querem integrar para a realização da entrevista, uma vez que “o entrevistador deverá entrevistar as crianças em pares ou em pequenos grupos.” (Formosinho & Araújo, 2004, p.21). Além do mais, as crianças também terão a possibilidade de escolha do sítio, onde pretendem que a entrevista seja realizada, visto que “é possível que o local onde são realizadas as entrevistas influencie a forma como a criança responde.” (Oliveira-Formosinho cit. Formosinho & Araújo, 2008, p.21)

É importante salientar que, antes do início da entrevista, “o entrevistador deverá oferecer às crianças as suas próprias perspetivas, ideias e observações, o que poderá funcionar como estímulo para o pensamento da criança”, tal como aconteceu no decorrer de todas as entrevistas às crianças (Oliveira-Formosinho cit. Formosinho & Araújo, 2008, p.21).

Para Quivy & Campenhoudt (1998) o inquérito por questionário “consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas” (p.188). Os mesmos autores referem que estas perguntas dizem respeito à situação social, profissional ou familiar dos inquiridos e remetem-se “às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (p.188).

No mesmo seguimento, Ghiglione & Matalon (2001) afirmam que para se construir um inquérito por questionário é necessário saber de forma precisa o que se procura, assegurar que todas as perguntas fazem sentido e que todos os aspetos foram abordados.

O questionário realizado no presente estudo apresenta uma serie de cinco proposições, nas quais o inquirido deve selecionar uma, sendo: *concorda totalmente*, *concorda*, *concorda pouco*, *discorda* e *discorda totalmente*. Para além disso, também foram utilizadas questões de resposta aberta e de escolha múltipla.

Para a elaboração do inquérito por questionário, começou-se por definir os blocos/dimensões que se consideraram importantes para a presente investigação. Assim, os blocos/dimensões do estudo em questão são:

- Tempo de serviço;
- Elaboração dos portefólios;
- Formação sobre portefólios de crianças;
- Vantagens e Desvantagens dos portefólios;
- Papel da criança;
- Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios.

Como afirmam os autores Hohmann & Weikart (2011), “através da observação e da interação, os adultos aprendem a conhecer as crianças. Vêem-nas e ouvem-nas de perto conforme trabalham e brincam com elas para descobrir aquilo que as interessa, o que prende a sua atenção e o que compreendem sobre o mundo”. Desta forma, também a observação fez parte de uma das técnicas de investigação utilizadas no presente estudo (Hohmann & Weikart, 2011, p.141). No entanto, a observação não tem significado se não for registada, analisada, interpretada e refletida pelo educador de infância, e, por isso, no registo das observações pode-se utilizar várias técnicas que ajudam no processo da recolha, da análise, da interpretação e da reflexão dos dados, nomeadamente, o registo de incidentes críticos que “são breves relatos narrativos que descrevem um incidente ou comportamento considerado importante para ser observado e registado”, o registo contínuo que “é um relato narrativo e detalhado de um comportamento ou acontecimento registado sequencialmente tal como ocorrem”, as descrições diárias que “trata-se de uma forma de observação narrativa que consiste em realizar registos diários que podem variar entre descrições mais ou menos breves e descrições mais detalhadas e compreensivas”, entre outros (Parente, 2002, p.180, 181, 183), (ver anexo 16- tabela de observação das aprendizagens).

E, por fim, a análise dos portefólios das crianças também fará parte das técnicas de investigação utilizadas no presente estudo, uma vez que, com esta análise espera-se

compreender, um pouco mais, quais as aprendizagens que a construção dos portfólios pode promover às crianças.

2.5. Apresentação e análise dos dados

2.4.1. Entrevistas às Educadoras de Infância

Neste ponto serão apresentados e analisados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas às educadoras de infância. Para além disso, este ponto, será dividido pelos blocos/dimensões do presente estudo, para que se torne mais explícito.

2.4.1.1. Dados pessoais

Em relação a este bloco/dimensão, perante as respostas dadas pelas três educadoras, percebe-se que estas têm mais do que quatro anos de serviço, sendo que a educadora A tem 10 anos de serviço, a educadora B tem 9 anos de serviço e a educadora C tem 4 anos de serviço.

Quando solicitadas que caracterizassem de uma forma geral o seu grupo, todas elas, fizeram-no de uma forma muito sucinta, enumerando alguns adjetivos como “meigas”; “interessadas”; “carinhosas; entre outros.

2.4.1.2. Formação profissional

Através das entrevistas realizadas às três educadoras de infância, é possível compreender que todas elas tiveram formação sobre os portfólios de crianças.

Na mesma linha de pensamento, é possível afirmar que duas das educadoras de infância, nomeadamente a educadora A e a educadora C, já realizam portfólios das crianças desde o momento em que começaram a exercer a sua profissão. A educadora B iniciou este processo há apenas dois anos.

2.4.1.3. Conteúdos do portefólio

No que diz respeito aos conteúdos dos portefólios, todas as educadoras contemplam as diferentes áreas de conteúdo, nomeadamente a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação e, por fim, a Área do Conhecimento do Mundo. Para além disso, também incluem um separador para a avaliação diagnóstica e para as avaliações formativas do respetivo ano letivo. A educadora C salientou também que, ao longo dos anos, vão sendo acrescentados novos separadores no portefólio, de acordo com o interesse e a motivação de cada criança.

Nas folhas, onde as crianças juntamente com as educadoras de infância registam os trabalhos/evidências, há a identificação das áreas de conteúdo presentes, os indicadores observados e um espaço para o comentário da criança e comentário/observações do adulto. É de salientar que estas educadoras de infância permitem que os registos desde dos três anos de idade fiquem no portefólio, para que se possa ter uma ideia do desenvolvimento da criança ao longo destes anos.

A educadora B, para além de contemplar os conteúdos referidos anteriormente também inclui um separador intitulado como “Portefólio com a família”, onde são arquivados todos os registos que as crianças realizam com a participação das suas famílias, como é o caso das pesquisas espontâneas produzidas no âmbito do trabalho de projeto e outras atividades e solicitações que são encaminhadas para os Pais.

No momento em que estas educadoras de infância foram questionadas acerca de conteúdos que achassem que fossem importantes acrescentar nos portefólios das crianças, todas elas mencionaram um plano de ação.

2.4.1.4. Vantagens e desvantagens da utilização dos portefólios

Relativamente às vantagens e às desvantagens da utilização dos portefólios, de uma forma geral, estas educadoras de infância referiram que o facto de incluir a criança neste processo e, com ela, refletir sobre o seu desenvolvimento, pode ser vista como uma vantagem. Para além disto, mencionaram que este processo favorece o diálogo, momento que as crianças adoram, uma vez que conseguem estar a dialogar com o

educador de infância e ter a total atenção deste, as relações interpessoais e o companheirismo entre o adulto e a criança.

Na mesma linha de pensamento, a educadora B refere também que, para ela, este instrumento é um excelente recurso de avaliação, visto que fornece ao educador de infância uma visão global da criança, a sua evolução no tempo e as conquistas que foram alcançadas.

No entanto, estas educadoras de infância encontram também desvantagens neste processo, nomeadamente a exigência de um trabalho diário e contínuo das crianças para produzirem, compilarem e organizarem o portefólio, algo que nem sempre conseguem fazer de uma forma sistemática. É de salientar que neste ponto, foi bastante visível o descontentamento nos argumentos das educadoras de infância.

Como já foi referido anteriormente, há ocasiões em que não é possível concretizar de forma sistemática este processo, no entanto, como forma de dar resposta aos dias mais preenchidos, a educadora B inclui na sua sala uma gaveta destinada a este “arquivo”, onde as crianças sabem que podem colocar lá o seu trabalho para que, brevemente, possa ser colocado no seu portefólio.

2.4.1.5. Papel do Educador de Infância

Quanto ao papel do educador de infância, neste processo, todas as educadoras de infância são da opinião que o adulto será um orientador-guia neste processo. No entanto, a educadora C refere que devido à tenra idade do seu grupo de crianças, a primeira parte da elaboração e da organização do portefólio foi inteiramente da sua responsabilidade.

Para além do que já foi referido, a educadora B acrescenta que uma das melhores estratégias para que a criança se sinta motivada neste processo, passa pela estimulação da confiança pessoal da mesma.

2.4.1.6. Papel da Criança

Em relação ao papel da criança, as educadoras de infância referem que têm um papel ativo neste processo, ou seja, que fazem parte integrante do trabalho

desenvolvido e organizado em contexto de sala. A educadora B menciona que as suas crianças são quem decidem como decorar o seu portefólio, quais os materiais mais significativos para si, qual a ilustração dos seus separadores (compreendem o que cada um representa e o tipo de experiências e aprendizagens que podem incluir em cada um deles). Para além disso, todos os registos são contemplados com o comentário da criança. No entanto, a educadora A reforça a ideia de que as crianças não são as principais autoras do seu portefólio, uma vez que o educador de infância é quem tem de aliar todo o trabalho à volta dos portefólios às metodologias seguidas, neste caso, ao trabalho de projeto e a algumas linhas do MEM, gerindo muito bem o seu tempo ao longo de todos os dias. Assim, termina o seu discurso, afirmando, uma vez mais, que o educador de infância será sempre um orientador deste processo de aprendizagem.

2.4.1.7. Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios

Neste ponto, pretende-se compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista das três entrevistadas. Desta forma, este ponto será dividido pela opinião das três educadoras para que, de uma forma mais simplificada, seja possível entender-se quais as aprendizagens que são promovidas através da construção deste instrumento.

Assim sendo, no que diz respeito à Educadora A, esta enumerou algumas aprendizagens que, no seu ponto de vista, podem ser promovidas através da construção dos portefólios, tais como:

- Auto reflexão sobre o seu próprio trabalho;
- Desenvolvimento de uma maior reflexão, nos momentos de partilha com pequenos grupos;
- Desenvolvimento da opinião crítica;
- Desenvolvimento de competências de comunicação oral;
- Desenvolvimento da capacidade para descrever ou explicar as suas ideias ou opções;

- Desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo;
- Estimulação da motivação;
- Desenvolvimento do desejo de que querer fazer melhor.

Relativamente à Educadora B, esta contou também algumas aprendizagens possíveis de serem promovidas através da construção deste instrumento, nomeadamente:

- Estímulo de atitudes positivas face à aprendizagem;
- Favorecimento de uma boa autoestima e confiança pessoal;
- Promoção de uma atitude mais crítica;
- Valorização das suas conquistas;
- Desenvolvimento de uma atitude mais reflexiva;
- Desenvolvimento de uma atitude positiva;
- Desenvolvimento de uma atitude mais interativa com o outro;
- Desenvolvimento de um sentido de responsabilidade, ao assumir a capa como sua e como algo de máxima importância.

Para além disto, a Educadora B acrescentou que estas competências, enumeradas acima, podem ser estimuladas pelo educador ao envolver as crianças neste processo, tornando-as como um agente ativo da sua aprendizagem.

E, por fim, a Educadora C também referiu algumas aprendizagens que este processo pode promover às crianças, particularmente:

- Construção do seu próprio conhecimento;
- Capacidade de tomada de decisão;
- Desenvolvimento da Linguagem oral;
- Desenvolvimento do sentido crítico;

- Capacidade de auto reflexão;
- Envolvimento e da participação na realização do portefólio.

2.4.1.8. Considerações finais sobre as entrevistas

Antes de mais, é importante referir que ao longo das entrevistas foi possível observar as reações, medos, sentimentos, entre outros, por parte das educadoras.

Relativamente à relação entrevistador-entrevistado, é possível afirmar que esta foi crescendo com o decorrer da entrevista. Neste sentido, o constrangimento e a timidez que se fizeram sentir no início da entrevista, rapidamente foram ultrapassados.

Ao longo das entrevistas, as educadoras mostraram-se muito empenhadas, uma vez que questionavam com frequência o entrevistador, faziam muitas pausas para pensarem na resposta e, mesmo durante esta, refaziam-na e ordenavam a sequência de ideias várias vezes.

No final das entrevistas, todas as educadoras mostraram-se disponíveis para eventuais futuros encontros.

2.4.2. Entrevistas às Crianças

Neste ponto, serão apresentados e analisados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas às crianças. Para além disso, este ponto, será dividido pelos blocos/dimensões do presente estudo, para que se torne mais explícito.

2.4.2.1. Funcionalidade/ Objetivos dos portefólios

De uma forma geral, todas as crianças inquiridas referem que o portefólio serve para guardar os trabalhos que consideram ser os mais importantes para elas e que as ajudam a aprenderem conteúdos novos. É de salientar que algumas crianças também mencionam que colocam alguns trabalhos que são importantes para a sua educadora.

Para além disso, algumas das crianças salientam que o portefólio serve para, quando forem mais crescidos, recordarem de todos os trabalhos importantes que realizaram.

2.4.2.2. Opinião sobre a construção dos portefólios

Através deste ponto, pretendia-se entender um pouco mais a opinião das crianças inquiridas sobre as evidências colocadas no seu portefólio, o interesse manifestado por esta dinâmica e, por fim, a importância deste processo para o seu crescimento.

Desta forma, no que diz respeito às evidências colocadas nos seus portefólios, de uma forma geral, as crianças referem que colocam os trabalhos que consideram como sendo os mais importantes quer para elas, quer para a sua educadora. No entanto, algumas das crianças conseguem exprimir-se um pouco mais, afirmando que colocam os trabalhos mais importantes de pintura, de desenhos, de matemática, de escrever e, por fim, os trabalhos realizados, ao fim de semana, com a sua família. Na mesma linha do pensamento, uma das crianças menciona que os trabalhos que não são “espetaculares” vão para a gaveta ou para outra capa, uma vez que se ela não gosta do trabalho, então as restantes pessoas também não irão gostar.

Além do mais, uma das crianças inquiridas, salienta também, que, no início deste processo, colocam no seu portefólio, as micas e os separadores.

Relativamente ao interesse manifestado pelas crianças por esta dinâmica, todas elas, responderam de forma afirmativa que gostavam de realizar o seu portefólio. No momento em que as crianças argumentavam o porquê de gostarem, de uma forma geral, responderam que aprender conteúdos novos seria uma das razões por isso. Algumas das crianças, também salientam o facto de os trabalhos desde os três anos de idade estarem incluídos no seu portefólio, uma vez que gostam de os recordar.

Para além disso, uma das crianças refere que gosta de quando está com a Ana (estagiária), uma vez que está sozinho a conversar sobre o seu trabalho, e, assim, usufrui da total atenção por parte do adulto.

No mesmo seguimento, é de salientar, que uma das crianças inquiridas, afirma que gosta desta dinâmica, uma vez que, mais tarde, a professora do 1º Ciclo, terá a oportunidade de ver os seus trabalhos realizados. É importante realçar que esta criança, tem vindo a demonstrar uma grande preocupação com a transição para o 1º Ciclo, e, que por isso, a sua resposta reposta acabou por ser um pouco influenciada.

Quanto à importância da construção dos portefólios para o seu crescimento, todas as crianças inquiridas afirmaram que era importante, uma vez que realizam trabalhos que lhes possibilitam a aquisição de novos conteúdos. No entanto, uma das crianças também salienta que, ao ter de tomar conta do seu portefólio, está a tornar-se numa pessoa mais responsável e mais crescida.

Para além do mais, uma das crianças refere que, ao olhar para o seu portefólio, desde os três anos de idade, consegue perceber que agora desenha melhor: “Porque eu consigo ver no meu portefólio que agora consigo desenhar melhor, antes eu fazia desenhos que não gostava muito e agora gosto.” (M.)

2.4.2.3. Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios

Neste ponto, pretende-se compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista delas mesmas. Desta forma, este ponto, será dividido pela opinião das crianças, para que, de uma forma mais simplificada, para seja possível entender-se quais as aprendizagens que podem ser promovidas através da construção deste instrumento.

Assim sendo, as crianças inquiridas, enumeraram algumas aprendizagens que, no ponto de vista delas, podem ser promovidas através da construção dos portefólios, tais como:

- “Quando tenho de dizer à Ana porque quero colocar o trabalho no meu portefólio, eu aprendo a dizer o porquê de querer colocar lá o meu trabalho.” (G.)
- “Quando estou a explicar o que fiz, nas conferências, aprendo a explicar e a falar melhor”. (G.)
- “Eu costumo aprender a falar com a boca, se eu não falar com a boca e tu disseres alguma coisa, tu não vais conseguir perceber o que eu estou a dizer.” (I.)

- “Também aprendo a não estar sempre calada, sem dizer nada sobre algum trabalho.” (I.)
- “Aprendo como se põe os trabalhos no meu portefólio, porque tem separadores diferentes, uns são de música, outros de matemática, outros de desenho.” (M.)
- “Aprendo a dizer se eu gosto ou não de algum trabalho.” (A.)
- “Aprendo que temos de estar empenhados, para o nosso trabalho correr bem.” (Ma.)
- “Aprendo a mostrar os trabalhos aos meus amigos e a falar alto, para eles me ouvirem.” (T.)
- “Aprendo a tomar conta do meu portefólio.” (Da.)
- “Aprendo a respeitar as outras pessoas, para ouvirmos o que elas estão a dizer, quando estamos a ouvir algum trabalho do portefólio.” (D.)

Para além das respostas mencionadas em cima, no geral, as restantes crianças, referiam que aprendiam a fazer melhor os trabalhos que colocam no seu portefólio.

2.4.3. Inquérito por questionários

Neste ponto, serão apresentados e analisados os resultados obtidos nos inquéritos realizados a educadoras de infância e a estagiárias/os finalistas em Educação Pré-Escolar. Para além disso, este ponto, será dividido pelos blocos/dimensões do presente estudo, para que se torne mais explícito.

2.4.3.1 Tempo de serviço

No que diz respeito ao tempo de serviço das pessoas que responderam ao inquérito, podemos observar através do gráfico abaixo que oito pessoas não têm tempo de serviço, uma pessoa tem um ano de serviço, duas pessoas têm cinco anos de serviço, uma pessoa tem seis anos de serviço, uma pessoa tem onze anos de serviço, uma pessoa tem quinze anos de serviço e, por fim, uma pessoa tem vinte e sete anos de serviço.

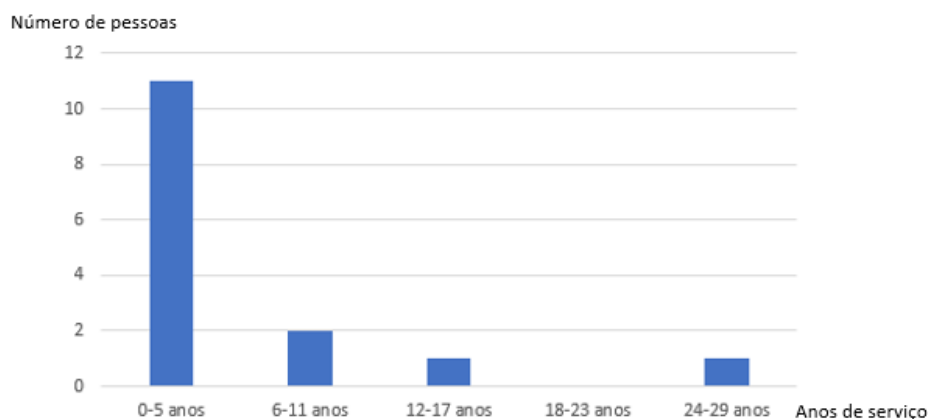


Gráfico 1- Tempo de serviço dos inquiridos

2.4.3.2 Elaboração de portefólios

Através do gráfico abaixo é possível constatar que 100% das pessoas inquirida elabora portefólios na sua prática educativa.

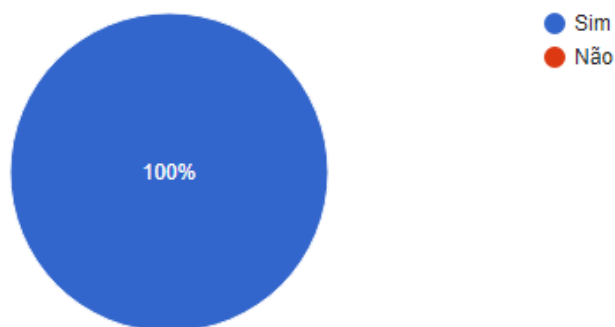


Gráfico 2- Percentagem de inquiridos que elaboram portefólios

2.4.3.3. Formação sobre os portefólios de crianças

Segundo o gráfico abaixo é possível verificar que 93,3% das pessoas inquiridas tem formação sobre portefólios de crianças e 6,7% não tem formação.

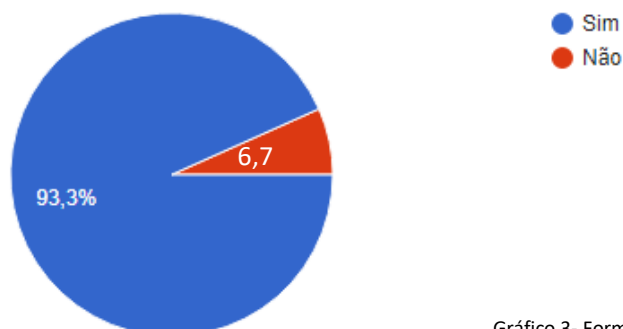


Gráfico 3- Formação sobre os portefólios de crianças

2.4.3.4. Vantagens e desvantagens da utilização dos portefólios

Quando questionados se o facto de as crianças participarem, de forma ativa, na elaboração dos portefólios era uma vantagem, 13,3% atribuiu o valor 3, 33,3% atribuiu o valor 4 e 53,3% atribuiu o valor 5, como é possível verificar no gráfico abaixo. É de salientar que a escala é de 1 a 5, sendo que o 1 corresponde a nada e o 5 corresponde a bastante.

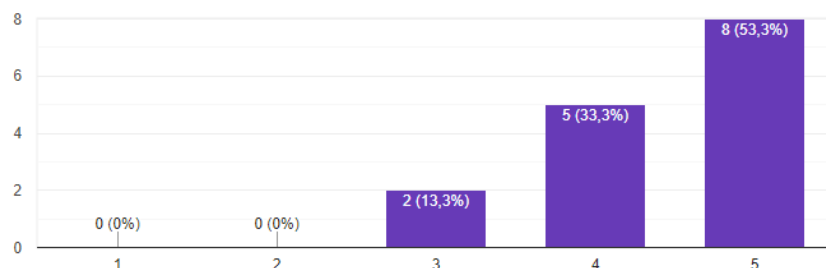


Gráfico 4- Participação das crianças como uma vantagem

Em relação ao facto de os portefólios serem um instrumento que permite a comunicação com as famílias ser considerado como uma vantagem, 6,7% da população atribuiu o valor 3, 40% atribuiu o valor 4 e 53,3% atribuiu o valor 5, como é possível constatar no gráfico abaixo.

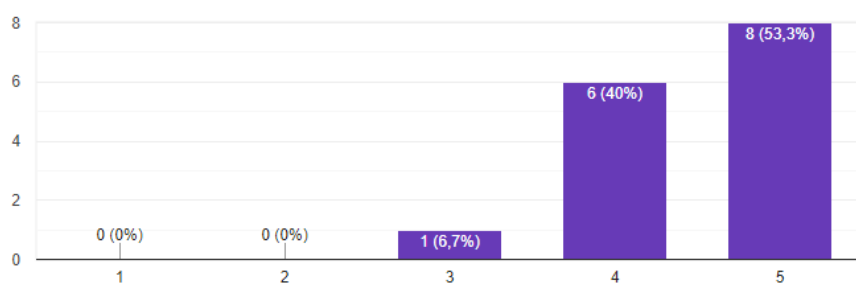


Gráfico 5- Instrumento que permite a comunicação com as famílias ser uma vantagem

Relativamente ao facto de os portefólios permitirem evidenciar competências desenvolvidas pelas crianças ser uma vantagem, 20% da população atribuiu o valor 3, 20% atribuiu o valor 4 e 60% atribuiu o valor 5, como é possível observar no gráfico abaixo.

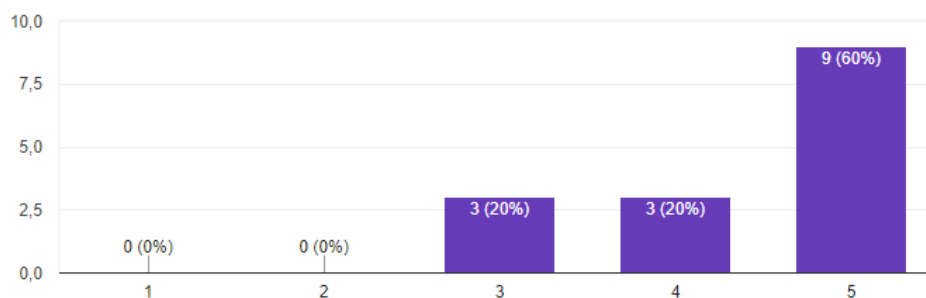


Gráfico 6- A evidência de competências desenvolvidas ser uma vantagem

No que diz respeito ao tempo exigido para a elaboração dos portefólios ser considerada como uma desvantagem, 20% da população atribuiu o valor de 1, 20% atribuiu o valor de 2, 20% atribuiu o valor de 3, 6,7% atribuiu o valor de 4 e 33,3% atribuiu o valor de 5, como é possível verificar no gráfico abaixo.

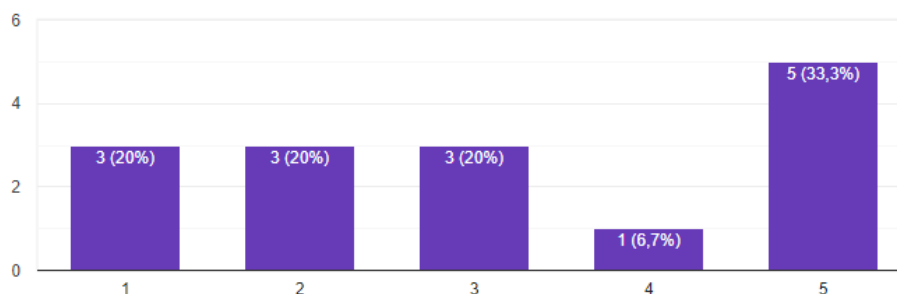


Gráfico 7- O tempo exigido para a elaboração dos portefólios ser uma desvantagem

No que concerne aos recursos materiais que são exigidos para a construção do portefólio ser estimado como uma desvantagem, 13,3% da população atribuiu o valor de 1, 26,7% atribuiu o valor de 2, 13,3% atribuiu o valor de 3, 26,7% atribuiu o valor de 4 e 20% atribuiu o valor de 5, como é possível constatar no gráfico abaixo.

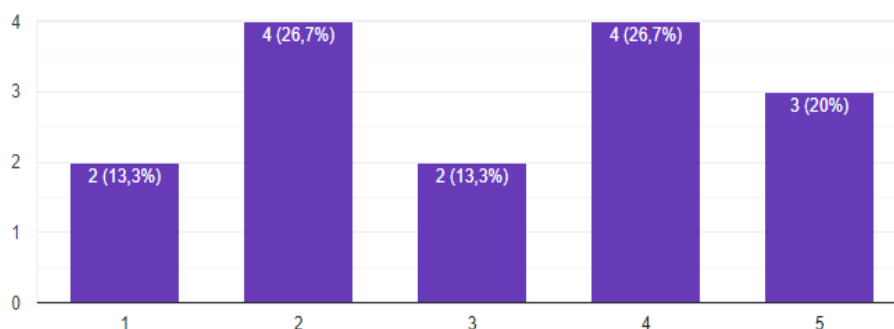


Gráfico 8- Os recursos materiais que são exigidos ser uma desvantagem

2.4.3.5. Papel das crianças

Relativamente a este conteúdo, é possível observar através do gráfico abaixo que 6,7% da população considera que as crianças, durante o processo de construção de portefólios, selecionam os seus registos, 6,7% considera que as crianças comentam os registos, dão sugestões e participam na construção dos seus portefólios e partilham com os seus colegas, 40% considera que as crianças apenas comentam os seus registos, 33,3% considera que as crianças dão sugestões acerca dos seus portefólios e 13,3% das crianças constroem o suporte para guardar os registos do portefólio.

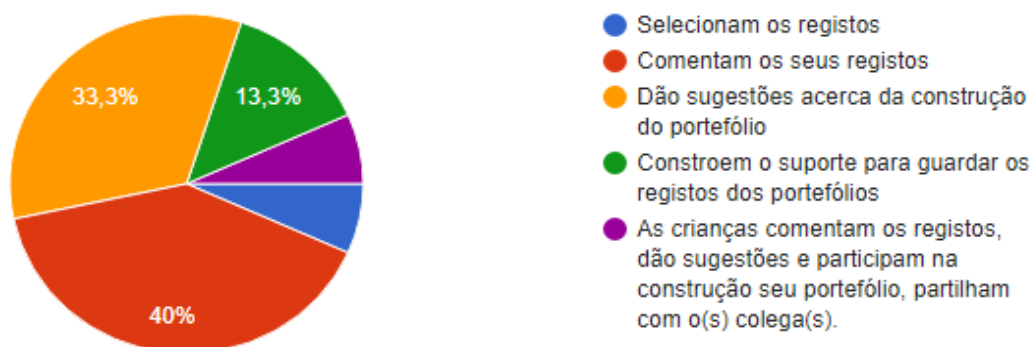


Gráfico 9- Papel das crianças

2.4.3.6. Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios

Em relação à participação da criança na sua própria aprendizagem, 13,3% da população atribuiu o valor de 3, 33,3% atribuiu o valor de 4 e 53,3% atribuiu o valor de 5, como é possível observar no gráfico abaixo.

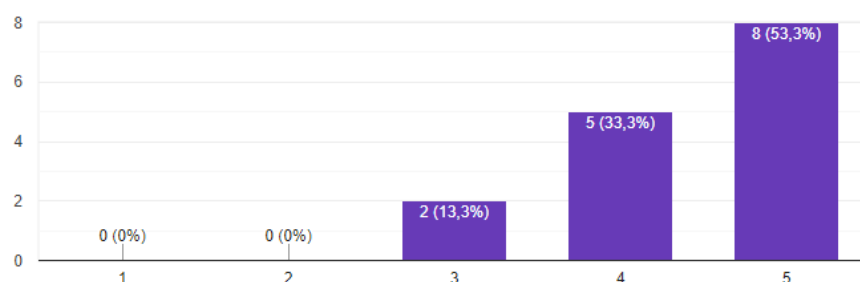


Gráfico 10- A participação da criança na sua própria aprendizagem

Relativamente à autoavaliação da criança, 6,7% da população atribuiu o valor de 2, 13,3% atribuiu o valor de 3, 26,7% atribuiu o valor de 4 e 53,3% atribuiu o valor de 5, como é possível verificar no gráfico abaixo.

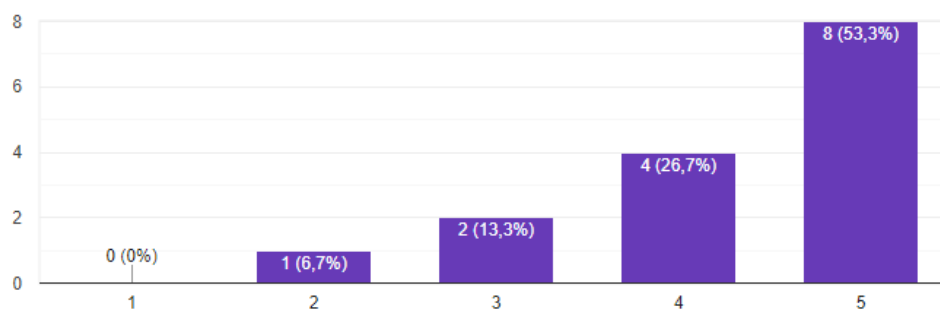


Gráfico 11- Autoavaliação da criança

No que concerne ao envolvimento na aprendizagem das restantes crianças, 13,3% atribuiu o valor de 3, 53,3% atribuiu o valor de 4 e 33,3% atribuiu o valor de 5, como é possível observar no gráfico abaixo.

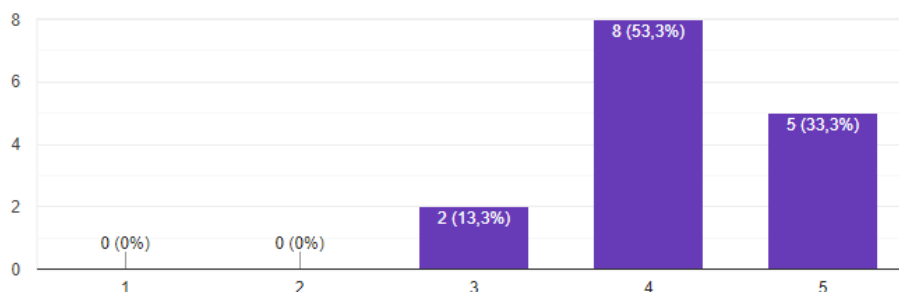


Gráfico 12- Envolvimento na aprendizagem das restantes crianças

No que diz respeito ao desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, 6,7% da população atribuiu o valor de 3, 40% atribuiu o valor de 4 e 53,3% atribuiu o valor de 5, como é possível observar no gráfico abaixo.

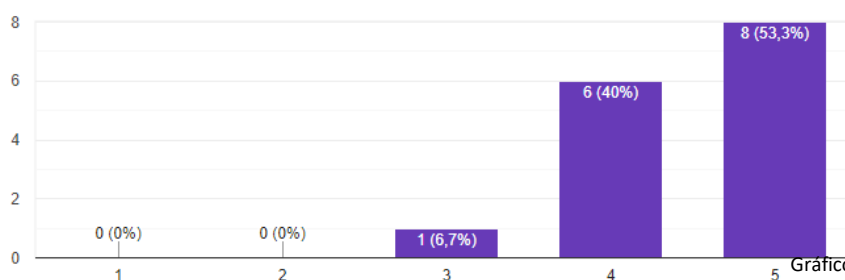


Gráfico 13- Atitudes de diálogo crítico

Relativamente ao desenvolvimento da autonomia, 6,7% da população atribuiu o valor de 2, 6,7% atribuiu o valor de 3, 33,3% atribuiu o valor de 4 e 53,3% atribuiu o valor de 5, como é possível constatar no gráfico abaixo.

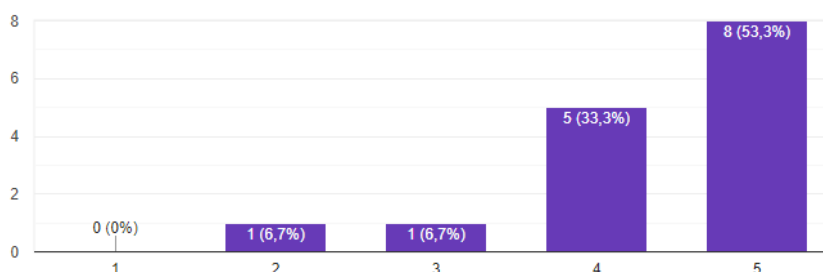


Gráfico 14- Autonomia

No que se refere à persistência na concretização dos seus objetivos, 20% da população atribuiu o valor de 3, 20% atribuiu o valor de 4 e 60% atribuiu o valor de 5, como é possível observar no gráfico abaixo.

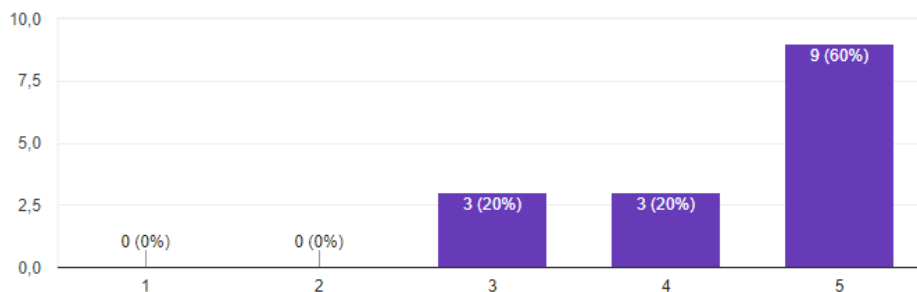


Gráfico 15- Persistência na concretização dos seus objetivos

Em relação ao desenvolvimento de processos metacognitivos, 20% da população atribuiu o valor de 3, 20% atribuiu o valor de 4 e 60% atribuiu o valor de 5, como é possível verificar no gráfico abaixo.

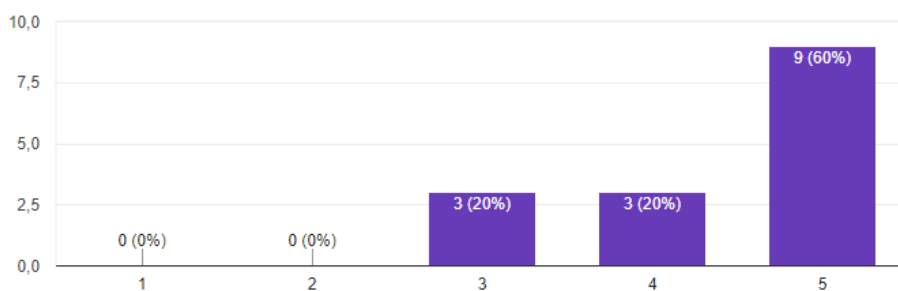


Gráfico 16- Processos metacognitivos

No que diz respeito ao desenvolvimento de um autoconceito positivo, 13,3% da população atribuiu o valor de 3, 26,7% atribuiu o valor de 4 e 60% atribuiu o valor de 5, como é possível constatar no gráfico abaixo.

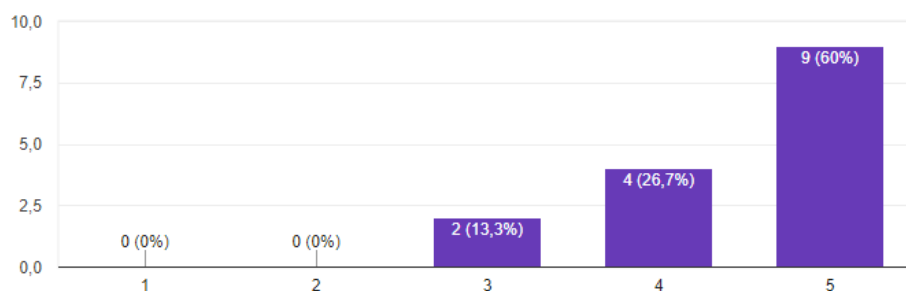


Gráfico 17- Autoconceito positivo

E, por fim, em relação ao desenvolvimento da linguagem oral, 6,7% da população atribuiu o valor de 3, 20% atribuiu o valor de 4 e 73,3% atribuiu o valor de 5 como é possível observar no gráfico abaixo.

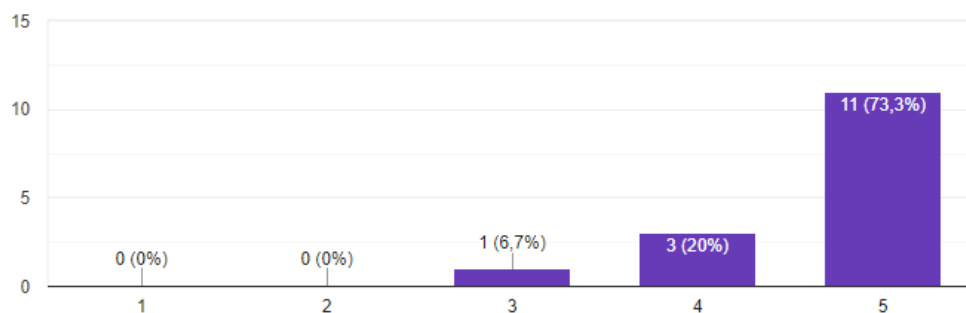


Gráfico 18- Linguagem oral

2. Análise e discussão final dos resultados

Após o tratamento e análise dos dados recolhidos, é fundamental refletir e retirar algumas conclusões.

Desta forma, relativamente aos conteúdos contemplados nos portefólios, as diferentes educadoras inquiridas afirmaram que contemplam as áreas de conteúdo, nomeadamente a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação e, por fim, a Área do Conhecimento do Mundo. Para além disso, também incluem um separador para a avaliação diagnóstica e para as avaliações formativas. Também as crianças tiveram voz ativa nesta investigação, e, por isso, quando confrontadas com esta questão referiram que colocam “trabalhos muito importantes e espetaculares para mim” (criança A), “costumo meter trabalhos de pintura, desenhos, trabalhos de matemática e trabalhos para escrever” (criança C), “no início colocamos as micas e os separadores e depois vamos pondo os trabalhos que são mais importantes para mim” (criança F). De facto, as autoras Marchão & Fitas (2014) defendem que o educador de infância deve adotar uma forma de recolher, organizar e armazenar as informações para as diferentes partes do portefólio, no sentido de conseguir reunir as diversas informações que representem os conhecimentos, as competências e as realizações de cada criança, adequadamente documentados em todas as áreas de conteúdo.

Para além disso, a educadora B também contempla um separador intitulado como “Portefólio com a família”, onde são arquivados todos os registos que as crianças realizam com a participação das suas famílias. Também uma das crianças inquiridas referiu este aspeto, salientando que “(...) nós também podemos fazer os trabalhos no fim de semana com o pai, a mãe e a minha cadela a brincarmos no jardim e depois colocamos no meu portefólio” (criança B). Assim sendo, tal como investigado através dos autores Gelfer & Perkins (1996) citado por Parente (2004), ao longo deste processo, os pais/familiares poderão “ser convidados a mandar fotografias da família, a enviar descrições das responsabilidades da criança em casa, amostras de trabalhos realizados

em casa, outras observações que considerem mais relevantes, etc” (Gelfer e Perkins, 1996, citado por Parente, 2004, p. 75).

Relativamente à funcionalidade dos portefólios, em geral, as crianças referiram que o portefólio “serve para guardarmos trabalhos que são muito importantes e que nos ajudaram muito a aprender mais” (criança A) e “serve para aprender e para guardarmos os nossos trabalhos que são de pintura, das formas geométricas e de escrever” (criança B). De facto, tal como referem Silva & Craveiro (2014), o portefólio deve ser considerado como um conjunto de produções importantes para as crianças e registos de observação recolhidos intencionalmente pelo adulto.

No que diz respeito às vantagens e desvantagens da utilização dos portefólios, de uma forma geral, estas educadoras de infância referiram que o facto de incluir a criança neste processo e com ela refletir sobre o seu desenvolvimento, pode ser vista como uma vantagem. Desta forma, tal como defendem os autores Melo & Freitas (2006) “a participação das crianças no processo de avaliação deixa de ser uma participação passiva e passa a ser uma participação mais ativa” (Melo & Freitas, 2006, p.66).

Para além do mais, a educadora B também salientou que o portefólio “ é um excelente recurso de avaliação”. De facto, há “uma maior diversificação dos processos de avaliação, através da contextualização, ou seja, desenvolver-se-á uma maior relação da avaliação com o local/contexto onde se desenvolvem as diferentes aprendizagens” (Melo & Freitas, 2006, p.66).

Através do questionário realizado às educadoras de infância de infância e a estagiárias finalistas, nesta mesma área, é possível perceber que grande parte da população inquirida concorda que o facto de as crianças participarem, de forma ativa, na elaboração do portefólio, o facto de os portefólios serem um instrumento que permite a comunicação com as famílias e o facto dos portefólios permitirem evidenciar as competências desenvolvidas pelas crianças são vantagens da construção dos portefólios, tal como investigado e já referido anteriormente pelos autores Melo & Freitas (2006).

No entanto, estas educadoras de infância encontraram também desvantagens neste processo, como a exigência de um trabalho diário e contínuo das crianças para produzirem, compilarem e organizarem o seu portefólio. Através do questionário realizado, é possível também observar que a grande parte da população inquirida concorda com esta desvantagem. De facto, “o fator tempo constitui uma das dificuldades mais apontadas pelos professores para a implementação do portefólio” (Veiga Simão 2005, p.286). Para além disso, através do questionário percebeu-se que 20% da população inquirida também concorda que os recursos materiais que são exigidos para a construção do portefólio são uma desvantagem.

Quanto ao papel do educador de infância neste processo, as educadoras de infância partilham a mesma opinião, referindo que o adulto deverá adotar uma postura de orientador-guia. Desta forma, destaca-se o papel do educador de infância como sendo crucial, para que os objetivos inerentes a este instrumento sejam alcançados com êxito por todos os intervenientes, tal como defende Carvalho (2007). Para além disso, Shores & Grace (2001) salientam que o educador de infância deve incentivar a criança em todo o processo.

Além do mais, a educadora C refere que “devido à tenra idade das crianças, a primeira parte da elaboração e organização do portefólio é da minha responsabilidade”. Posto isto, Shores & Grace (2001) referem que no início deste processo é natural que as crianças, principalmente as mais pequenas necessitam de mais auxílio do adulto. Para além disso, estes mesmos autores defendem que o discurso da criança, com o decorrer do tempo, começa a ser cada vez mais detalhado, como é possível verificar através dos seguintes registos de portefólio: “eu quero guardar esta atividade no meu portefólio porque gostei muito. Fiz o céu, o sol, as nuvens, as pessoas com os meus pés.” (G., 22 de novembro de 2017); “Eu gostei muito que o meu pai viesse cá mostrar as maquetes, e eu aqui estou a mostrar aos meus amigos. Quando mostrei aos meus amigos disse que era para colocar no portefólio, eles fizeram muitas perguntas e eu soube responder a todas, foi por isso que eu quis que tu tirasses uma foto comigo e com os meus amigos porque estou a ensiná-los. Eu aprendi o que é uma maquete e como se faz uma, e assim já consigo explicar aos meus amigos. Aprendi o que são projetos e como fazem os desenhos das maquetes. As maquetes são coisas pequenas.” (G. 6 de abril de 2018).

Em relação ao papel da criança neste processo, de uma forma geral, as educadoras de infância referem que elas têm um papel ativo. Para além disso, através do questionário realizado, percebe-se que 6,7% da população considera que as crianças, durante o processo de construção de portefólios, selecionam os seus registos, 6,7% considera que as crianças comentam os registos, dão sugestões e participam na construção do seus portefólios e partilham com os seus colegas, 40% considera que as crianças apenas comentam os seus registos, 33,3% considera que as crianças dão sugestões acerca dos seus portefólios e 13,3% das crianças constroem o suporte para guardar os registos do portefólio. De facto, Marchão & Fitas (2014) defendem que o portefólio é um instrumento que realça a importância da participação ativa da criança, ao nível da escolha, da decisão, da construção e da afirmação do seu pensamento crítico.

Para além disso, a educadora B menciona que “cada criança decide como decorar o seu portefólio, que materiais são mais significativos para si. Têm parte ativa na ilustração dos separadores (...) Todos os registos são contemplados com o comentário da criança (...)”. Deste modo, Shores & Grace (2001) também fazem referência ao papel da criança, mencionando que é importante a envolvermos neste processo, dando-lhe, por exemplo, a oportunidade de escolha de alguns trabalhos e a escrita de um breve comentário sobre os mesmos, para que esta entenda o processo de construção de um portefólio e, mais tarde, consiga entender o seu próprio desenvolvimento.

No que concerne às aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios, a educadora A enumerou algumas como são o caso: auto reflexão sobre o seu próprio trabalho; desenvolvimento de uma maior reflexão nos momentos de partilha com pequenos grupos; desenvolvimento da opinião crítica; desenvolvimento de competências de comunicação oral; desenvolvimento da capacidade para descrever ou explicar as suas ideias ou opções; desenvolvimento de um pensamento crítico e reflexivo; estimulação da motivação; desenvolvimento do desejo de querer fazer melhor. Quanto à educadora B, esta contou também algumas aprendizagens, tais como: estimulação de atitudes positivas face à aprendizagem; estimulação de uma boa autoestima e confiança pessoal; fomentação de uma atitude mais crítica; valorização das suas conquistas; desenvolvimento de uma atitude mais reflexiva; desenvolvimento de uma atitude positiva; desenvolvimento de uma atitude mais interativa com o outro;

desenvolvimento de um sentido de responsabilidade, ao assumir a capa como sua e como algo de máxima importância. Por fim, a educadora C também referiu algumas aprendizagens, particularmente: construção do seu próprio conhecimento; desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão; desenvolvimento da linguagem oral; desenvolvimento do sentido crítico; desenvolvimento da capacidade de auto reflexão; fomentação do envolvimento e da participação na realização do portefólio. De facto, as aprendizagens enumeradas pelas educadoras de infância vão ao encontro das aprendizagens referidas por Formosinho & Parente (2005), tais como, valorização do seu próprio trabalho, desenvolvimento de competências de participação na sua própria aprendizagem, encorajamento da auto análise e desenvolvimento da auto avaliação. Também as autoras Silva & Craveiro (2014) enumeram algumas aprendizagens que as educadoras de infância referiram, como: o desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, de responsabilidade, de persistência na concretização dos seus objetivos, de um autoconceito positivo, da autoconfiança e de iniciativa própria. É de salientar o desenvolvimento de processos metacognitivos que não foi referido por nenhuma educadora, mas de acordo com Silva & Craveiro (2014) pode ser uma aprendizagem que o processo de construção dos portefólios pode promover às crianças.

Para além das educadoras de infância, também as opiniões das diferentes crianças acerca das aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios foram escutadas. Desta forma, as crianças inquiridas enumeraram algumas aprendizagens, tais como: “Quando tenho de dizer à Ana porque quero colocar o trabalho no meu portefólio, eu aprendo a dizer o porquê de querer colocar lá o meu trabalho” (criança A); “Quando estou a explicar o que fiz, nas conferências, aprendo a explicar e a falar melhor” (criança A); “Eu costumo aprender a falar com a boca, se eu não falar com a boca e tu disseres alguma coisa, tu não vais conseguir perceber o que eu estou a dizer” (criança C); “Também aprendo a não estar sempre calada, sem dizer nada sobre algum trabalho” (criança C); “Aprendo como ponho os trabalhos no meu portefólio, porque tem separadores diferentes, uns são de música, outros de matemática, outros de desenho” (criança D); “Aprendo a dizer se eu gosto ou não de algum trabalho” (criança E); “Aprendo que temos de estar empenhados, para o nosso trabalho correr bem” (criança F); “Aprendo a mostrar os trabalhos aos meus amigos e a falar alto, para eles

me ouvirem” (criança G); “Aprendo a tomar conta do meu portefólio” (criança H); “Aprendo a respeitar as outras pessoas, para ouvirmos o que elas estão a dizer, quando estamos a ouvir algum trabalho do portefólio” (criança I). Através destas respostas, entende-se que as crianças percebem que a construção dos portefólios pode promover determinadas aprendizagens, tais como: o desenvolvimento da linguagem oral, a valorização do seu próprio trabalho, desenvolvimento da autoavaliação, desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico e desenvolvimento da responsabilidade, tal como enumeram as autoras Silva & Craveiro (2014) e Formosinho & Parente (2005).

No mesmo seguimento, foi elaborada uma grelha de observação das aprendizagens, uma vez que se pretendia observar as crianças do grupo, em diferentes momentos de aprendizagem, no sentido de comprovar o desenvolvimento de uma determinada aprendizagem que a construção dos portefólios promove.

Assim sendo, em relação à participação na sua própria aprendizagem Freire (2011) refere que a participação das crianças deve atender ao envolvimento participativo entre os intervenientes, sendo que as crianças devem ser escutadas pelos adultos e deve ser-lhes dado espaço para expressarem-se, com vista à tomada de decisões, tal como foi possível observar no momento em que as crianças estavam sentadas em roda e a I. sentou-se à frente da estagiária e começou a explicar o que era possível de se fazer com o livro que ela trouxe de casa. À medida que a I. ia explicando, as restantes crianças estavam muito atentas e iam fazendo-lhe perguntas acerca do livro (ver anexo 47- registo contínuo). Para além disso, através do questionário realizado é possível observar que 53,3% da população inquirida concorda com esta aprendizagem.

No que diz respeito à reflexão do seu próprio trabalho (autoavaliação), segundo Silva & Lopes (2012), as crianças avaliam as suas competências, o que têm de melhor, o que já conseguem fazer, as dificuldades sentidas e como podem ultrapassar essas dificuldades. Desta forma, foi possível observar esta aprendizagem através de expressões, por parte das crianças, como:

“Quero colocar no meu portefólio, porque gostei muito. Fiz o céu, o sol, as nuvens e as pessoas com os meus pés” (ver anexo 12-registo de portefólio);

“Eu nunca fiz no stencil uma boneca, mas agora aprendi a fazer. Fiz o meio da flor e depois pinte com a rosa e fiz os carimbos. Aprendi também a fazer o pássaro, o castelo e o pinheiro. Também consegui fazer o pinguim e a flor. Como aprendi a fazer tudo isto, quero que tu tires uma fotografia para colocar no meu portefólio” (ver anexo 38- registo do portefólio);

“Com este trabalho, aprendi como se pinta com balões e também quando eu fiz a colagem, foi difícil porque eu tinha de recortar muito bem. Recortar muito bem é difícil. O sol foi a parte mais difícil de recortar, eu não recortei à volta, tive de recortar os pauzinhos direitinhos. Eu consegui fazer melhor” (ver anexo 41- registo do portefólio).

Para além disso, através do questionário realizado é possível verificar que 53,3% da população inquirida concorda com esta aprendizagem.

Relativamente ao envolvimento na aprendizagem das restantes crianças do grupo, Lopes & Silva (2009) defendem que “através da partilha dos mesmos propósitos, os membros do grupo influenciam-se mutuamente” (Lopes & Silva, 2009, p. 10). Assim, no dia em que o pai de uma das crianças com quem a estagiária realizou o portefólio foi à escola mostrar maquetes, essa criança pediu à estagiária que, no final, enquanto ele mostrava e explicava as maquetes aos seus amigos, tirasse fotografias para colocar no seu portefólio, sendo que no seu comentário referiu que:

“eu gostei muito que o meu pai viesse cá mostrar as maquetes, e eu aqui estou a mostrar aos meus amigos. Quando mostrei aos meus amigos disse que era para colocar no meu portefólio, eles fizeram muitas perguntas e eu soube responder a todas, foi por isso que eu quis que tu tirasses uma fotografia comigo e com os meus amigos porque estou a ensiná-los (...)” (ver anexo 25- registo de portefólio).

Na mesma linha de pensamento, é possível observar através do questionário realizado que apenas 33,3% da população concorda com esta aprendizagem.

No que concerne ao desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, segundo os autores Portugal & Marchão (2014), “(...) a construção e desenvolvimento do pensamento crítico são, em si, processos que influenciam na forma como o sujeito, no caso a criança, constrói e organiza o conhecimento” (Portugal & Marchão, 2014, p. 98). Por outro lado, Gonçalves & Azevedo (2006) referem que o ser humano já traz em si as potencialidades de reflexão crítica e aplicação prática das virtudes morais, bastando desenvolvê-las à luz de uma orientação pedagógica adequada (Gonçalves & Azevedo, 2006, p.103). No momento em que a criança G. evidenciou “Mas sabes, se calhar eu

conseguia fazer esta parte melhor. Para a próxima vou tentar fazer melhor” (ver anexo 35- registo do portefólio), podemos observar uma atitude de diálogo crítico quanto ao seu trabalho. Além do mais, através do questionário realizado percebe-se que 53,3% da população inquirida concorda com esta aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento e construção de responsabilidade e autonomia, esta deve “envolver uma partilha de poder entre o/a educador/a e as crianças, que têm a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, assumindo progressivamente responsabilidade pelo seu bem-estar (...)” (Silva, Marques & Mata, 2016, p.36). De facto, no momento em que a mãe da I. deslocou-se até junto da estagiária e referiu “sabe A., a I. anda muito preocupada, tem dito que a A. deve andar triste com a I. porque ela não tem sido responsável e não se tem dirigido à A. para colocar coisas no portefólio (...)” (ver anexo 31- registo de observação), verifica-se um sentido de responsabilidade na construção do seu portefólio. Para além disso, através do questionário realizado é possível analisar que 53,3% da população concorda com esta aprendizagem.

Quanto ao desenvolvimento do autoconceito positivo, os autores Crocker e Cheeseman (1988) referem que o desenvolvimento de um autoconceito positivo está dependente de a criança ser e ter a perceção de que é bem sucedida. Assim, através dos comentários ditos pelas crianças, como “eu gosto muito do meu portefólio, porque gosto muito de fazer o meu portefólio contigo. Eu consigo fazer coisas muito bonitas e coisas muito importantes para mim” (ver anexo 43- incidente crítico), “eu quero colocar este trabalho no meu portefólio, porque eu gostei muito de realizar este trabalho do corpo humano e como eu sei fazer ficou muito bem, muito giro. Consegui fazer com os cotonetes, dá para tocar e mostrar o nosso corpo humano” (ver anexo 18- registo de portefólio), podemos verificar que estas crianças desenvolvem um autoconceito positivo. Para além disso, é de salientar que através da frequência de momentos como estes as crianças têm oportunidade de desenvolver, cada vez mais, um autoconceito positivo. Além disto, através do questionário realizado é possível observar que 60% da população inquirida concorda com esta aprendizagem.

Em relação ao desenvolvimento de processos metacognitivos, Ribeiro (2003) refere que a metacognição “diz respeito, entre outras coisas, ao conhecimento do

próprio conhecimento, à avaliação, à regulação e à organização dos próprios processos cognitivos” (Ribeiro, 2003, p.110). Assim sendo, no momento das conferências realizadas com as crianças, estas necessitam de recorrer à sua memória para recordarem os diferentes trabalhos realizados. Também através do questionário realizado é possível verificar que 60% da população concorda com esta aprendizagem.

E, por fim, relativamente ao desenvolvimento da linguagem oral, segundo Freitas, Alves, & Costa (2007), a linguagem é uma capacidade natural que vai evoluindo ao longo do tempo, envolvendo diversas fases de aquisição, nomeadamente o conhecimento dos sons da língua materna, a produção das primeiras palavras e posteriormente a construção de frases. Assim sendo, através do comentário da I. “já reparaste que eu utilizei a nova palavra que tu nos ensinaste? (...) a palavra contorno, porque tu disseste que eu assim explicava melhor o meu portefólio” (ver anexo 40-registo do portefólio), é possível entender que são variados os momentos da construção do portefólio que promovem o desenvolvimento da linguagem oral. Para além do mais, através do questionário é possível constatar que 73,3% concorda com esta aprendizagem.

Em suma, é possível verificar que o portefólio pode ser visto como um instrumento para a aprendizagem e não apenas como um instrumento para a avaliação.

3. Considerações finais

Neste ponto, pretende-se fazer uma retrospectiva do trabalho desenvolvido durante toda a investigação.

Assim, ao longo de toda a Prática de Ensino Supervisionada foram realizadas várias leituras acerca da avaliação na Educação Pré-Escolar e dos portefólios de crianças. Tornou-se, sem dúvida, essencial fazer uma ligação entre a teoria e a prática, uma vez que esta sustenta todo o trabalho.

Neste sentido, após uma análise bibliográfica é importante referir alguns autores como Formosinho & Parente (2005) e Silva & Craveiro (2014) que enumeram possíveis aprendizagens propiciadas às crianças, através da participação na construção dos seus portefólios. Assim, Formosinho & Parente (2005), afirmam que as crianças aprendem a valorizar o seu próprio trabalho, a desenvolver competências de participação na sua própria aprendizagem, a encorajar a auto análise e, por fim, a desenvolver e a encorajar a auto avaliação, conseguindo, assim, entender as suas próprias aprendizagens e o seu desenvolvimento. As autoras Silva & Craveiro (2014) enumeram o desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico, de responsabilidade e de persistência na concretização dos seus objetivos, de processos metacognitivos, de um autoconceito positivo, da autoconfiança e de iniciativa própria. É de salientar que neste ponto foram sentidas algumas dificuldades em encontrar teoria que relacionasse o portefólio como um instrumento que potencia a aprendizagem.

Desta forma, esta investigação teve como objetivo geral a compreensão das potencialidades dos portefólios na Educação Pré-Escolar como uma estratégia de aprendizagem. Já os objetivos específicos são: entender o que é um portefólio; especificar as características do processo de construção de um portefólio; compreender o papel da criança e do educador de infância no processo de elaboração de um portefólio; perceber quais as aprendizagens que podem ser promovidas no processo de elaboração dos portefólios.

Assim sendo, tendo em conta o objetivo geral e os objetivos específicos estabelecidos é possível concluir que o portefólio como um instrumento para a aprendizagem ainda não é totalmente considerado pelos educadores de infância, no entanto através das entrevistas e do questionário foi possível entender que eles têm a percepção de que os portefólios podem potencializar a aprendizagem, no entanto não se dedicam a esse aspetos. É de reter que os educadores de infância fazem a questão de salientar a exigência de um trabalho diário e contínuo das crianças para produzirem, compilarem e organizarem o seu portefólio como sendo uma desvantagem deste instrumento.

É importante referir que após a análise das entrevistas, surgiu o interesse de procurar mais opiniões de educadoras de infância e de estagiárias finalistas desta área. Assim sendo, foi realizado um questionário às mesmas com os mesmos objetivos estipulados para as entrevistas, mas com perguntas nas quais o inquirido tinha de selecionar uma, podendo estas ser: concorda totalmente, concorda, concorda pouco, discorda e discorda totalmente. Para além disso, também foram utilizadas questões de resposta aberta e de escolha múltipla.

Relativamente às limitações sentidas ao longo desta investigação, destaca-se a indisponibilidade, muitas vezes, sentida por parte das educadoras de infância para a realização das entrevistas. Para além disso, também foi notória a indisponibilidade por parte de educadoras de infância e das estagiárias finalistas para responderem ao questionário realizado.

Em relação ao questionário, é de salientar que teria sido pertinente incluir uma questão sobre o papel do educador de infância na construção dos portefólios das crianças.

O facto de dar voz ativa às crianças nesta investigação, a fim de compreender as opiniões delas com maior clareza, constituiu-se num desafio e numa mais valia para este trabalho. Foi muito interessante e importante entender como as crianças compreendem este processo de construção de portefólios, bem como a sua percepção sobre as aprendizagens que efetuam através do processo de elaboração deste mesmo instrumento.

É importante reter que, atualmente, as aprendizagens das crianças podem ser dinamizadas de várias formas e com este relatório de estágio foi possível entender que os portefólios das crianças podem ser uma mais valia para esse processo, uma vez que, através da investigação realizada, compreendemos que ao longo da construção deste instrumento é possível desenvolver determinadas competências nas crianças.

Em suma, com esta investigação foi-me possível estar consciente da importância dos portefólios das crianças como um instrumento para aprendizagem, em que o educador de infância deve adotar um papel de guia e de mediador, dando oportunidade à criança de ter um papel ativo neste processo. Para além do mais, é importante salientar que de acordo com os dados recolhidos, é possível afirmar que esta investigação é uma mais valia para os profissionais em Educação Pré-Escolar.

4. Bibliografia

Barnes, S. (2012). *Provocations on Assessment in Early Childhood Education*. Children's Services Central. Disponível em: http://www.academia.edu/3931082/Provocations_on_assessment_in_early_childhood_education

Bodgan R., Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Bondoso, T., Pinto, J. (2009). O portefólio e a gestão curricular na educação pré-escolar. Disponível em: <http://area.fc.ul.pt/en/Encontros%20Nacionais/BondosoPinto%202009.pdf>

Cardona, J. M., Vieira, C., Uva, M., Tavares, C. T. (2009). A (auto) avaliação. *Guião de Educação. Género e Cidadania*. Disponível em: https://www.cig.gov.pt/pdf/2014/pre_cap2_4.pdf

Cardona, M. J., & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na educação de infância*. Viseu: Psicosoma.

Carr, M. (2001). *Assessment in early childhood settings. Learning stories*. London: Sage

Carvalho, S. (2007). Avaliação na educação infantil: o portefólio como ferramenta. *Revista Terra e Cultura*, nº 44, ano 23, Janeiro a Julho.

Craven, R. G. (2000). *Enhancing Academic Self- Concept: A Large-Scale Longitudinal Study in an Educational Setting*. PhD Thesis. University of Sydney. <http://edweb.macarthur.uws.edu.au/self/Craven>

Crocker, T. & Cheeseman, R. (1988). Early admission: Early labeling. In M. Woodhead, P. Light & R. Carr (Eds.), *Growing up in a Changing Society*. London: Routledge.

Dean, A., & Zollitsch, B. (2010). *Authentic Assessment in Infant and Toddler Care Settings: Review of Recent Research*. Portland, ME: University of Southern Maine, Muskie School of Public Service, Cutler Institute for Health and Social Policy.

Earl, L. (2003). *Assessment as learning: Using classroom assessment to maximise student learning*. Corwin Press: Thousand Oaks, CA.

Earl, L., Katz, S. (2006). *Rethinking Classroom Assessment with Purpose in Mind*: Manitoba Education, Citizenship and Youth. Western and Northern Canadian. Disponível em <http://www.wncp.ca/media/40539/rethink.pdf>.

Faw, T. (1981). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência*. Brasil: Editora McGraw-Hill.

Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.

Fernandes, D. (2011). Avaliar para melhorar as aprendizagens: Análise e discussão de algumas questões essenciais. In I. Fialho e H. Salgueiro (Eds.), *Turma Mais e sucesso 61 escolar: Contributos teóricos e práticos* (pp. 81-107). Évora: Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/5664>.

Flottman, R, Stewart, L., Tayler, C. (2011). *Evidence Paper Practice Principle 7: Assessment for learning and development*. Department of Education and Early Childhood Development

Formosinho, J., Parente, C. (2005). Para uma pedagogia da infância ao serviço da equidade: o portefólio como visão alternativa da avaliação. *Infância e Educação: Investigação e Práticas*, nº7.

Freire, I. (2011) Cidadania da criança: escola e sociedade como palcos de participação. *Eduser - Revista de Educação*. v. 3, n. 2. ISSN 1645-4774. Disponível em: <<https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/33>>. Acesso em: 23 oct. 2018.

Freitas, M. J., Alves, D., & Costa, T. (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a consciência fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *Inquérito, O: Teoria e Prática*: Celta Editora
- Gonçalves, D. & Azevedo, C. (2006). *O valor e a utilidade da filosofia para crianças*. Cadernos de estudo. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.
- Gonçalves, M. I. (2008). *Avaliação em Educação de Infância- das concepções às práticas*. Editorial Novembro. Penafiel
- Harter, S. (1999). *The Construction of the Self: A Developmental Perspective*. New York: The Guilford Press
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Huitt, W. (1998). Self-Concept and Self-Esteem. An overview of Self-Concept Theory for Counselors. *ERIC Clearinghouse on Counseling and Personnel Services*, Ann Arbor, Mich. (An ERIC/CAPS Digest: ED304630).
- Ketele, J. & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da recolha de dados*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lacerda, A., Souza, M. (2013). A avaliação na Educação Infantil. *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*. V1, nº1, p.20-29, ISSN: 2237-8022.
- Lopes, J. & Silva, H. (2009). *A aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula – Um Guia Prático para o Professor*. Lisboa: Lidel.
- Lopes, J., & Silva, H. (2012). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Lisboa: Edições Lidel
- Marchão, A., Fitas, A. (2014). A avaliação da aprendizagem na educação pré-escolar. O portefólio da criança. *Revista Ibero-Americana de Educação*. N.º 64 (2014), pp. 27-41 (ISSN: 1022-6508).
- Melo, R., Freitas, H (2006). Portfólio: uma estratégia utilizada na avaliação das aprendizagens. *Revista Referência II série*, nº 2, Junho.
- Ministério da Educação. (2001). Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011. *Avaliação na Educação Pré-Escolar*. Lisboa. Ministério da Educação.

Mota, F. (2003). *Portfólios avaliativo: incorporando novas linguagens na avaliação*. Disponível em [www:URL:http://www.ensinofernandomota.hpg.com.br](http://www.ensinofernandomota.hpg.com.br). Disponível em: 19 de junho de 2018.

Oliveira-Formosinho, J. (2015). A avaliação holística. A proposta da pedagogia-em participação. *Interações*, 10 (32). Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/6346/4923>

Oliveira-Formosinho, J. e Araújo, S. (2008). Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas. Em J. Oliveira-Formosinho (org.) *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.

Pacheco, J. (2012). *Dicionário dos Valores em Educação*. Porto Alegre: Edições SM.

Papalia, D. Olds, S. Feldmand, R. (2009). *O Mundo da Criança: da Infância à Adolescência*. (11ª edição). São Paulo: Editora McGraw-Hill.

Parente, A. (2004). A construção de práticas alternativas de avaliação na pedagogia da infância: sete jornadas de aprendizagem. Braga: Universidade do Minho, In Gelfer, J., e Perkins, P. (1996). A Model for portfolio assessment in early childhood education programs. *Early Childhood Education Journal*, 24 (1), 5-10.

Parente, C. (2002) Observação: um percurso de formação, prática e reflexão In Oliveira-Formosinho, Júlia. *A supervisão na Formação de Professores I – Da sala à Escola*. Porto: Porto Editora.

Parente, C. (2014). A avaliação na Educação de Infância: Itinerários de uma Viagem de Educadores de Infância na Formação Inicial. *Revista Interações* v.32, p.168-182.

Pinto, J., Santos, L. (2006). *Modelos de Avaliação das Aprendizagens*. Lisboa: Universidade Aberta.

Portugal, G. & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pré-Escolar: Sistema de Acompanhamento das crianças*. Porto: Porto Editora.

Portugal, G. & Marchão, A. d. (2014). No Jardim de Infância e na Escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico: Práticas Pedagógicas que contribuem para construir o Pensamento Crítico. Vieira, Tenreiro-Vieira, Sá-Chaves & Machado (Org.), *O Pensamento Crítico na Educação: Perspetivas atuais no panorama internacional*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Quivy, R., Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva.

Ribeiro, C. (2003). Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), p. 109-116 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16802.pdf>

Rigolet, S. A. (2000). *Os três P- Precoce, Progressivo, Positivo. Comunicação e Linguagem para uma plena expressão*. Porto Editora.

Sá-Chaves, I. (2005). *Os "Portfolios" Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro. Reflexões Em Torno Do Seu Uso Na Humanização Dos Processos Educativos*. Porto: Porto Editora.

Seitz, H., & Bartholomew, C. (2008). Powerful portfolios for young children. *Early Childhood Education Journal*, 36, 63-68.

Shores, E., Grace, C. (2001). *Manual de Portefólio Um guia passo a passo para o professor*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Silva, B., Craveiro, C. (2014). O portefólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: considerações sobre a sua prática. *Revista Zero-a-seis*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11796/2153>.

Silva, L. I., Marques, L., Mata, L., Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação.

Sim-Sim, I., Silva, A., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação-Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Tomás, C. & Gama, A. (2011). Cultura de (não) participação das crianças em contexto escolar. In *Atas do II Encontro de Sociologia da Educação, Educação, Território e (Des)igualdades*, Porto.

Veiga Simão, M. (2005). O “Portfolio” como instrumento na auto regulação da aprendizagem - uma experiência no ensino superior pós-graduado, in Sá-Chaves, I. (Coord.).(2005). *Os “Portfolios” Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro: reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos*. Porto: Porto Editora.

Vickery, A. (2016). *Aprendizagem Ativa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. Penso

Weikart, H. & Hohmann, D. (2011). *Educar a criança*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian. 6ª edição.

Zabalza, M. A. (2000). Avaliação en educación infantil. *Perspetivar Educação*, v.6, p.30-55.

Legislação:

Ministério da Educação. (2001). Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto.

Circular nº 4/DGIDC/DSDC/2011: Avaliação na Educação Pré-escolar.

Circular nº17 DSDC/DEPEB/2007: Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar.

Decreto-Lei. nº241/2001 de 30 de agosto. Diário da República nº201, II Série. Lisboa.

Documentos fornecidos pela Instituição:

- Regulamento Interno;
- Projeto Educativo (2014-2017);
- Projeto Curricular da Escola (2016-2019);
- Plano Anual de Atividades.

Anexos

Anexo 1: Guião de Entrevista às Educadoras de Infância

Objetivo geral: Recolher informação sobre a importância da construção dos portefólios em contexto de Educação Pré-Escolar, bem como as aprendizagens que este processo proporciona às crianças

Blocos Temáticos	Objetivos	Tópicos	Questões
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Solicitar a colaboração da entrevistada;- Manifestar à entrevistada a importância do seu contributo para o estudo.	<ul style="list-style-type: none">- Objetivos do estudo.	
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none">- Obter dados pessoais e profissionais da entrevistada.	<ul style="list-style-type: none">- Tempo de serviço;- Idades de criança com que trabalha;- Caracterização do grupo com que trabalha.	<ul style="list-style-type: none">- Tempo de serviço?- Idades das crianças com que trabalha atualmente?De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?
Formação Profissional	<ul style="list-style-type: none">- Compreender se a entrevistada teve formação inicial em portefólios de crianças.	<ul style="list-style-type: none">- Formação em portefólios de crianças.	<ul style="list-style-type: none">- Teve formação sobre portefólios de crianças?- Realiza portefólios de crianças há quanto tempo?
Opinião sobre a construção dos portefólios	<ul style="list-style-type: none">- Identificar quais os conteúdos que a entrevistada contempla nos portefólios;- Perceber as vantagens e desvantagens que a entrevistada vê na utilização dos portefólios;- Caracterizar o papel do adulto e da criança na construção dos portefólios.	<ul style="list-style-type: none">- Conteúdos contemplados nos portefólios;- Vantagens e desvantagens;- Papel do adulto e da criança.	<ul style="list-style-type: none">- Quais os conteúdos que contempla nos portefólios das crianças?- Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê?- Qual é a sua opinião global acerca dos portefólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portefólios?- As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel de guia e mediador. Qual é a sua opinião?

			- Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portefólios?
Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios	- Compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista da entrevistada.	- Aprendizagens promovidas.	- No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção dos portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E de que forma são promovidas?

Anexo 2: Transcrição da Entrevista à Educadora de Infância A

Com a presente entrevista, procura-se conhecer o ponto de vista das educadoras de infância, mais concretamente da instituição de estágio onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, acerca das aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover às crianças. É de salientar que o anonimato das entrevistadas será assegurado, tendo como intuito apenas obter dados que respondam à temática desenvolvida no relatório de estágio. A entrevista terá uma duração, de, aproximadamente 40 minutos.

Tempo de serviço: 10 anos

Idades das crianças com que trabalha atualmente: 5 anos

1. De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha neste momento?

São crianças muito meigas e carinhosas, interessadas pelas atividades desenvolvidas na escola e que, desde que ingressaram no jardim-de-infância do instituto evoluíram bastante nas diferentes áreas de desenvolvimento em especial no seu desempenho e motivação na realização das suas tarefas e trabalhos de sala.

2. Teve formação sobre portefólios de crianças?

Sim. Na minha licenciatura em educação de infância, com a Dra. Brigitte Silva.

3. Realiza portefólios de crianças há quanto tempo?

Já os realizo desde o meu estágio final, em 2006. Dou continuidade a este trabalho desde então.

4. Quais os conteúdos que contempla nos portefólios das crianças?
-

A divisão pelas grandes áreas de conteúdo; privilegio as opções das crianças na recolha de trabalhos/evidências, contudo também realizo a minha seleção; na folha de registos há a identificação das áreas presentes e quais os indicadores observados (bem-estar e de implicação); também existe um espaço para o comentário da criança e comentário/observações do adulto; na capa individual do portefólio estão todos os trabalhos/evidências e respetivos registos desde os 3 anos de idade, isto para que se possa ter uma ideia do desenvolvimento da criança ao longo do seu percurso no pré-escolar; por último, a observação inicial, ou conhecida avaliação diagnóstica e avaliações formativas do respetivo ano letivo.

5. Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê?

Os conteúdos referidos são fundamentais, porém, tenho certeza que deveria acrescentar um plano de ação, infelizmente há a dificuldade de gestão de tempo e tenho de agilizar, e simplificar, o processo de registo.

6. Qual é a sua opinião acerca dos portefólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portefólios?

Existem inúmeros benefícios que advêm do portefólio da criança, sendo o principal as evidências da evolução da criança nas diferentes áreas de conteúdo. Há, igualmente, a vantagem de incluir a criança neste processo e, com ela, refletir sobre o seu desenvolvimento: aspetos positivos e outros a melhorar. As crianças gostam deste momento, pois conseguem estar a dialogar com o educador e ter a total atenção deste.

7. As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel de guia e de mediador? Qual é a sua opinião?

Na minha opinião, penso que o educador de infância será um orientador-guia neste processo. É evidente que inicialmente, quando a criança inicia o seu portefólio individual, o adulto tem um papel fundamental, uma vez que esta não está familiarizada com este método. Aos poucos, e com a criação de momento

específicos de recolha de trabalhos, a criança vai ganhando uma maior autonomia na seleção de trabalhos/evidências e iniciativa ao procurar o adulto para auxiliar e formalizar as suas opções.

8. Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portefólios?

As crianças têm um papel ativo, mas não posso afirmar que são as principais autoras do seu portefólio. O educador tem de gerir muito bem o tempo ao longo dos dias, semanas, meses... e cada faixa etária tem características muito específicas no que diz respeito aos interesses e necessidades, isto aliado às metodologias seguidas, no nosso caso, o trabalho de projeto e algumas linhas do MEM. Não nos é possível permitir que a criança tenha um papel realmente ativo na seleção/recolha de trabalhos, no registo e construção do seu portefólio. O educador será sempre um orientador, e construtor, deste processo de aprendizagem.

9. No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção dos portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E de que forma são promovidas?

É evidente que aprendem e isso é observável nos seus comentários e, em muitos casos, nos momentos de auto reflexão sobre o seu próprio trabalho. Nos momentos individuais, ou seja, criança-adulto, a criança apenas privilegia a conversa com o educador, o seu discurso tem como objetivo conversar com a pessoa que, na escola, é a sua referência e que naquele momento tem a sua total atenção, sem ter de a dividir com as restantes crianças do grupo. Nas partilhas com pequenos grupos, já observamos uma maior reflexão e opinião crítica relativamente ao que está a ser mostrado e há, inclusive, algumas sugestões para melhorar e/ou elogios de um bom trabalho. Através do portefólio, a criança pode desenvolver diversas competências de comunicação oral, capacidade para descrever ou explicar as suas ideias e opções, desenvolve um pensamento crítico e reflexivo, a sua motivação também é estimulada, assim como o desejo de fazer melhor e se empenharem mais na realização dos seus trabalhos, entre tantas

outras que será difícil conseguir enumera-las todas... cada criança é diferente e ao longo do processo de construção do seu portfólio que as aprendizagens se vão realizando com maior ou menor sucesso.

Anexo 3: Transcrição da Entrevista à Educadora de Infância B

Tempo de serviço: 9 anos

Idades das crianças com quem trabalha atualmente: 4 anos

1. De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha neste momento?

De uma forma muito breve, sobre o grupo, posso dizer-te que são crianças muito autónomas, dinâmicas e bastante motivadas para a aprendizagem. Gostam muito de novos desafios, descobertas e estão sempre disponíveis e atentas pelo que as rodeia diariamente.

2. Teve formação sobre portfólios de crianças?

Sim, tive formação sobre este instrumento de avaliação.

3. Realiza portfólios de crianças há quanto tempo?

Há dois anos.

4. Quais os conteúdos que contempla nos portfólios das crianças?

Começo por referir que o portfólio da criança inclui na mesma capa todo o percurso da criança ao longo de todo o tempo que permanece no jardim de infância. É solicitado aos pais que deixem os registos iniciados desde os três anos. A intencionalidade é que seja algo contínuo e que espelhe todo o caminho percorrido ao longo do período de vivência no jardim de infância. As diferentes áreas de conteúdo estão contempladas. Foi realizado um separador para cada grande área. Cada criança selecionou de forma livre como pretendia ilustrar os respetivos separadores, compreendendo o que cada um irá contemplar. Além disso, também está igualmente incluído um separador “Portfólio com a família” onde são arquivados registos que as crianças realizam com a participação das famílias (No âmbito do projeto de sala-Pesquisas espontâneas ou outro tipo de atividades e solicitações que são encaminhadas para os Pais). São incluídos

registos fotográficos (sempre comentados pela criança), observações em contexto amostras de trabalhos selecionados pela educadora ou pela criança.

5. Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê?

Na minha perspetiva, considero que os conteúdos englobados no portfólio da criança espelham a sua evolução e as aprendizagens adquiridas. Além disso são reflexo do seu progresso de forma completa nas diferentes áreas do conteúdo. Até então os presentes portfólios que estão a ser construídos, como já referi na questão que me colocaste anteriormente, incluem fotografias da criança em diferentes momentos, observações em contexto e trabalhos realizados por si (espontaneamente ou propostos). Deste modo, acaba por refletir tarefas que a criança realiza, experiências e competências conquistadas em todas as áreas, permitindo, deste modo, uma visão global da criança em contexto. Além disso, o separador da família permite também envolver o contexto familiar e, no fundo, é mais um contributo para um envolvimento entre escola-família que se pretende que seja ativo.

6. Qual é a sua opinião global acerca dos portfólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portfólios?

Quanto a mim é um excelente recurso de avaliação. Fornece ao educador uma visão global da criança, a sua evolução no tempo, as conquistas que foram alcançadas. O facto de ser algo único aquela criança torna este instrumento de avaliação algo muito concreto onde são incluídas evidências da sua aprendizagem e evolução. Deixa-me dizer-te que na nossa sala todos os portfólios são diferentes uns dos outros. As próprias crianças estão muito motivadas para a sua construção. É, de facto, muito mais do que uma capa onde estão incluídas as suas produções e vivências. É, sem dúvida, representativo do seu percurso e de muitas coisas que vivencia. Enquanto educadora considero que é um bom instrumento de avaliação uma vez que se foca no desempenho da criança e reflete evidências sobre o já consegue fazer. Estimula o sentido comunicativo, responsabilidade

pessoal, motivação pela aprendizagem assim como a sua capacidade de autoavaliação, é lhe dado um papel ativo.

Relativamente às desvantagens que pretendes que enumere, a sua construção é algo que exige, naturalmente, tempo e uma rotina que faça do momento entre educador/criança algo único e enriquecedor. Por vezes, a acumulação de tarefas que surgem no decorrer das vivências no contexto de sala torna este tempo de qualidade mais limitado. Idealmente é uma rotina semanal para as quais as crianças já estão motivadas. Contudo, há ocasiões em que não é possível concretizar todas as semanas. Como forma de dar resposta aos dias demasiado preenchidos, caso não seja possível incluir de imediato o registo no portfólio existe uma gaveta destinada a este “arquivo” onde as crianças sabem que podem lá colocar o seu trabalho para que, com brevidade, possa ser colocado na sua capa de portfólio.

7. As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel de guia e de mediador. Qual é a sua opinião? O educador deve sempre considerar a criança (as suas motivações, interesses e individualidade) em todo o processo de ensino-aprendizagem. Quanto a mim, uma das melhores estratégias de motivação passa por estimular a sua confiança pessoal. Como sabes, o educador recolhe evidências sobre o desenvolvimento da criança, como tal, é essencial que inclua a criança neste processo. Deve ser dada liberdade para que tome decisões, oportunidades de escolha, que lhe seja dado espaço, oportunidade para que, sempre que considere importante, inclua algum registo na sua capa de portfólio. Deste modo, deixa-me acrescentar, cabe ao educador garantir que a criança compreende que as suas concretizações são importantes e que a perceção que tem sobre as experiências também.

8. Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portfólios?

Na minha ação pedagógica procuro que cada criança assuma o seu portfólio como algo pessoal e muito importante. Estimulo o sentido de responsabilidade ao incentivar que podem incluir algo significativo para elas em qualquer

momento. Os momentos de realização de portfólio são quase como que um caminho de memórias, experiências que podem ser recordadas e partilhadas com quem lhes é próximo. Além disso, é o percurso de cada uma, reflete as suas aprendizagens e conquistas. No fundo, são alguns dos conceitos que procuro passar às crianças. Cada criança decide como decorar o seu portfólio, que materiais são mais significativos para si. Têm parte ativa na ilustração dos separadores, compreendem o que cada um representa e o tipo de experiências e aprendizagens podem incluir em cada uma delas. Todos os registos são contemplados com o comentário da criança (é essencial a sua perspetiva e a sua atitude reflexiva em cada registo). Para concluir, o portfólio de cada criança está sempre na sala, visível e completamente disponível para cada uma. Acrescento ainda que são organizados momentos de partilha criança-educador, mas também entre as próprias crianças.

9. No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção de portfólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E como podem ser promovidas?

Acredito que a construção do portfólio da criança, pela sua especificidade, por constituir algo único e por ser o reflexo dos progressos da criança em diferentes domínios do desenvolvimento estimula por si só atitudes positivas face à aprendizagem e para a construção de uma boa autoestima e confiança pessoal. Pela minha experiência, as crianças sentem-se motivadas em rever os registos, aprendizagens, evidências que estão no seu portfólio. Além disso, posso referir que é observável que gostam, inclusivamente, de partilhar com os amigos, de explicar o desempenho que consideram que tiveram na concretização da tarefa, porque foi tão importante para si esse trabalho e o que aprendeu de mais significativo. A atitude crítica é, quanto a mim, uma competência estimulada por este tipo de avaliação. Aprendem a valorizar as suas conquistas, a manifestar uma atitude mais reflexiva e, sobretudo, motiva-as para a aprendizagem porque sentem-se capazes. Estas competências podem ser estimuladas pelo educador e ao envolver a criança neste processo torna-a agente ativo da sua aprendizagem.

Deixa-me dizer-te que é gratificante ver as abordagens que fazem às suas aprendizagens, as vivências que mais as motivaram, as emoções que ficam perante alguma vivência. Estimula a atitude positiva pelas dinâmicas de sala e incentiva a sua atitude interativa como outro, diálogo e sentido de responsabilidade ao assumir a capa como sua e como algo de máxima importância.

Anexo 4: Transcrição da Entrevista à Educadora de Infância C

Com a presente entrevista, procura-se conhecer o ponto de vista das educadoras de infância, mais concretamente da instituição de estágio onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, acerca das aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover às crianças. É de salientar que o anonimato das entrevistadas será assegurado, tendo como intuito apenas obter dados que respondam à temática desenvolvida no relatório de estágio. A entrevista terá uma duração, de, aproximadamente 40 minutos.

Tempo de serviço: 4 anos

Idades das crianças com que trabalha atualmente: 3 anos

1. De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha neste momento?

É um grupo com alguma distância etária entre si, pois algumas fazem anos no início do ano civil e outras fazem já no final. Este facto influencia o desenvolvimento individual de cada uma, assim como o estímulo, ou não, que recebem da família. Em geral, é um grupo bastante interessado em tudo o que se faz e gosta de participar nas diversas atividades propostas/solicitadas, envolvendo-se no processo de ensino aprendizagem de forma entusiasta. Quanto às atividades realizadas na sala, as crianças gostam muito de ouvir histórias, aprender novas canções, brincar de faz-de-conta, exploração de diversas técnicas de pintura e atividades do domínio da matemática. A nível afetivo ainda está muito dependente, pois ainda procuram muito o adulto para ajudar na resolução de um conflito (fazendo queixas dos amigos), para lhes dar atenção e mesmo para lhes dar “mimo”. No que concerne à escolha das áreas assim como aos trabalhos realizados as crianças são autónomas nas suas opções.

2. Teve formação sobre portefólios de crianças?
-

Sim. A minha formação foi ao longo da realização do Mestrado, uma vez que na minha formação inicial, não contemplava esta componente.

3. Realiza portefólios de crianças há quanto tempo?

Realizo portefólios desde que comecei a trabalhar enquanto educadora (2014).

4. Quais os conteúdos que contempla nos portefólios das crianças?

É difícil enumerar e identificar os conteúdos que deverão constituir os portefólios, pois estes são dependentes da metodologia de trabalho utilizada por cada educador, bem com, do grupo de crianças, da família a que pertencem, dos valores e crenças familiares, dos contextos sociogeográficos envolventes, das atividades realizadas, dos objetivos propostos a atingir, das finalidades educativas e de muitos outros fatores. No portefólio contemplo as diferentes áreas de conteúdo, sendo estas alguns dos separadores. Em cada separador estão mencionadas competências a desenvolver ao longo do ano, de acordo com o projeto curricular de grupo. Dentro de cada área, tento registar evidências que clarifiquem ou melhor, que espelhem o desenvolvimento da criança. O portefólio é realizado de forma temporal, do mais antigo para o mais recente, sendo possível observar-se o percurso da criança. Numa fase inicial, a estrutura do portefólio é organizada por mim, pois as crianças ainda estavam a descobrir/compreender o que é um portefólio. Contudo, ao longo do ano vão sendo acrescentados novos separadores de acordo com o interesse e a motivação da criança, pois, reconheço a importância e a necessidade da participação da criança em todas as fases da sua implementação.

5. Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê?

Considero pertinentes os conteúdos abordados no portefólio, pois permitem documentar a evolução da criança de forma gradual, clarificando ainda mais o trabalho desenvolvido em contexto de sala. Como aspeto a melhorar, poderia mencionar/definir um plano de ação.

6. Qual é a sua opinião global acerca dos portefólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portefólios?

Considero que os portefólios reforçam a comunicação entre o educador/criança, dada a necessidade de um acompanhamento contínuo favorecendo o diálogo, as relações e o companheirismo entre o educador e a criança, sendo possível de observar/registar a evolução da criança em diferentes áreas. No que refere às vantagens, saliento que o portefólio permite a adequação do currículo às metodologias utilizadas e à avaliação através de uma maior coincidência das atividades de avaliação com as aprendizagens desenvolvidas e adquiridas; a diversificação dos processos e objetivos de avaliação através da contextualização, isto é, desenvolver-se-á uma maior e mais estreita relação da avaliação e o local/contexto onde se desenvolvem as aprendizagens; a reflexão das crianças em relação ao seu próprio trabalho é mais ativa e participativa; a identificação dos progressos desenvolvidos ao longo da concretização das atividades, bem como as dificuldades sentidas na realização das mesmas. Apresentam também desvantagens do meu ponto de vista, pois exige um trabalho diário e contínuo das crianças/alunos para produzirem, compilarem e organizarem o portefólio, algo que nem sempre consigo fazer de forma sistemática; as crianças mais novas e de tenra idade geralmente dão respostas autónomas nas suas seleções e utilizam critérios egocêntricos e concretos.

7. As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel de guia e de mediador. Qual é a sua opinião?

O educador abandona a transmissão de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam as crianças a construírem seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva. Devido à tenra idade das crianças, a primeira parte da elaboração e organização do portefólio é da minha responsabilidade. Assim, além de organizar os portefólios observo/registo comportamentos e reações das crianças ao longo do dia e procurando registá-

los sempre que necessário, uma vez que estes dados podem fornecer informações relevantes sobre a criança e a sua forma de ser, estar e agir.

8. Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portefólios?

Na minha prática, as crianças fazem parte integrante do trabalho desenvolvido e organizado em contexto sala. Logo, muitos dos trabalhos/recolhas do portefólio são solicitadas pela criança, pois mesmo sendo um grupo de 3 anos, evidenciam um crescente interesse em comunicar/ apresentar as suas aprendizagens. Ao longo do ano, as crianças escolhem os seus trabalhos, sendo o portefólio um instrumento único e individual de cada criança. Esta construção, também está relacionada com o desenvolvimento de cada uma, assim como as capacidades e aptidões.

9. No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção de portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E como podem ser promovidas?

Considero a criança um ser competente, capaz de construir o seu próprio conhecimento. Com a construção/estruturação do portefólio, a criança começa a fazer parte integrante na tomada de decisão; permite o desenvolvimento da linguagem oral; desenvolve o sentido crítico, assim como a sua capacidade de auto reflexão; fomenta o envolvimento e a participação na realização do mesmo.

Anexo 5: Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista- Educadora A

Blocos Temáticos	Objetivos	Tópicos	Questões	Evidências
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar a colaboração da entrevistada; - Manifestar à entrevistada a importância do seu contributo para o estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos do estudo. 		
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Obter dados pessoais e profissionais da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de serviço; - Idades de criança com que trabalha; - Caracterização do grupo com que trabalha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de serviço? - Idades das crianças com que trabalha atualmente? - De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? 	<ul style="list-style-type: none"> - “10 anos.” - “5 anos.” - “ (...) muito meigas e carinhosas, interessadas pelas atividades, (...) evoluíram bastante nas diferentes áreas de desenvolvimento, em especial no seu empenho e motivação na realização das suas tarefas e trabalhos de sala.”
Formação Profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender se a entrevistada teve formação inicial em portefólios de crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação em portefólios de crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Teve formação sobre portefólios de crianças? - Realiza portefólios de crianças há quanto tempo? 	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim. Na minha licenciatura em educação de infância (...)” - “Já os realizo desde o meu estágio final (...) dou continuidade a este trabalho desde então.”
Opinião sobre a construção dos portefólios	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais os conteúdos que a entrevistada contempla nos portefólios; - Perceber as vantagens e desvantagens que a entrevistada vê na utilização dos portefólios; - Caracterizar o papel do adulto e da criança na construção dos portefólios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos contemplados nos portefólios; - Vantagens e desvantagens; - Papel do adulto e da criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os conteúdos que contempla nos portefólios das crianças? - Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê? - Qual é a sua opinião global acerca dos portefólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na 	<ul style="list-style-type: none"> - “A divisão pelas grandes áreas de conteúdo (...) as opções das crianças na recolha de trabalho/evidências (...) também realizo a minha seleção; na folha de registos há a identificação das áreas presentes e quais os indicadores observados (...) também existe um espaço para o comentário da criança e comentário/observações do adulto (...) registo desde os 3 anos de idade (...) por último, a observação inicial, ou conhecida avaliação diagnóstica e avaliações formativas do respetivo ano letivo.”

			<p>utilização dos portefólios?</p> <p>- As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel de guia e mediador. Qual é a sua opinião?</p> <p>- Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portefólios?</p>	<p>- “(...) deveria acrescentar um plano de ação (...) há a dificuldade de gestão de tempo.”</p> <p>- “(...) as evidências da evolução da criança nas diferentes áreas de conteúdo (...) incluir a criança neste processo e, com ela, refletir sobre o seu desenvolvimento (...) as crianças gostam deste momento, pois conseguem estar a dialogar com o educador e ter a total atenção deste.”</p> <p>- “(...) o educador de infância será um orientador-guia (...) inicialmente, quando a criança inicia o seu portefólio individual, o adulto tem um papel fundamental, uma vez que esta não está familiarizada com este método. Aos poucos, e, com a criação de momentos específicos de recolha de trabalhos, vai ganhando uma maior autonomia na seleção de trabalhos/evidências e iniciativa ao procurar o adulto para auxiliar e formalizar as suas opções.”</p> <p>- “As crianças têm um papel ativo, mas não posso afirmar que são as principais autoras do seu portefólio.”</p>
<p>Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios</p>	<p>- Compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista da entrevistada.</p>	<p>- Aprendizagens promovidas.</p>	<p>- No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção dos portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E de que</p>	<p>- “É evidente que aprendem e isso é observável nos seus comentários (...) nos momentos de auto reflexão sobre o seu próprio trabalho. (...) nas partilhas com pequenos grupos, já observamos uma maior reflexão e opinião crítica relativamente ao que está a</p>

			forma são promovidas?	ser mostrado e há, inclusive, algumas sugestões para melhorar e/ou elogios de um bom trabalho. (...) competências de comunicação oral, capacidade para descrever ou explicar as suas ideias e opções, desenvolve um pensamento crítico e reflexivo, a sua motivação também é estimulada, assim como o desejo de fazer melhor e se empenharem mais na realização dos seus trabalhos (...)"
--	--	--	-----------------------	---

Anexo 6: Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista- Educadora B

Blocos Temáticos	Objetivos	Tópicos	Questões	Evidências
Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> - Solicitar a colaboração da entrevistada; - Manifestar à entrevistada a importância do seu contributo para o estudo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Objetivos do estudo. 		
Dados Pessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Obter dados pessoais e profissionais da entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de serviço; - Idades de criança com que trabalha; - Caracterização do grupo com que trabalha. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tempo de serviço? - Idades das crianças com que trabalha atualmente? De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente? 	<ul style="list-style-type: none"> - “9 anos.” - “4 anos.” - “(...) são crianças muito autónomas, dinâmicas e bastante motivadas para a aprendizagem. Gostam muito de novos desafios, descobertas e estão sempre disponíveis e atentas pelo que as rodeia.”
Formação Profissional	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender se a entrevistada teve formação inicial em portefólios de crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação em portefólios de crianças. 	<ul style="list-style-type: none"> - Teve formação sobre portefólios de crianças? - Realiza portefólios de crianças há quanto tempo? 	<ul style="list-style-type: none"> - “Sim (...)” - “Há dois anos.”
Opinião sobre a construção dos portefólios	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais os conteúdos que a entrevistada contempla nos portefólios; - Perceber as vantagens e desvantagens que a entrevistada vê na utilização dos portefólios; - Caracterizar o papel do adulto e da criança na construção dos portefólios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos contemplados nos portefólios; - Vantagens e desvantagens; - Papel do adulto e da criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os conteúdos que contempla nos portefólios das crianças? - Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê? - Qual é a sua opinião global acerca dos portefólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portefólios? - As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve 	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) deixem os registos iniciados desde os três anos. (...) as diferentes áreas de conteúdos estão contempladas. Foi realizado um separador para cada grande área. Cada criança selecionou de forma livre como pretendia ilustrar os respetivos separadores (...) está igualmente incluído um separador “Portefólio com a Família” onde são arquivados registos que as crianças realizam com a participação das famílias (...) São incluídos registos fotográficos (sempre comentados pela criança), observações em contexto, amostras de trabalhos selecionados pela educadora ou pela criança.” - “(...) considero que os conteúdos englobados no portefólio da criança espelham a sua evolução e as aprendizagens adquiridas. Além disso, são o reflexo do seu progresso de forma completa nas diferentes

			<p>assumir um papel e guia e mediador. Qual é a sua opinião?</p> <p>- Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portefólios?</p>	<p>áreas de conteúdo. (...) acaba por refletir tarefas que a criança realiza, experiências e competências conquistadas em todas as áreas, permitindo, deste modo, uma visão global da criança em contexto. (...) o separador da família permite também envolver o contexto familiar (...)"</p> <p>- "(...) é um excelente recurso de avaliação. Fornece ao educador uma visão global da criança, a sua evolução no tempo, as conquistas que foram alcançadas. O facto de ser algo único aquela criança torna este instrumento de avaliação algo muito concreto (...) muito mais do que uma capa onde estão incluídas as suas produções e vivências. (...) representativo do seu percurso e de muitas coisas que experiencia. (...) é um bom instrumento de avaliação, uma vez que se foca no desempenho da criança e reflete evidências sobre o que já consegue fazer. Estimula o sentido comunicativo, responsabilidade pessoal, motivação pela aprendizagem, assim como a sua capacidade de autoavaliação, é-lhe dado um papel ativo. (...) a acumulação de tarefas que surgem no decorrer das vivências no contexto da sala torna este tempo de qualidade mais limitado. (...) caso não seja possível incluir de imediato o registo no portefólio existe uma gaveta destinada a este "arquivo" onde as crianças sabem que podem lá colocar o seu trabalho para que, com brevidade, possa ser colocado na sua capa de portefólio."</p> <p>- "(...) Quanto a mim, uma das melhores estratégias de motivação passa por estimular a sua confiança pessoal. (...) é essencial que inclua a criança neste processo. Deve ser dada a liberdade para que tome decisões, oportunidades de escolha, que lhe seja dado espaço, oportunidade para que, sempre que considere importante, inclua algum</p>
--	--	--	--	---

				<p>registro na sua capa de portefólio. (...) cabe ao educador garantir que a criança compreenda que as suas concretizações são importantes e que a percepção que tem sobre as experiências também.”</p> <p>- “(...) Cada criança decide como decorar o seu portefólio, que materiais são mais significativos para si. Têm parte ativa na ilustração dos separadores, compreendem o que cada um representa e o tipo de experiências e aprendizagens que podem incluir em cada uma delas. Todos os registos são contemplados com o comentário da criança (...)”</p>
<p>Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios</p>	<p>- Compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista da entrevistada.</p>	<p>- Aprendizagens promovidas.</p>	<p>-No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção dos portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E de que forma são promovidas?</p>	<p>- “(...) estimula por si só atitudes positivas face à aprendizagem e para a construção de uma boa autoestima e confiança pessoal. (...) A atitude crítica é, quanto a mim, uma competência estimulada por este tipo de avaliação. Aprendem a valorizar as suas conquistas, a manifestar uma atitude mais reflexiva e, sobretudo, motiva-as para a aprendizagem porque sentem-se capazes. Estas competências podem ser estimuladas pelo educador e ao envolver a criança neste processo torna-a agente ativo da sua aprendizagem. Deixa-me dizer-te que é gratificante ver as abordagens que fazem às suas aprendizagens, as vivências que mais as motivam, as emoções que ficam perante alguma vivência. Estimula a atitude positiva pelas dinâmicas da sala e incentiva a sua atitude interativa com o outro, diálogo e sentido de responsabilidade ao assumir a capa como sua e como algo de máxima importância.”</p>

Anexo 7: Grelha de Análise de Conteúdo da Entrevista- Educadora C

Blocos Temáticos	Objetivos	Tópicos	Questões	Evidências
Legitimação da entrevista	- Solicitar a colaboração da entrevistada; - Manifestar à entrevistada a importância do seu contributo para o estudo.	- Objetivos do estudo.		
Dados Pessoais	- Obter dados pessoais e profissionais da entrevistada.	- Tempo de serviço; - Idades de criança com que trabalha; - Caracterização do grupo com que trabalha.	- Tempo de serviço? - Idades das crianças com que trabalha atualmente? De uma forma geral, como caracteriza o grupo de crianças com que trabalha atualmente?	- “4 anos.” - “3 anos.” - “(...) grupo com alguma distância etária entre si (...) é um grupo bastante interessado (...) gosta de participar nas diversas atividades propostas/solicitadas, envolvendo-se no processo de ensino aprendizagem de forma entusiasta. (...) gostam muito de ouvir histórias , aprender novas canções, brincar de faz-de-conta, exploração de diversas técnicas de pintura e atividades do domínio da matemática. A nível afetivo está muito dependente (...) as crianças são autónomas nas suas opções.”
Formação Profissional	- Compreender se a entrevistada teve formação inicial em portefólios de crianças.	- Formação em portefólios de crianças.	- Teve formação sobre portefólios de crianças? - Realiza portefólios de crianças há quanto tempo?	- “Sim, a minha formação foi ao longo da realização do Mestrado (...)” - “Realizo portefólios desde que comecei a trabalhar enquanto educadora (2014).”

<p>Opinião sobre a construção dos portfólios</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais os conteúdos que a entrevistada contempla nos portfólios; - Perceber as vantagens e desvantagens que a entrevistada vê na utilização dos portfólios; - Caracterizar o papel do adulto e da criança na construção dos portfólios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conteúdos contemplados nos portfólios; - Vantagens e desvantagens; - Papel do adulto e da criança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quais os conteúdos que contempla nos portfólios das crianças? - Considera que esses conteúdos são os fundamentais para a aprendizagem da criança ou deve acrescentar mais algum? Porquê? - Qual é a sua opinião global acerca dos portfólios das crianças? Que vantagens e desvantagens vê na utilização dos portfólios? - As autoras Silva & Craveiro (2014) defendem que o educador de infância, neste processo, deve assumir um papel e guia e mediador. Qual é a sua opinião? - Na sua prática, qual é o papel das crianças neste processo de construção de portfólios? 	<ul style="list-style-type: none"> - “(...) contemplo as diferentes áreas de conteúdo, sendo estas alguns dos separadores. Em cada separador estão mencionadas competências a desenvolver ao longo do ano (...) Dentro de cada área, tento registar evidências que clarifiquem ou melhor, que espelhem o desenvolvimento da criança. (...) é realizado de forma temporal, do mais antigo para o mais recente (...) Numa fase inicial, a estrutura do portfólio é organizada por mim, pois as crianças ainda estavam a descobrir/compreender o que é um portefólio. (...) ao longo do ano vão sendo acrescentadas novos separadores de acordo com o interesse e a motivação da criança (...)” - “(...) Como aspeto a melhorar, poderia mencionar/definir um plano de ação.” - “(...) os portefólios reforçam a comunicação entre educador/criança (...) favorece o diálogo, as relações e o companheirismo entre o educador e a criança (...) o portefólio permite a adequação do currículo às metodologias utilizadas e à avaliação através de uma maior coincidência das atividades de avaliação com as aprendizagens desenvolvidas e adquiridas (...) a reflexão das crianças em relação ao seu próprio trabalho é mais ativa e participativa (...) Apresentam também desvantagens (...) pois exige um trabalho diário e contínuo (...) algo que nem sempre consigo fazer (...)” - “O educador abandona a transmissão de conhecimentos para ser mais um orientador (...) Devido à tenra idade das crianças, a primeira parte da
---	--	--	---	---

				<p>elaboração e organização do portefólio é da minha responsabilidade. (...) além de organizar os portefólios observo/registo comportamentos e reações das crianças ao longo do dia e procurando registá-los sempre que necessário (...)"</p> <p>- "(...) as crianças fazem parte integrante do trabalho desenvolvido e organizado em contexto de sala. (...) muitos dos trabalhos/recolhas do portefólio são solicitadas pelas crianças (...) Ao longo do ano, cada criança escolhe os seus trabalhos (...)"</p>
<p>Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios</p>	<p>- Compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista da entrevistada.</p>	<p>-Aprendizagens promovidas.</p>	<p>- No seu ponto de vista, as crianças aprendem através da construção dos portefólios? Se sim, que aprendizagens este processo pode promover às crianças? E de que forma são promovidas?</p>	<p>- "(...) a criança começa por fazer parte integrante na tomada de decisões; permite o desenvolvimento da linguagem oral; desenvolve o sentido crítico, assim como a sua capacidade de auto reflexão; fomenta o envolvimento e a participação na realização do mesmo."</p>

Anexo 8: Guião de Entrevista às Crianças

Blocos Temáticos	Objetivos	Tópicos	Questões
Finalidades/Objetivos	- Compreender as percepções das crianças face a este processo (construção dos portefólios).	- Funcionalidade dos portefólios.	- Para que serve o portefólio?
Opinião sobre a construção dos portefólios	- Perceber que tipo de evidências, as crianças colocam nos seus portefólios; - Entender o interesse das crianças por esta dinâmica (construção dos portefólios); - Saber qual a importância da construção dos portefólios para as crianças.	- Evidências colocadas no portefólio; - O interesse; - A importância.	- O que costumavas colocar no teu portefólio? - Gostas de fazer o portefólio? Porquê? - O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?
Aprendizagens promovidas com a construção dos portefólios	- Compreender quais as aprendizagens que a construção dos portefólios pode promover à criança, no ponto de vista das crianças.	- Aprendizagens promovidas.	- Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Anexo 9: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças A

1. Para que serve o portefólio?

Para guardarmos trabalhos que são muito importantes e que nos ajudaram muito a aprender mais.

Serve para guardarmos folhas que nós escrevemos, ou se lermos uma história e depois fazemos com caneta e lápis de cor o registo e também podemos fazer desenhos muito especiais.

Serve para guardarmos muitos trabalhos. // E são todos os trabalhos? // Não, são só aqueles trabalhos que nós achamos que são muito importantes para nós.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

Trabalhos muito importantes e espetaculares. // Então tu colocas no teu portefólio, aqueles trabalhos que tu achas que são importantes para ti? // Não, coloco aqueles que são espetaculares. // Se o trabalho não for espetacular, tu não colocas? // Não, meto na minha outra capa ou na minha gaveta. // Porquê? // Porque não são trabalhos especiais e se eu não gosto tanto deles, as outras pessoas que vão pegar no meu portefólio também não vão gostar.

Eu acho que quando chamo pela Ana para colocar um trabalho no meu portefólio é porque o meu trabalho é muito importante para mim. Nós também podemos fazer os trabalhos no fim de semana, o pai, a mãe e a minha cadela a brincarmos no jardim e depois colocamos no meu portefólio.

Eu só meto alguns trabalhos no meu portefólio. // E porquê que só colocas alguns trabalhos? // Porque os outros trabalhos não são tão importantes para mim e depois o portefólio também ficava cheio e não cabia mais nenhum.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Adoro, porque é fixe e demoro tempo. O portefólio é fixe, tem os meus trabalhos desde os três anos que eu ando nesta escola e são todos muito importantes para mim e eu gosto muito de recordar esses trabalhos. Também gosto de quando chamo a Ana

para colocar um trabalho no portefólio, porque depois estou sozinho com ela a Ana a conversar sobre o meu trabalho.

Eu gosto, porque eu coloco no meu portefólio todos os trabalhos que são importantes para mim. Eu aprendi a fazer o portefólio quando tinha três anos e também gosto de recordar os meus trabalhos quando era pequenina.

Sim, porque os trabalhos são muito importantes para mim, porque eu gosto dos meus trabalhos e gosto de os guardar numa capa diferente para eu ver os trabalhos.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

É muito importante, muito importante mesmo porque todo o que nós fazemos são coisas importantes. // Mas explica-me porquê que tu achas que o portefólio ajuda-te no crescimento para tu aprenderes mais! // Porque eu aprendo muito com o portefólio.

Sim, eu aprendo mais coisas com o portefólio.

Sim, porque eu com o portefólio posso aprender mais coisas que ainda não aprendi.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Posso aprender muita coisa mesmo. Aprendo a fazer os trabalhos que coloco no meu portefólio. Quando eu tenho de te dizer porque quero colocar o trabalho no meu portefólio, eu aprendo o porquê de querer colocar o trabalho no meu portefólio. Quando eu estou a explicar o que fiz nas conferências, aprendo a explicar e a falar melhor.

Eu costumo aprender a falar melhor com a boca, se eu não falar com a boca e tu disseres alguma coisa, tu não vais conseguir perceber o que eu estou a dizer. Também aprendo a não estar sempre calada, sem dizer nada sobre algum trabalho.

Eu aprendo a pensar muito bem e melhor sobre os trabalhos para eu poder falar melhor e tu também entenderes melhor.

Anexo 10: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças B

1. Para que serve o portefólio?

O portefólio serve para nós colocarmos lá os nossos trabalhos. // Mas colocas todos os trabalhos? // Não, alguns estão na gaveta, outros estão no portefólio e outros estão noutra capa. // E quais são os que vão para o portefólio? // Trabalhos importantes.

O portefólio serve para nós guardarmos os nossos trabalhos importantes, para recordar e serve para a nossa professora ver como nós trabalharmos aqui.

Serve para nós guardarmos os trabalhos mais importantes, porque alguns vão para a gaveta e para a outra capa dos trabalhos.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

Trabalhos importantes, umas vezes a minha educadora manda-me pôr no portefólio, outras na gaveta e outras na outra capa, mas também às vezes eu também escolho trabalhos para pôr no portefólio.

Costumo pôr os trabalhos que são mais importantes para mim e para a minha educadora.

Costumo pôr os trabalhos importantes e os que a minha educadora manda.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Gosto, porque eu gosto de fazer os trabalhos para mandar para o portefólio e depois para a minha próxima professora ver como eles ficaram, se ficaram bem, se ficaram muito bem, se ficaram mais ou menos ou se ficaram mal.

Sim, porque nós ficamos ansiosos de fazer o portefólio porque a nossa próxima professora vai ver os nossos trabalhos.

Gosto, porque eu também gosto de fazer os trabalhos para colocar no meu portefólio.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque no meu portefólio dá para ver que os trabalhos dos meus três anos são diferentes dos meus trabalhos dos meus cinco anos. // Porquê? // Porque agora eu já

consigo desenhar melhor, antes eu fazia desenhos para o portefólio que não gostava muito e agora gosto.

Sim, porque nós estamos sempre a fazer trabalhos diferentes para o portefólio, estamos sempre a aprender trabalhos diferentes.

Sim, porque o portefólio ajuda-nos a crescer. // Como é que eles nos ajuda a crescer?
// Porque nós fazemos trabalhos diferentes para o portefólio para nós aprendermos.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Sim, aprendi como se fazem os trabalhos que a minha educadora manda fazer. Aprendi como se põe os trabalhos no portefólio, porque tem separadores diferentes, uns são da música, outros da matemática, outros dos desenhos e não me lembro mais.

Sim, porque o nosso portefólio ajuda-nos no nosso crescimento. Ajuda-nos a aprender a fazer os trabalhos que a minha educadora manda.

Eu aprendo a fazer os trabalhos que a minha educadora me manda fazer.

Anexo 11: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças C

1. Para que serve o portefólio?

O portefólio serve para aprender e para nós guardarmos os nossos trabalhos que são de pintura, das formas geométricas, de escrever.

Serve para guardar os trabalhos mais importantes para nós.

O portefólio é para guardar todos os nossos trabalhos mais importantes.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

Costumo meter trabalhos de pintura, desenhos, trabalhos de matemática e trabalhos para escrever.

Coloco trabalhos que eu acho que são importantes para mim.

Costumo colocar trabalhos com moldura, trabalhos de pintar. Os trabalhos para o portefólio são para nós fazermos o nosso melhor para pormos no portefólio.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Gosto, porque podemos dizer se gostamos daquele trabalho ou não.

Gosto, porque eu quando estou a fazer trabalhos para o portefólio aprendo mais coisas.

Sim, porque eu faço trabalhos bonitos para o meu portefólio. Lá tem muitas micas para eu pôr os meus trabalhos.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque quando eu estou a fazer trabalhos para o meu portefólio estou a aprender mais.

Sim, é muito importante porque com o portefólio eu fico a saber mais coisas.

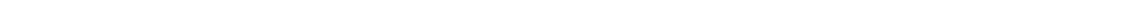
Sim, porque eu aprendo ainda mais. Se falarmos com os nossos amigos sobre o nosso trabalho, percebemos se ele é importante para o nosso crescimento.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Acho, eu faço desenhos e aprendo a pintar dentro das linhas e não fora.

Sim, aprendo a dizer se eu gosto ou não de um trabalho.

Sim, aprendo que nós temos de fazer com empenho quando estamos a fazer as atividades para o nosso portefólio.



Anexo 12: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças D

1. Para que serve o portefólio?

Serve para pormos os trabalhos. // Todos? // Não, só alguns, só os que são mais importantes para mim e quando eu aprendo coisas novas.

Serve para pôr os trabalhos que eu acho que são mais importantes para mim.

Serve para pôr os trabalhos mais importantes para mim e para a minha educadora.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

Coloco os trabalhos mais importantes para mim, como aquele que estamos a fazer lá em cima sobre as formas geométricas. // Esse trabalho é importante para ti, porquê? // Porque estou a aprender coisas novas.

Aqueles trabalhos que eu acho que são importantes para mim.

Coloco alguns trabalhos que são importantes para mim e para a minha educadora.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Sim, porque quando estou a fazer trabalhos para o portefólio estou a aprender coisas novas e estou a fazer coisas importantes para mim.

Sim, porque eu faço coisas giras e coisas que são importantes para eu aprender mais.

Sim, porque eu quando faço trabalhos para o portefólio faço trabalhos giros e importantes para mim.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque eu estou a aprender coisas novas e vou saber mais coisas.

É, porque estou a aprender mais e fico mais crescido.

Sim, porque ele faz-nos aprender mais coisas e temos de tomar conta dele porque ele é nosso e nós já somos finalistas.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Sim, aprendo a mostrar os trabalhos aos meus amigos e a falar alto para eles me ouvirem.

Sim, aprendo a dizer se gosto ou não de um trabalho e também aprendo a dizer porquê que o trabalho é muito importante para mim.

Sim, aprendi a tomar conta do meu portefólio porque eu já sou crescido, já sei tomar conta sozinho do meu portefólio. Quando levo o portefólio para casa, depois trago outra vez para a escola sozinho.

Anexo 13: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças E

1. Para que serve o portefólio?

Serve para colocarmos os trabalhos mais importantes para nós, o das formas geométricas é importante para mim, vai para o meu portefólio.

O portefólio serve para guardar os trabalhos mais importantes e serve para aprendermos coisas.

Serve para pôr trabalhos que nós fazemos e gostamos.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

Trabalhos bonitos, bem feitos, nada de sarrabiscos e têm de ser importantes para nós.

Os trabalhos que eu guardo no meu portefólio são os trabalhos que eu faço com amor e carinho.

Coloco os trabalhos que eu pinto muito bem, sem passar dos riscos e que são importantes para mim.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Sim, porque quando estamos a fazer trabalhos para o portefólio estamos relaxados e podemos aprender coisas novas.

Sim, porque acalmamo-nos e aprendemos coisas que ainda não sabemos fazer. E porque só coloco os trabalhos que são importantes para mim. E depois quando for grande vou poder ver.

Sim, porque o portefólio é a coisa mais importante porque só tem os trabalhos mais importantes.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque quando estou a fazer trabalhos para o meu portefólio estou a aprender mais.

Sim, porque o portefólio ele ajuda-nos a saber algumas coisas que não sabemos.

Sim, porque fazemos trabalhos para aprendermos mais, fazemos trabalhos direitos.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Sim, aprendo a fazer os trabalhos mais relaxado e com muito empenho.

Sim, aprendo a respeitar as outras pessoas para ouvirmos o que elas estão a dizer quando estamos a ouvir algum trabalho do portefólio. E também aprendo a esperar pela minha vez para falar.

Sim, aprendo a fazer os trabalhos e depois a saber dizer se gosto ou não do trabalho.

Anexo 14: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças F

1. Para que serve o portefólio?

Serve para guardar os trabalhos que são mais importantes para mim.

Serve para guardar os trabalhos mais importantes para mim e para a minha educadora e tem lá micas.

Para colocarmos as micas e os trabalhos mais importantes dentro das micas.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

No meu portefólio, no início, colocamos as micas e os separadores e depois vamos pondo os trabalhos que são mais importantes para mim.

Coloco os trabalhos que são mais importantes, como os trabalhos do corpo humano, da pintura e dos números.

Os trabalhos que são mais importantes para mim, eu escolho.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Sim, porque posso colocar no meu portefólio os trabalhos que eu gosto muito e que são muito importantes para mim. E também porque aprendo mais coisas que eu não sabia.

Sim, porque eu posso escolher os trabalhos que eu gosto mais e que são importantes para mim.

Sim, porque tem coisas importantes e quando nós crescemos mais podemos ver aquilo que nós fizemos de mais importante.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque eu quando estou a fazer os trabalhos estou a aprender mais.

Sim, porque estamos sempre a aprender coisas novas para pudermos colocar no nosso portefólio.

Sim, porque eu gosto de fazer o portefólio, como eu gosto de fazer o portefólio vou crescer mais e vou aprender melhor.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Sim, aprendo a fazer melhor os trabalhos.

Sim, aprendo a mostrar aos meus amigos o meu trabalho e digo-lhes como é que fiz sozinha.

Sim, aprendo a fazer trabalhos novos e coisas novas. Eu gosto de desenhar para colocar no meu portefólio.

Anexo 15: Transcrição da Entrevista ao Grupo de Crianças G

1. Para que serve o portefólio?

O portefólio serve para eu guardar as coisas que são mais importantes para mim.

Serve para guardar as coisas mais importantes para mim e para a D..

Serve para colocar as coisas que são mais importantes e também serve para aprendermos mais coisas novas.

2. O que costumavas colocar no teu portefólio?

No meu portefólio só coloco as coisas que são mais importantes para mim. Os outros trabalhos ficam na gaveta ou ficam na outra capa de trabalhos.

Coloco os trabalhos de desenhos importantes, os trabalhos de matemática importantes, os trabalhos de escrever importantes e os trabalhos de recortar importantes.

Eu coloco os trabalhos que são mais importantes para mim, porque aprendi coisas novas, coisas que eu não sabia e aprendi.

3. Gostas de fazer o portefólio? Porquê?

Eu gosto muito de fazer o portefólio, porque aprendo coisas novas e porque quando eu for mais grande vou conseguir ver os trabalhos de quando era pequenino.

Eu gosto, porque faço trabalhos importantes para mim para guardar no portefólio. Quando eramos pequeninos a minha educadora falava sozinha comigo, mas agora não e eu gostava muito disso.

Eu gosto muito, porque estou a aprender coisas novas. Quando me chamaste estava a fazer um trabalho sobre o triângulo, o quadrado, o círculo e o retângulo para o portefólio. Estava a aprender isso.

4. O portefólio é importante para o teu crescimento? Porquê?

Sim, porque quando estamos a fazer coisas para o portefólio estamos a aprender coisas. Quando aprendemos mais coisas, ficamos mais espertos.

Sim, porque aprendemos sempre mais coisas novas para quando formos para a escola dos mais velhos.

Sim, porque estamos sempre a aprender coisas novas quando fazemos os trabalhos para o nosso portefólio.

5. Achas que aprendes alguma coisa com o portefólio? O quê?

Sim, aprendemos a fazer trabalhos novos, aprendemos a mostrar aos nossos amigos os nossos trabalhos e podemos dizer se gostamos ou não.

Sim, quando fazemos trabalhos novos estamos a aprender coisas com o portefólio.

Sim, porque estamos sempre a aprender coisas novas. // Mas aprendes o quê? // Aprendo a falar para os meus amigos, aprendo a fazer os trabalhos novos e aprendo a guardar o meu portefólio, porque quando eu levo para a minha mãe, depois não posso perder o portefólio e não me posso esquecer de levar para a escola outra vez.

Anexo 16: Grelha de Observação das Aprendizagens

Aprendizagens	Observações
Participação na sua própria aprendizagem	<p>- Com todas as crianças em roda, a I. sentou-se à minha frente e começou a explicar o que era possível de se fazer com aquele livro. À medida que esta criança ia explicando, as restantes crianças estavam muito atentas e iam fazendo perguntas acerca do livro. (ver anexo 47- registo contínuo).</p>
Reflexão do seu próprio trabalho (autoavaliação)	<p>- “Estou a registar o que estou a aprender na área da casinha para colocar no meu portefólio?”; “Eu estou assim vestido porque estou a imitar a minha mãe a fazer o jantar, e, por isso eu quero colocar uma fotografia assim vestido no meu portefólio.” (ver anexo 10- incidente crítico).</p> <p>- “Nesta fotografia, eu estava a fazer contas. A Educadora ensinou-nos a fazer as contas aqui e agora eu já sei fazer sem ajuda.” (ver anexo 11- registo de portefólio).</p> <p>- “Eu quero guardar esta atividade no meu portefólio porque gostei muito. Fiz o céu, o sol, as nuvens, as pessoas com os meus pés.” (ver anexo 12- registo de portefólio).</p> <p>- “Quero colocar no meu portefólio porque nesta atividade consegui escrever os números que faltavam nos quadrados. Também consegui fazer a moldura à volta.” (ver anexo 14- registo de portefólio).</p> <p>- “Para fazer isto (apontando para o trabalho) precisas de uma impressora, tens de procurar imprimir, depois encontras um dedo, uma pintura e como é a pele. Depois podes fazer o teu carimbo.” (ver anexo 17- registo de portefólio).</p> <p>- “Foi um jogo novo que foi muito fixe de jogar com os meus amigos. Foste tu que fizeste e assim vemos as imagens dos órgãos do corpo humano para não esquecermos. // O que tens de fazer nesse jogo? // Um do grupo tira do saco uma imagem, se nós tivermos essa imagem, temos de colocar o feijão na imagem. Quem conseguir as imagens todas ganha.” (ver anexo 20- registo de portefólio).</p> <p>- “Eu quero colocar este desenho porque é da Páscoa. É muito importante para mim porque a Páscoa é Jesus. // O que aprendeste com este desenho? // Estive a praticar um bocado mais o meu desenho. // O que achas que já sabes desenhar melhor? // As coisas atrás das outras, como por exemplo, a casa atrás do vaso.” (ver registo 23- registo de portefólio).</p>

- “Este trabalho estive a fazer no telemóvel, o dragão voava a fugir da espada que ia apanhá-lo e, depois, dava para ver a parte de cima e de baixo do trabalho que estive a pintar. Isto tudo no telemóvel. Tive de pintar muito bem pintadinho senão não dava para ver no telemóvel. // Porquê que este trabalho foi diferente? // Porque víamos o que fizemos no telemóvel, nunca tinha feito nada assim. // O que aprendeste? // Às vezes podemos fazer trabalhos diferentes como este que foi com o telemóvel.” (ver anexo 24- registo de portefólio).

- “Hoje decidi vestir uma saia e um avental para brincar. Escolhi esta roupa, porque ia para a cozinha, cozinhar pratos deliciosos, como faz a minha mãe. Queria ser igual à minha mãe e puder colocar uma foto no meu portefólio igual à minha mãe.” (ver anexo 26- registo de portefólio).

- “Agora já consigo fazer muito bem isto (mostrando os movimentos que tinha de fazer), mas tenho de estar muito atenta. Quando me distraio, já não sei o que tenho de fazer.” (ver anexo 28- registo de portefólio).

- “Eu quero colocar este trabalho porque é muito importante e fala sobre os músculos. // O que achas que aprendeste com este trabalho? // Se comermos comida saudável, ficamos com força nos nossos músculos e também aprendi a escrever o nome dos nossos músculos.” (ver anexo 29- registo de portefólio).

- “Eu gosto muito de fazer este jogo, porque é muito importante para mim. // Porque é importante? // Porque estou a fazer o coração da amizade com missangas. // E o que estás a aprender com este jogo? // Estou a aprender a fazer corações com missangas. // Como é que fazes? // À volta vou colocando as missangas com muito cuidado, tenho de segurar muito bem com os dedos, porque senão elas saltam do sítio. Eu tenho de pensar muito e depois é que faço.” (ver registo 30- registo de portefólio).

- “Vão aprender a pintar, vão aprender quais são os hipopótamos mais gordos, vão aprender o objeto que não pertence ao grupo, vão aprender a fazer os números.” (ver registo 37- registo de portefólio).

- “Eu nunca fiz no stencil uma boneca, mas agora aprendi a fazer. Fiz o meio da flor e depois pinte com a rosa e fiz os carimbos. Aprendi também a fazer o pássaro, o castelo e o pinheiro. Também consegui fazer o pinguim e a flor. Como aprendi a fazer tudo isto, quero que tu tires uma fotografia para colocar no meu portefólio.” (ver registo 38- registo de portefólio).

	<p>- “O meu avô esteve a explicar o moinho, como se faz a farinha. Na casa dele, ele mostrou as galinhas, os gansos e os patos. Gostei muito de estar no jardim com os meus amigos, a jogar futebol, a ver as galinhas, os gansos, as flores.” (ver registo 39- registo do portefólio).</p> <p>- “Este trabalho é muito importante para mim, porque fiz com a minha família. Eu fiz uma parte que dava para levantar, levanto a roupa e vemos os órgãos do nosso corpo. Eu fiz os ossos da perna. Primeiro tu desenhaste o contorno do nosso corpo, e depois eu fiz o resto em casa com a minha família.” (ver anexo 40- registo do portefólio).</p> <p>- “Com este trabalho, aprendi como se pinta com balões e também quando eu fiz a colagem, foi difícil porque eu tinha de recortar muito bem. Recortar muito bem é difícil. O sol foi a parte mais difícil de recortar, eu não recortei à volta, tive de recortar os pauzinhos direitinhos. Eu consegui fazer melhor.” (ver registo 41- registo do portefólio).</p>
Envolvimento na aprendizagem das restantes crianças do grupo	<p>- “Eu quero colocar esta construção no meu portefólio porque esta construção foi feita com os meus amigos e eu não tenho nada no meu portefólio que aprendi com os meus amigos.” (ver anexo 22- registo de portefólio).</p> <p>- “Eu gostei muito que o meu pai viesse cá mostrar as maquetes, e eu aqui estou a mostrar aos meus amigos. Quando mostrei aos meus amigos disse que era para colocar no portefólio, eles fizeram muitas perguntas e eu soube responder a todas, foi por isso que eu quis que tu tirasses uma foto comigo e com os meus amigos porque estou a ensiná-los (...)” (ver anexo 25- registo de portefólio).</p>
Desenvolvimento de atitudes de diálogo crítico	<p>- “Mas sabes Ana, se calhar eu conseguia fazer esta parte melhor (apontando). Para a próxima vou tentar fazer melhor.” (ver anexo 35- registo do portefólio).</p>
Desenvolvimento de responsabilidade	<p>- “Ontem quando viemos embora do hospital, eu disse à minha mãe que tinha de te contar o que se passou no hospital para colocarmos no portefólio. // E Porque? // Porque eu sei que devemos colocar no portefólio tudo o que nós aprendemos e o que é importante para nós (...)” (ver anexo 21- registo de portefólio).</p> <p>- “Sabe Ana, a I. anda muito preocupada, tem dito que a Ana deve andar triste com a Inês porque ela não tem sido responsável e não se tem dirigido à Ana para colocar coisas no portefólio (...)” (ver anexo 31- registo de portefólio).</p>
Desenvolvimento de processos metacognitivos	<p>O trabalho realizado, através das conferências, desenvolve processos metacognitivos, uma vez que, neste processo, está envolvida a memória e a reflexão das crianças. (ver anexo 48, 49 e 50- conferências).</p>

<p>Desenvolvimento de autoconceito positivo</p>	<p>- “Eu consegui fazer melhor.” (ver registo 41- registo do portefólio).</p> <p>-“Eu gosto muito do meu portefólio, porque gosto muito de fazer o meu portefólio contigo. Eu consigo fazer coisas muito bonitas e coisas muito importantes para mim.” (ver anexo 43- incidente crítico).</p> <p>-“Ana, eu pedi à Dores para fazer um trabalho muito importante para mim sobre a minha família para colocar no meu portefólio.” (ver anexo 45- incidente crítico).</p> <p>- “Eu quero colocar porque consegui fazer este trabalho muito bem, escrever os cinco sentidos e depois desenhar em baixo aquilo que conseguia fazer com os cinco sentidos.” (ver anexo 13- registo de portefólio).</p> <p>- “Quero colocar mais isto no meu portefólio porque consegui fazer com a mamã, não achas que está giro? Eu acho que ficou mesmo muito giro isto que eu fiz (apontando para o trabalho) e aprendi mais sobre os pulmões que são eles que levam o oxigénio para o sangue. Gostei muito.” (ver anexo 15- registo de portefólio).</p> <p>- “Eu quero colocar este trabalho no meu portefólio, porque eu gostei muito de realizar este trabalho do corpo humano e porque ficou muito bem, muito giro. Consegui fazer com os cotonetes, dá para tocar e mostra o nosso corpo humano.” (ver anexo 18- registo de portefólio).</p> <p>- “Quero colocar este trabalho no meu portefólio, porque gostei muito de fazer esta pintura com os berlines e depois colocar as purpurinas. Com as purpurinas o meu trabalho ficou perfeito, como a D. gosta.” (ver anexo 19- registo de portefólio).</p> <p>- “Este trabalho de fazer os rolinhos foi fácil para mim. //Não tiveste nenhuma dificuldade? // Não, no início não conseguia fazer muito bem, mas agora já consigo fazer com as minhas mãos e não ficam muito grandes, ficam muito bem como eu quero. Na foto consegues ver que o meu trabalho está a ficar muito bem.” (ver anexo 27- registo de portefólio).</p>
<p>Desenvolvimento de autoconfiança e de iniciativa própria</p>	<p>- “Ana, já viste que eu agora sou capaz de vir ter contigo sempre que quero colocar algo muito importante no meu portefólio? Eu agora nunca me esqueço, lembro-me logo.” (ver anexo 44- incidente crítico).</p>
<p>Desenvolvimento da linguagem oral</p>	<p>- “Já reparaste que eu utilizei a nova palavra que tu nos ensinaste? // Qual palavra? // A palavra contorno Ana, porque tu disseste que eu assim explicava melhor no meu portefólio.” (ver anexo 40- registo do portefólio).</p>

Anexo 17: Incidente Crítico

Nome: G.; I.; M.; Ma

Observadora: Ana Silva

Data: 14 de março

Descrição: Durante a manhã de 14 de março, o G. chamou-me à área da casinha, porque queria fazer um registo para colocar no seu portefólio. Enquanto estávamos a conversar, as restantes crianças que se encontravam na área da casinha mostraram-se curiosas e aproximaram-se: M: “O que estão a fazer?”; G: “Estou a registar o que estou a aprender na área da casinha para colocar no meu portefólio?”; I: “E o que estamos a aprender aqui?”; G: “Eu estou assim vestido porque estou a imitar a minha mãe a fazer o jantar, e, por isso eu quero colocar uma fotografia assim vestido no meu portefólio.”; Ma: “Eu não me vesti de nada, porque só estou a ajudar o G. a fazer o jantar.” Posto isto, o G. pediu-me que registasse aquele momento através da fotografia, juntamente com os seus amigos.

Comentário: Através deste registo, é possível perceber que, partindo de um registo a pedido da criança para o seu portefólio, as crianças, curiosas, acabam por se envolver nas aprendizagens uns dos outros, praticamente sem a intervenção do adulto.

Anexo 18: Registo de Portefólio

Escolha realizada por: Ana Silva (estagiária)

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 19 de outubro de 2017



Data de colocação: 21 de outubro de 2017



Comentário da Estagiária: A Inês, através dos dedos e do ábaco, que se consegue visualizar através da fotografia, consegue efetuar contas simples ($2+3$), sem a ajuda do adulto.

Comentário da criança: “Nesta fotografia, eu estava a fazer contas. A D. ensinou-nos a fazer as contas aqui e agora eu já sei fazer sem ajuda.”

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **DO- Domínio da matemática**

Números e operações- Resolve problemas do quotidiano, que envolvam pequenas quantidades, com recurso à adição e subtração.

Anexo 19: Registo de Portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 22 de novembro de 2017



Data de colocação: 23 de novembro de 2017



Comentário da Criança: Eu quero guardar esta atividade no meu portefólio porque gostei muito. Fiz o céu, o sol, as nuvens, as pessoas com os meus pés.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



DEA- Domínio da Educação Artística

Subdomínio das Artes Visuais- Desenvolve capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

Anexo 20: Registo de Portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 23 de novembro de 2017



Data de colocação: 24 de novembro de 2017

Comentário da Criança: Eu quero colocar porque consegui fazer este trabalho muito bem, escrever os cinco sentidos e depois desenhar em baixo aquilo que conseguia fazer com os cinco sentidos.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **ACM- Área do Conhecimento do Mundo**

Abordagem às Ciências- Conhecimento do mundo físico e natural- Compreende as funções dos sentidos.

 **DLOAE- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Identificação de convenções da escrita- Apercebe-se do sentido direcional da escrita.

Anexo 21: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 23 de novembro de 2017

Data de colocação: 24 de novembro de 2017

Comentário da Criança: Quero colocar no meu portefólio porque nesta atividade consegui escrever os números que faltavam nos quadrados. Também consegui fazer a moldura à volta.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **DM- Domínio da Matemática**

Números e operações- Identifica quantidades através de diferentes formas de representação, nomeadamente a escrita de números.

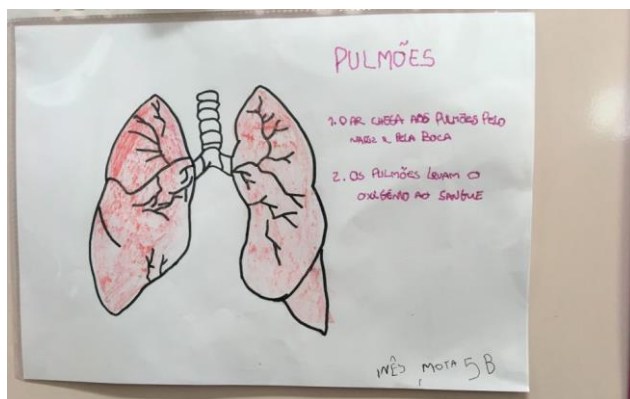
Anexo 22: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 6 de dezembro de 2017

Data de colocação: 7 de dezembro de 2017



Comentário da Criança: Quero colocar mais isto no meu portefólio porque consegui fazer com a mamã, não achas que está giro? Eu acho que ficou mesmo muito giro isto que eu fiz (apontando para o trabalho) e aprendi mais sobre os

pulmões que são eles que levam o oxigénio para o sangue. Gostei muito.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

AFPS- Área de Formação Pessoal e Social

Construção da identidade e autoestima- demonstra prazer nas suas produções e progressos (gosta de mostrar o que faz e de comunicar o que descobriu e aprendeu).

ACM- Área do Conhecimento do Mundo

Abordagem às Ciências- Conhecimento do mundo físico: Reconhece e identifica algumas partes do corpo (pulmões) e compreende as suas funções.

Anexo 23: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Ana Silva (estagiária)

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 2 de novembro de 2017



Data de colocação: 5 de novembro de 2017



Comentário da Estagiária: O Gustavo é capaz de completar as sequências do jogo, sem a ajuda do adulto.

Comentário da criança: “É um bocado difícil, mas como eu queria colocar este jogo no meu portefólio, tive de fazer

muitas vezes até conseguir fazer bem para tu tirares uma fotografia bem para pôr lá.”

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



DO- Domínio da matemática

Interesse e Curiosidade pela Matemática- Envolve-se, por iniciativa própria, em situações onde utiliza conhecimentos e estratégias da matemática, evidenciando satisfação e prazer.

Anexo 24: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Ana Silva (estagiária)

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 10 de novembro de 2017

Data de colocação: 13 de novembro de 2017



Comentário da Estagiária: O G. mostrou-se muito entusiasmado relativamente à atividade sobre a pele que realizou com a mãe. Este entusiasmo refletiu-se na forma como ele explicou o decorrer da atividade.

Comentário da criança: “Para fazer isto (apontando para o trabalho) precisas de uma impressora, tens de procurar imprimir, depois encontras um dedo, uma pintura e como é a pele. Depois podes fazer o teu carimbo.”

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

Área do Conhecimento do Mundo

Introdução à metodologia científica- Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos conhecimentos que construiu.

Anexo 25: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 22 de novembro de 2017



Data de colocação: 23 de novembro de 2017

Comentário da Criança: Eu quero colocar este trabalho no meu portefólio, porque eu gostei muito de realizar este trabalho do corpo humano e porque ficou muito bem, muito giro. Consegui fazer com os cotonetes, dá para tocar e mostra o nosso corpo humano.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **ACM- Área do Conhecimento do Mundo**

Abordagem às Ciências- Conhecimento do mundo físico e natural: conhece o corpo humano, nomeadamente o esqueleto.

Anexo 26: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 23 de novembro de 2017



Data de colocação: 24 de novembro de 2017

Comentário da Criança: Quero colocar este trabalho no meu portefólio, porque gostei muito de fazer esta pintura com os berlindes e depois colocar as purpurinas. Com as purpurinas o meu trabalho ficou perfeito, como a D. gosta.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



DEA- Domínio da Educação Artística

Subdomínio das Artes Visuais- Desenvolve capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

Anexo 27: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Data de realização: 30 de novembro de 2017

Data de colocação: 7 de dezembro de 2017

Áreas de Conteúdo:



Comentário da Criança: Foi um jogo novo que foi muito fixe de jogar com os meus amigos. Foste tu que fizeste e assim vemos as imagens dos órgãos do corpo humano para não esquecermos. // O que tens de fazer nesse jogo? // Um

do grupo tira do saco uma imagem, se nós tivermos essa imagem, temos de colocar o feijão na imagem. Quem conseguir as imagens todas ganha.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

● Área de Formação Pessoal e Social

Construção da identidade e autoestima- Revela confiança em experimentar jogos novos com o grupo.

● Área do Conhecimento do Mundo

Conhecimento do mundo físico e natural- Reconhece e identifica alguns órgãos do corpo humano.

Anexo 28: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:



Data de realização: 6 de dezembro de 2017

Data de colocação: 7 de dezembro de 2017

Comentário da Criança: Ontem quando viemos embora do hospital, eu disse à minha mãe que tinha de te contar o que se passou no hospital para colocarmos no portefólio. // E Porque? // Porque eu sei que devemos colocar no portefólio tudo o que nós aprendemos e o que é importante para nós. // Muito bem, e o que foste ao hospital fazer? // Fui ao hospital e também fui à Doutora Lurdes e gostei muito porque a Doutora estava com uma coisa a ver a minha barriga. Eu conseguia ver a minha barriga a mexer-se no computador.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AFPS- Área de Formação Pessoal e Social**

Consciência de si como aprendiz: Manifesta responsabilidade pelo seu trabalho e curiosidade pelo mundo que a rodeia.

Anexo 29: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:



Data de realização: 30 de novembro de 2017

Data de colocação: 6 de dezembro de 2017



Comentário da Criança: “Eu quero colocar esta construção no meu portefólio porque esta construção foi feita com os meus amigos e eu não tenho nada no meu portefólio que aprendi com os meus amigos.”

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

AFPS- Área de Formação Pessoal e Social

Convivência democrática e cidadania- Valoriza o outro e as suas opiniões, numa atitude de partilha.

Anexo 30: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 4 de abril de 2018



Data de colocação: 5 de abril de 2018

Comentário da Criança: Eu quero colocar este desenho porque é da Páscoa. É muito importante para mim porque a Páscoa é Jesus. //

-O que aprendeste com este desenho? (Estagiária)

-Estive a praticar um bocado mais o meu desenho.

-O que achas que já sabes desenhar melhor? (Estagiária)

-As coisas atrás das outras, como por exemplo, a casa atrás do vaso.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

AFPS- Área de Formação Pessoal e Social

Construção da Identidade e da Autoestima: Reconhece e valoriza laços de pertença social e cultural.

AEC- Área de Expressão e Comunicação

Subdomínio das Artes Visuais: Emite opiniões sobre os seus trabalhos, nomeadamente aquilo que já consegue fazer.

Anexo 31: Registo de portefólio

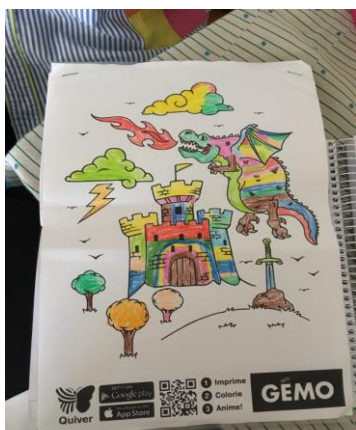
Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 4 de abril de 2018



Data de colocação: 5 de abril de 2018



Comentário da Criança: Este trabalho estive a fazer no telemóvel, o dragão voava a fugir da espada que ia apanhá-lo e, depois, dava para ver a parte de cima e de baixo do trabalho que estive a pintar. Isto tudo no telemóvel. Tive de pintar muito bem pintadinho senão não dava para ver

no telemóvel.

-Porquê que este trabalho foi diferente? (Estagiária)

-Porque víamos o que fizemos no telemóvel, nunca tinha feito nada assim.

-O que aprendeste? (Estagiária)

-Às vezes podemos fazer trabalhos diferentes como este que foi com o telemóvel.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **ACM- Área do Conhecimento do Mundo**

Mundo Tecnológico e Utilização das Tecnologias: Utiliza suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano.

Anexo 32: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 6 de abril de 2018



Data de colocação: 11 de abril de 2018



Comentário da Criança: Eu gostei muito que o meu pai viesse cá mostrar as maquetes, e eu aqui estou a mostrar aos meus amigos. Quando mostrei aos meus amigos disse que era para colocar no portefólio, eles fizeram muitas perguntas e eu soube responder a

todas, foi por isso que eu quis que tu tirasses uma foto comigo e com os meus amigos porque estou a ensiná-los. // O que aprendeste com o teu pai? // Eu aprendi o que é uma maquete e como se faz uma, e assim já consigo explicar aos meus amigos. Aprendi o que são projetos e como fazem os desenhos das maquetes. As maquetes são coisas pequenas.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

ACM- ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO

Mundo Tecnológico e Utilização das Tecnologias: fala sobre recursos existentes no seu meio, revelando algum conhecimento sobre a sua utilidade.

Anexo 33: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 11 de abril de 2018



Data de colocação: 12 de abril de 2018



Comentário da Criança: Hoje decidi vestir uma saia e um avental para brincar. Escolhi esta roupa, porque ia para a cozinha, cozinhar pratos deliciosos, como faz a minha mãe. Queria ser igual à minha mãe e puder colocar uma foto no meu portefólio igual à minha mãe.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



SJD/T- Subdomínio do Jogo Dramático/ Teatro

Subdomínio do Jogo Dramático/Teatro- Envolve-se em situações de jogo dramático, como a caracterização de papéis.

Anexo 34: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Ana Silva (estagiária)

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 1 de março de 2018



Data de colocação: 2 de março de 2018



Comentário da Estagiária: A Inês é capaz de fazer os rolinhos com bastante precisão e atenção, como é possível de observar na fotografia.

Comentário da Criança: “Este trabalho de fazer os rolinhos foi fácil para mim.

-Não tiveste nenhuma dificuldade? (Estagiária)

-Não, no início não conseguia fazer muito bem, mas agora já consigo fazer com as minhas mãos e não ficam muito grandes, ficam muito bem como eu quero. Na foto consegues ver que o meu trabalho está a ficar muito bem”

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AEC- Área de Expressão e Comunicação**

Domínio da Educação Física- revela aperfeiçoamento na motricidade fina.

Anexo 35: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Ana Silva (estagiária)

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 2 de março de 2018



Data de colocação: 7 de março de 2018



Comentário da Estagiária: Após o auxílio da estagiária, a Inês começou a fazer os movimentos necessários, sem qualquer dificuldade e sempre com bastante atenção.

Comentário da Criança: Agora já consigo fazer muito bem isto (mostrando os movimentos que tinha de fazer), mas tenho de estar muito atenta. Quando me distraio, já não sei o que tenho de fazer.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AEC- Área de Expressão e Comunicação**

Domínio da Educação Física- manipula materiais com evidente controlo e atenção.

Anexo 36: Registo de portefólio

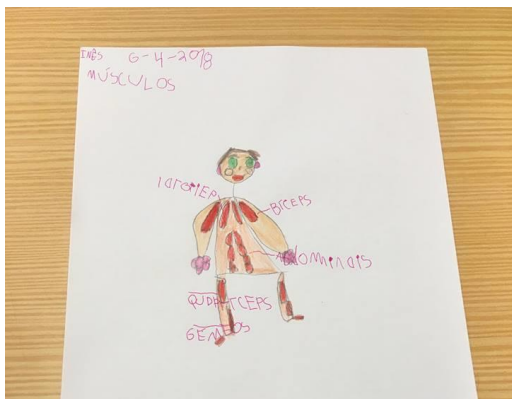
Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 6 de abril de 2018



Data de colocação: 11 de abril de 2018



Comentário da Criança: Eu quero colocar este trabalho porque é muito importante e fala sobre os músculos. // O que achas que aprendeste com este trabalho? // Se comermos comida saudável, ficamos com força nos nossos músculos e também aprendi a escrever o nome dos

nossos músculos. Mas sabes Ana, se calhar eu conseguia fazer esta parte melhor (apontando). Para a próxima vou tentar fazer melhor.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



ACM- Área do Conhecimento do Mundo

Abordagem às Ciências- Conhecimento do mundo físico: Reconhece e identifica algumas partes do corpo e compreende as suas funções.

Anexo 37: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 11 de abril de 2018



Data de colocação: 12 de abril de 2018



Comentário da Criança: Eu gosto muito de fazer este jogo, porque é muito importante para mim.

-Porque é importante? (Estagiária)

-Porque estou a fazer o coração da amizade com missangas.

- E o que estás a aprender com este jogo? (Estagiária)

-Estou a aprender a fazer corações com missangas.

-Como é que fazes? (Estagiária)

-À volta vou colocando as missangas com muito cuidado, tenho de segurar muito bem com os dedos, porque senão elas saltam do sítio. Eu tenho de pensar muito e depois é que faço.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **DEF- Domínio da Educação Física**

Domínio da Educação Física- Reconhece a importância das atividades motoras para o seu desenvolvimento físico, psicossocial, estético e emocional.

Anexo 38: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 9 de maio de 2018



Data de colocação: 16 de maio de 2018

Comentário da Criança: Eu trouxe estes livros para mostrar aos amigos, assim a fotografia fica no meu portefólio para eu mostrar aos meus amigos. // O que os amigos vão aprender com esses livros? // (enquanto folheia o livro) Vão aprender a pintar, vão aprender quais são os hipopótamos mais gordos, vão aprender o objeto que não pertence ao grupo, vão aprender a fazer os números.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



AFPS- Área de Formação Pessoal e Social

Convivência democrática e cidadania- Gosta de colaborar com os outros e mantém um bom relacionamento com todos.

Anexo 39: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 16 de maio de 2018



Data de colocação: 17 de maio de 2018



Comentário da Criança: Eu nunca fiz no stencil uma boneca, mas agora aprendi a fazer. Fiz o meio da flor e depois pintei com a rosa e fiz os carimbos. Aprendi também a fazer o pássaro, o castelo e o pinheiro. Também consegui fazer o pinguim e a flor. Como aprendi a fazer tudo isto, quero que tu tires uma fotografia para

colocar no meu portefólio.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AEC- Área de Expressão e Comunicação**

Subdomínio das Artes Visuais- Reconhece as suas capacidades expressivas e criativas, através de experimentações e produções plásticas.

Anexo 40: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 18 de abril de 2018



Data de colocação: 19 de abril de 2018



Comentário da Criança: Foi muito fixe ter lá os meus amigos todos a jogar futebol. Aprendi que devemos deixar os amigos ir a sítios diferentes para nos divertimos e não estar sempre na sala.

O meu avô esteve a explicar o moinho, como se faz a farinha. Na casa dele, ele mostrou as galinhas, os gansos e os patos. Gostei muito de estar no jardim com os meus amigos, a jogar futebol, a ver as galinhas, os gansos, as flores.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:



ACM- Área do Conhecimento do Mundo

Conhecimento do mundo físico e natural- Desfruta e aprecia os espaços verdes e o contacto com a natureza.

Anexo 41: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 16 de maio de 2018



Data de colocação: 17 de maio de 2018



Comentário da Criança: Este trabalho é muito importante para mim, porque fiz com a minha família. Eu fiz uma parte que dava para levantar, levanto a roupa e vemos os órgãos do nosso corpo. Eu fiz os ossos da perna. Primeiro tu desenhaste o contorno do nosso corpo e depois eu fiz o resto em casa com a minha família. Já reparaste que eu utilizei a nova palavra que tu nos ensinaste? // Qual palavra? // A palavra contorno Ana, porque tu disseste que eu assim explicava melhor no meu portefólio.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AFPS- Área de Formação Pessoal e Social**

Construção da identidade e da autoestima- Valoriza a sua pertença a diferentes grupos sociais, como é o caso da família.

Anexo 42: Registo de portefólio

Escolha realizada por: Criança

Áreas de Conteúdo:

Data de realização: 23 de maio de 2018



Data de colocação: 24 de maio de 2018



Comentário da Criança: Com este trabalho aprendi como se pinta com balões e também quando eu fiz a colagem, foi difícil porque eu tinha de recortar muito bem. Recortar muito bem é difícil.

O sol foi a parte mais difícil de recortar, eu não recortei à volta, tive de recortar os pauzinhos direitinhos. Eu consegui fazer melhor.

Indicadores de desenvolvimento/ aprendizagem:

 **AEC- Área de Expressão e Comunicação**

Subdomínio das Artes Visuais- desenvolve capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

Anexo 43: Incidente Crítico

Nome: I.

Observadora: Ana Silva

Data: 7 de maio

Descrição: Durante a celebração do dia da Mãe, na tarde de 7 de maio, a mãe da I, juntamente com ela, dirigiram-se até a mim dizendo “Sabe Ana, a I. anda muito preocupada, tem dito que a Ana deve andar triste com a Inês porque ela não tem sido responsável e não se tem dirigido à Ana para colocar coisas no portefólio”, ao qual eu respondi “Então I.? Que se passa? A Ana nunca fica triste, mas tu sabes que eu preciso muito da tua ajuda!” Perante isto a I. disse: “Eu de manhã vou para as áreas brincar, depois vamos almoçar e depois vamos para o salão ou para o parque, quando me lembro que tenho de trabalhar para o portefólio já estou muito cansada da cabeça.”

Comentário: Através deste registo, conseguimos entender que apesar de tudo, esta criança manifesta preocupação com o seu portefólio.

Anexo 44: Incidente Crítico

Nome: G.

Observadora: Ana Silva

Data: 14 de março de 2018

Descrição: Neste dia, da parte da manhã, enquanto o G. estava a trabalhar na área da plástica, chamou pelo adulto (estagiária) e referiu o seguinte: “Eu gosto muito do meu portefólio, porque gosto muito de fazer o meu portefólio contigo. Eu consigo fazer coisas muito bonitas e coisas muito importantes para mim.”

Comentário: Através deste registo, é possível entender que esta criança, orgulha-se do trabalho que tem vindo a ser realizado à volta do seu portefólio, juntamente com o adulto (estagiária). Para além disso, esta criança apercebe-se que é capaz de realizar trabalhos “muito bonitos” (como a própria criança refere).

Anexo 45: Incidente Crítico

Nome: G.

Observadora: Ana Silva

Data: 6 de abril de 2018

Descrição: Na manhã de sexta-feira, enquanto as crianças estavam distribuídas pelas diferentes áreas, o G. dirigiu-se até ao adulto (estagiária), dizendo “Ana, já viste que eu agora sou capaz de vir ter contigo sempre que quero colocar algo muito importante no meu portefólio? Eu agora nunca me esqueço, lembro-me logo.”

Comentário: No início deste processo, era evidente a dificuldade que esta criança apresentava em dirigir-se ao adulto, no sentido de mostrar algo que quisesse colocar no seu portefólio. No entanto, esta dificuldade foi sendo ultrapassada ao longo do tempo, como é possível de perceber através do comentário acima.

Anexo 46: Incidente Crítico

Nome: I.

Observadora: Ana Silva

Data: 27 de abril de 2018

Descrição: Na manhã de sexta-feira, enquanto a I. estava na área da plástica, disse “Ana, eu pedi à Dores para fazer um trabalho muito importante para mim sobre a minha família para colocar no meu portefólio.”

Comentário: Através do comentário acima, feito pela criança, entende-se que esta, tem vindo, a demonstrar autonomia na concretização dos seus desejos.

Anexo 47: Registo Contínuo

Nome: I.

Observadora: Ana Silva

Data: 11 de abril de 2018

Momento: Momento de transição (antes do almoço)

Descrição: A pedido da criança, este momento seria para ela poder mostrar aos seus amigos o livro que tinha trazido de casa.

Assim, com todas as crianças em roda, a I. sentou-se à minha frente e começou a explicar o que era possível de se fazer com aquele livro. À medida que esta criança ia explicando, as restantes crianças estavam muito atentas e iam fazendo perguntas acerca do livro.

Com o desenrolar do tempo, a I. já fazia perguntas acerca do livro aos seus amigos, para que ela pudesse ver se eles respondiam errado ou correto. Quando as crianças respondiam de forma errada, a I. levanta-se e dirige-se junto da criança para lhe explicar de uma forma mais próxima.

Este momento terminou com a I. a dizer que o livro ficaria guardado no seu portefólio, e, sempre que alguma criança quisesse trabalhar nele, poderia ir lá buscá-lo.

Anexo 48: Conferência Criança 1- Adulto

Criança (mostrando/explicando o está incluído no seu portefólio): Aqui eu estava a fazer um jogo sobre o corpo humano e a Ana tirou uma fotografia porque eu lhe pedi, aqui sou eu a pedir aos meus amigos para não falarem, aqui fui eu e os meus amigos a construir nas construções um carro de um rei, aqui fui eu a recortar as pessoas, as botas e as camisolas, aqui fui eu a construir o puzzle da matemática, aqui fui eu com um berlinde quase a jogar um jogo mas afinal estávamos a fazer uma pintura, aqui foi um poema que eu fiz lá na sala, aqui eu fui à biblioteca, contaram uma história e depois eu tive de fazer este registo, agora fui eu a fazer uma coisa sobre o corpo humano

Adulto: Com quem?

Criança: Com a minha mãe, com o meu pai e com a minha irmã. E aqui fiz o corpo humano com cotonetes, foi difícil montar isto.

Adulto: Então agora que já me mostraste o que está no teu portefólio, a Ana quer saber do conteúdo todo que está aí no teu portefólio, qual foi o que achaste mais difícil de fazer? Qual tiveste mais dificuldade? Olha vê lá!

Criança: O que eu tive mais dificuldade foi este (apontando).

Adulto: Porquê?

Criança: Porque tivemos de procurar no computador e eu ainda não consigo muito bem procurar as coisas no computador.

Adulto: Muito bem! Tiveste de pesquisar na internet, foi isso?

Criança: Sim, o meu pai disse no google.

Adulto: Então, agora a Ana quer saber quanto tempo demoraste a fazer este trabalho do esqueleto com os cotonetes (apontando).

Criança: Um dia.

Adulto: Um dia?!

Criança: Quer dizer uma tarde, foi quando chegamos a sala de brincar até arrumarmos para irmos lanchar.

Adulto: E agora a Ana está curiosa para saber qual foi aquele que tu gostaste muito, muito de fazer.

Criança: Muito muito?

Adulto: Sim.

Criança: Foi este (apontando).

Adulto: E porquê?

Criança: Porque foi fixe.

Adulto: É só porque é fixe? Porquê que achas que é importante? O que sentes ao olhar para este trabalho?

Criança: Sinto-me muito feliz porque foi feito com a minha família e fiquei a saber mais sobre o corpo humano, as unhas.

Adulto: E agora, mostra-me no teu portefólio uma atividade ou um registo que tenhas demorado muito tempo a fazer.

Criança (observando os trabalhos/registos): Este! (apontando).

Adulto: A bruxa castanha, porquê?

Criança: Porque tive de pensar muito, muito nas asneiras que ela fazia, não eram iguais as nossas.

Adulto: E então foi difícil porque tu tinhas de perceber as asneiras dela?

Criança: Também porque tivemos de desenhar essas asneiras estranhas dela.

Adulto: Estranhas? Mas então a bruxa não fazia as mesmas asneiras que por exemplo as crianças fazem?

Criança: Não! Eram piores, porque punha coisas na banheira, punha copos no fogão.

Adulto: E agora, eu vou escolher aqui um trabalho! Este dos berlindes! E tu vais-me explicar os passos todos. Como é que começaste? O que fizeste? Explica-me lá!

Criança: Como é que eu comecei?

Adulto: Sim. Eu nunca fiz esta atividade, e por isso, eu quero que tu me expliques como fizeste esta atividade.

Criança: Tive que pôr a folha dentro de uma taça, a seguir tive que ir buscar berlindes e pôr aquilo a andar, os berlindes estavam com tinta e, depois, quando já tinha muita tinta tirei os berlindes.

Adulto: Mas como é que tu fazias para fazer a pintura?

Criança: Tive que vir assim com a taça devagarinho (fazendo gestos). E depois coloquei brilhantes.

Adulto: Tens mais alguma coisa em especial que queiras falar?

Criança: Que quero pôr?

Adulto: Não, mostrar, que já esteja aqui no teu portefólio.

Criança: Esta que foi quando eu era chefe, tive que me levantar do chão e sentar-me na cadeira da D. para mandar os meus amigos pararem de falar.

Adulto: Então fizeste um trabalho excelente!

Criança: Sim.

Adulto: Muito bem. Como queres terminar? Gostaste?

Criança: Gostei, estive a ver outras vez as minhas coisas do portefólio e a responder às tuas perguntas para ajudar para a tua professora.

Adulto: Gostas de trabalhar no portefólio com a Ana?

Criança: Adoro! Estamos a fazer um bom trabalho!

Anexo 49: Conferência Criança 2- Adulto

Adulto: Então Inês? Vamos lá começar, lembras-te do que fizeste neste?

Criança: O meu pai fez os pulmões com preto, depois a minha mãe escreveu e eu copieei por cima.

Adulto: E neste, lembras-te?

Criança: Fiz as contas.

Adulto: E neste?

Criança: Recorte e colagem, recortei e coleí na folha.

Adulto: E achaste difícil?

Criança: Não.

Adulto: Conseguiste fazer com facilidade? Porque achas que conseguiste fazer com facilidade?

Criança: Porque este trabalho é muito fácil, só tinha de recortar com a tesoura e colar com a cola.

Adulto: E neste aqui, lembras-te?

Criança: Primeiro a D. deu-nos e pusemos na mesa, fizemos os números e depois fizemos as estrelas e os corações e os meninos depois fizeram o nome e à volta a decoração.

Adulto: Muito bem! Gostaste muito de fazer esse trabalho?

Criança: Sim.

Adulto: Porquê?

Criança: Porque foi muito fácil.

Adulto: Mas eu acho que também aprendeste aí uma coisa, não achas?

Criança: Aprendi os números.

Adulto: Muito bem! E neste aqui? Como é que foi isto?

Criança: A Ana teve de chamar e depois os meninos iam fazer com a boca ou com os pés.

Adulto? Iam fazer o quê?

Criança: Um desenho.

Adulto: E porquê que a Ana quis fazer um trabalho com a boca e com os pés? Achas que apenas lhe apeteceu?

Criança: Para os meninos saberem que há pessoas que trabalham com a boca e com os pés.

Adulto: E porquê?

Criança: Porque não têm mãos e não conseguem fazer com as mãos.

Adulto: E neste aqui? Lembras-te?

Criança: O Tino Tonto!

Adulto: E lembras-te onde é que nós ouvimos esta história?

Criança: Na biblioteca.

Adulto: E neste? Eu vou-te recordar, nós escrevemos aqui, o quê?

Criança: As letras dos cinco sentidos.

Adulto: E lembras-te quais são os cinco sentidos?

Criança: Mais ou menos, audição, tato, paladar, olfato e visão. (disse com o auxílio do adulto).

Adulto: Olha e agora de todos os trabalhos/registos qual foi aquele que tu achaste mais complicado? Que tiveste de estar mesmo muito atenta para o conseguires fazer.

Criança: Este.

Adulto: E qual é esse?

Criança: A pintura dos pés.

Adulto: E porquê?

Criança: Porque eu tinha de estar muito atenta para segurar muito bem com os pés e para não me enganar. Mas era muito difícil.

Adulto: E lembras-te quanto tempo demoraste a fazer a pintura? Foi muito, pouco ou mais ou menos?

Criança: Foi mais ou menos.

Adulto: E agora destes registos/trabalhos todos que tu tens aqui qual é o mais importante para ti? Aquele que consideras que é muito importante para ti.

Criança: Este.

Adulto: Porquê que achas que o trabalho dos cinco sentidos é importante?

Criança: Porque é do corpo humano.

Adulto: E o que nós andamos a fazer?

Criança: Andamos a descobrir o corpo humano, por isso foi importante este trabalho porque descobrimos mais coisas sobre o corpo humano.

Adulto: Agora eu vou-te propor um desafio, antes de terminarmos. Vou escolher este trabalho que fizeste com a mãe e com o pai e tu vais-me explicar os passos desse trabalho. O que fizeste primeiro? O que fizeste depois? Vais fazer assim, vais fazer de conta que a Ana quer fazer este trabalho e tu tens de me explicar como é que se faz.

Criança: Primeiro o meu pai fez os pulmões numa folha branca, depois a minha mãe mandou-me fazer o meu nome e 5B, depois a minha mãe copiou e eu copieei por cima, quando a minha mãe terminou isto e isto (apontando), ela pintou isto e isto (apontando).

Adulto: Muito bem! Acho que já sei fazer um trabalho igual ao teu! Obrigada pela ajuda!

Anexo 50: Conferência Criança 1- Criança 2

Criança 1: Isto sou eu a fazer o jogo que a Ana trouxe para a sala.

Criança 2: Esse jogo é muito divertido, eu fiz contigo.

Criança 1: Este registo fui eu que pedi à Ana para escrever de quando fui à médica.

Criança 2: E o quê que a médica fez?

Criança 1: Tirou-me uma ecografia.

Criança 2: De quê?

Criança 1: Da barriga. Aqui sou eu quando fui responsável do dia, e a Ana tirou uma foto sem eu ver, sem eu pedir para pôr no portefólio. Era eu a mandar os amigos fazerem silêncio.

Criança 2: E porquê que mandaste?

Criança 1: Porque eles estavam a gritar, a falar muito alto e tive de tomar conta deles.

Criança 1: Aqui foi a construção que eu fiz com os meus amigos. Tens alguma pergunta para me fazer?

Criança 2: Não.

Criança 2: Não olhes para mim, foste tu que fizeste não fui eu.

Criança 1: Aqui fui eu a recortar a pessoa e a menina, o casaco, assim (fazendo o gesto de recorte). Tens alguma pergunta?

Criança 2: Não.

Criança 1: Isto fui eu a fazer um puzzle. Tens alguma pergunta?

Criança 2: Hum, foi muito divertido?

Criança 1: Isso não é uma pergunta.

Criança 2: É sim, não é Ana?

Adulto: Sim, a I. está a perguntar-te se te divertiste, se estás feliz a fazer esse puzzle.

Criança 1: Ah então sim foi muito divertido.

Adulto: Então porquê?

Criança 1: Para aprender mais matemática. Neste (apontando para outro trabalho) fui eu a fazer uma pintura com berlindes.

Criança 2: E foi muito divertido?

Criança 1: Sim, foi muito divertido!

Criança 2: E foi lindo?

Criança 1: Sim ficou lindo, não vê? Este (apontando para outro trabalho) foi o poema da bruxa que só fazia asneiras estranhas. Queres dizer alguma coisa?

Criança 2: Não!

Criança 1: Este é o Tino Tonto, é uma história muito tonta. Isto (apontando para outro trabalho) foi o trabalho que fiz com a minha família, sobre a pele.

Criança 2: Sobre os pelos, sobre as pessoas com outras cores.

Criança 1: Pois. Isto (apontado para outro trabalho) fui eu a fazer um esqueleto com cotonetes. Tens alguma pergunta?

Criança 2: Eu fiz, primeiro o meu pai fez de preto os pulmões, depois quando o meu pai acabou, a minha mãe fez estas letras e eu passei por cima, e eu fiz o meu nome de M. e de I., e depois e depois escrevi 5B e a minha mãe pintou de rosa. Tens alguma pergunta?

Criança 1: Não.

Criança 2: Esta estava a fazer contas. Tens alguma pergunta?

Criança 1: Tenho. Onde está a tua cara?

Adulto: Tem de ser perguntas importantes. És capaz de fazer uma pergunta importante à I. sobre este registo?

Criança 1: Consigo, porquê que fizeste isto aqui tudo rosa (apontando para a fotografia)?

Criança 2: Porque são os quadrados das contas. Neste (apontando para outro trabalho) recortei a menina e depois colei com a cola e fiz o nome e a data e foi fácil. Tens alguma pergunta?

Criança 1: Tenho. Porque não recortaste esta parte?

Criança 2: Com a tesoura.

Criança 1: Não, porque não recortaste esta parte?

Criança 2: Porque não conseguia.

Criança 1: Eu conseguia.

Criança 2: Tens mais alguma pergunta?

Criança 1: Não.

Criança 2: Neste eu fiz os números que faltavam nos quadrados, depois pinte os bonequinhos e as estrelinhas e os corações, fiz a moldura de corações e bolinhas. Tens alguma pergunta?

Criança 1: Porque tem aqui um coração no meio das bolas?

Criança 2: É a decoração.

Criança 1: E este?

Criança 2: Foi a pintura com os pés.

Criança 1: Eu tenho uma pergunta!

Criança 2: Calma, isto é o céu, as nuvens, uma minhoca, o chão, a relva e a flor.

Criança 1: E como fizeste isso aí?

Criança 2: Com os pés.

Criança 1: Porque pintaste de amarelo?

Criança 2: Porque o meu girassol é amarelo. Este (apontando para outro trabalho) era o Tino Tonto, com a relva, os ovos, a senhora e as árvores o céu e o sol.

Criança 1: Eu tenho uma pergunta!

Criança 2: Podes dizer!

Criança 1: O que é isto aqui à volta dos ovos?

Criança 2: É o pano. Neste (apontando para outro trabalho) fiz as letras, a pessoa, a boca, a flor e a pandeireta a fazer ritmo.

Adulto: E porque fizeste a pandeireta a fazer ritmo?

Criança 2: Porque era para mostrar música e a audição. Tens alguma pergunta?

Criança 1: O que é isto?

Criança 2: Uma boca.

Criança 1: O que é isto?

Criança 2: Uma pandeireta.

Adulto: Pensa numa pergunta importante para a I. que demonstre que a I. conseguiu fazer, ou se sentiu dificuldade.

Criança 1: Sentiste dificuldade?

Criança 2: Não, eu consegui fazer o que a Ana pediu.

Criança 1: Tens mais alguma pergunta para me fazer?

Criança 2: Não.

Adulto: Têm mais alguma pergunta para fazer um ao outro que não tenham feito?

Criança 1 e 2: Não.
